



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Eduardo de Britto Morand Paixão

**Uma dificuldade pelos caminhos da ética da psicanálise: a  
sexualidade perversa e a perversão**

Rio de Janeiro

2016

Eduardo de Britto Morand Paixão

**Uma dificuldade pelos caminhos da ética da psicanálise: a sexualidade perversa e a perversão**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicanálise.

Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge

Rio de Janeiro

2016

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

Paixão, Eduardo de Britto Morand

**Uma dificuldade pelos caminhos da ética da  
psicanálise: a sexualidade perversa e a perversão.** Rio de  
Janeiro: UERJ / Instituto de Psicologia, 2016.

Orientador: Marco Antonio Coutinho Jorge  
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro,  
Instituto de Psicologia da UERJ, 2016.

Eduardo de Britto Morand Paixão

**Uma dificuldade pelos caminhos da ética da psicanálise: a  
sexualidade perversa e a perversão**

Dissertação apresentada como requisito parcial  
para obtenção do título de Mestre, ao Programa  
de Pós-Graduação em Psicanálise da  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área  
de concentração: Psicanálise.

Banca examinadora:

---

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge – Orientador  
UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Rita Maria Manso de Barros  
UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Helena Coelho Martinho  
UVA

Rio de Janeiro  
2016

## AGRADECIMENTOS

Ao Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>o</sup>. Marco Antonio Coutinho Jorge, por seu interesse pelo trabalho trazendo diversas questões interessantes, por suas aulas, pelas indicações de leituras e trocas constantes, apresentando possíveis caminhos que foram fundamentais para a elaboração da dissertação.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Helena Coelho Martinho que, mesmo sem saber, me influenciou desde antes da minha entrada no mestrado e aceitou em participar prontamente da qualificação deste trabalho, trazendo valiosas contribuições para a finalização da pesquisa.

À Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Rita Maria Manso de Barros, com suas aulas enriquecedoras e pela colaboração com críticas pertinentes ao tema.

Ao Programa de Pós-graduação em Psicanálise da UERJ, seu corpo docente por todos seus ensinamentos e aos funcionários pela gentileza de sempre.

Aos meus pais Geraldo Paixão e Katia Regina, e meus irmãos Pedro e Laura Paixão, por tudo o que eu sou hoje.

Ao Ambulatório do Flamengo e todo o grupo que sustenta esse trabalho, especialmente pela criadora e idealizadora do projeto, Isabel Senra.

Ao Grupo Verde que me mostrou outras formas de trabalhar extraterritorialmente, Claudia e Bruna Pina, Alessandra e Fabio Araujo.

Aos meus colegas de curso, pelas constantes trocas, discussões e amizades.

Aos amigos que me acompanham nessa caminhada pela psicanálise, Marcela Laboissiere, Leonardo Miranda e Fernanda Machado.

Aos amigos da graduação em Filosofia Alexandre Barros e Luiz Ferreira que, sempre com conversas entusiastas, me fazem refletir e pensar de um outro prisma teórico.

À Clarisse Ruas, pelo carinho e amizade que compartilhou nas alegrias necessárias durante o processo de dissertação e na divisão da “Casa da Odara” com uma harmoniosa convivência no reconhecimento da alteridade.

## RESUMO

PAIXÃO, Eduardo de Britto Morand. *Uma dificuldade pelos caminhos da ética da psicanálise: a sexualidade perversa e a perversão*. 2016. 122f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

O presente trabalho investiga a sexualidade perversa e a perversão, tema com grande relevância política não só no âmbito da psicanálise, mas em diversas outras áreas do saber. Um dos problemas cruciais da psicanálise e conceito fundamental, ainda se presencia uma grande confusão com esse saber. Nessa dificuldade pelos caminhos da psicanálise, no primeiro capítulo fez-se uma busca histórico-discursiva do que ainda não tinha nome. Passando pelo Iluminismo e um novo estilo discursivo sobre o sexo, mostra-se como cada vez mais ficou inevitável a sexualidade não entrar em questão. O trabalho destacou o surgimento das ciências do sexo em conjunto com outros saberes, procurando mostrar o período em que Freud estava inserido e como desenvolveu sua teoria. Para tal, uma pesquisa do conceito em sua obra se fez necessária, observando suas diferentes posições teóricas ao longo de seus estudos. Desde o começo de seus escritos, a sexualidade perversa e perversão são colocadas como conceito, mas nesse momento Freud ainda estava se desvencilhando das correntes teóricas da época. Conceitos que apareceram logo no início de sua obra, só no final com uma diferenciação mais nítida ganharam seu estatuto definitivo. A fundamentação teórica-clínica de Freud destaca essas dificuldades, e só em 1927, com a *verleugnung*, que o mecanismo de defesa é conceitualizado e defini-se, junto com a psicose e a neurose, numa estrutura tripartite. Após essa pesquisa conceitual, o trabalho apresenta as dificuldades de transmitir esse saber que não sabe, estranho e extraterritorial. E não só transmitir, mas principalmente aceitar em toda sua estranheza e sustentar a subversão freudiana, pois são conceitos centrais da teoria que se diferenciam de todos os saberes anteriores. Nesses impasses, desembocamos na questão da ética, a metapsicologia de Freud. Por aceitar o furo do ser-para-o-sexo, o trabalho converteu para a arte e a sublimação como formas de saber fazer com a pulsão sexual, elevando o objeto à dignidade da Coisa. Esses impasses são trabalhados e relacionados com a obra de Freud e Lacan, apresentando e ressaltando a necessidade de sustentar a subversão freudiana.

**Palavras – Chave:** Sexualidade perversa. Perversão. Pulsão. Ética. Psicanálise.

## ABSTRACT

PAIXÃO, Eduardo de Britto Morand. *Difficulty through the path of ethics in psychoanalysis: the perverted sexuality and the perversion*. 2016. 122f. Dissertation (Masters in Psychoanalysis) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

The present work investigates perverted sexuality and perversion, themes of great political relevance not only in the field of psychoanalysis, but in various other fields of knowledge. Despite being fundamental concepts and crucial problems in psychoanalysis, there is great confusion within its knowledge. In investigating this difficulty within the field of psychoanalysis, in the first chapter, a search for a historical discourse for what was yet to be named was conducted. Through the Age of Enlightenment with its new discourse regarding sex, it became progressively inevitable to question sexuality. The work highlighted the birth of sexual sciences in relation to other areas of knowledge. We sought to bring to surface the period in which Freud was relevant and how he developed his theories. A research in the concept of his work, in which his different theoretical positions was observed, was necessary. At the beginning of this writings, perverted sexualities and perversion are presented as concepts, as Freud still identifies with the thought processes of the time. Some concepts that appear in the early stages of his work, only gain permanent statute in his late works. Freud's theoretical-clinical foundation highlights these difficulties and it is only in 1927, with the *verleugnung*, that the defense mechanism is defined and conceptualized, along psychosis and neurosis, in a tripartite structure. After this conceptual research, the work presents difficulties to transmit this knowledge that is not known, strange and extraterritorial. And it is not only to transmit, but also to accept the strangeness and to support Freud's subversion of concepts, as they are theoretical central concepts that differentiate themselves from prior knowledge. In these impasses, we arise at the question of ethics, Freud's metapsychology. For accepting the hole of being-to-the-sex, the work converted to art and sublimation as ways to know how to do about the sexual drive, elevating the object to the dignity of the Thing. These impasses are worked and related to the works of Freud and Lacan, presenting and emphasizing the need to sustain Freudian subversion.

**Keywords:** Perverted sexuality. Perversion. Drive. Ethics. Psychoanalysis

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1 .....	<b>D</b>
<b>DIFICULDADES NO CAMINHO DA SEXUALIDADE E DA PERVERSÃO</b> .....	18
1.1 .....	N
a busca de um lugar ( <i>locus</i> ) para uma perspectiva do que ainda não tem nome.....	19
1.2 .....	A
irrupção de discursos sobre o sexo e a sexualidade em questão .....	29
1.3 .....	A
ciência positivista e as perversões .....	41
<b>2 PERSPECTIVAS DA ELABORAÇÃO DA SUBVERSÃO FREUDIANA</b> .....	48
2.1 Um pensamento em construção .....	49
2.2 Os três ensaios – a invenção do conceito de pulsão.....	55
2.3 No caminho do avanço do conhecimento e o “ciclo da fantasia” .....	66
2.4 A pulsão de morte e a perversão na segunda tópica .....	70
<b>3 A DIFICULDADE DE SUSTENTAR A SUBVERSÃO FREUDIANA</b> .....	77
3.1 Um estranho ( <i>unheimlich</i> ) discurso extraterritorial .....	79
3.2 Ética da psicanálise .....	89
3.2 Arte e sublimação.....	100
3.4 O sexo tecnológico e sua multiplicidade infinita .....	102
<b>CONCLUSÃO</b> .....	107
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	115



## INTRODUÇÃO

Toda sexualidade humana é perversa. Essa foi a subversão promovida por Freud sobre a sexualidade em 1905, com os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. A subversão da sexualidade infantil, através do conceito de pulsão articulada pela linguagem, promoveu um corte epistemológico com os saberes antecedentes e mostrou que a sexualidade humana com sua perversão-polimorfa não corresponde a uma condição naturalista do desejo. Apresentando uma sexualidade que não é instintual e não está a serviço da manutenção e preservação da espécie, Freud questionou os saberes e os autores de sua época, ao questionar o que seria a vida sexual ‘normal’, pois “justamente no campo da vida sexual é que se tropeça (...) quando se quer traçar uma fronteira nítida entre o que é mera variação e o que constitui sintomas patológicos” (FREUD, 1905/2006, p. 152).

Essa dissertação surgiu de questões da práxis psicanalítica que irromperam na clínica de um ambulatório público a partir de um caso extremamente complicado. Ao iniciar uma pesquisa sobre a perversão, a psicose e a possibilidade de trabalho de análise com pacientes “contraindicados”, me deparei com uma vasta confusão principalmente sobre o campo da perversão. Com essa pesquisa percebemos uma grande miscelânea na questão da sexualidade perversa infantil, na questão da perversão com a normalidade, na estrutura e no ato perverso, assim como o uso desse discurso da sexualidade em diversas esferas: nos dicionários, na filosofia, na sociologia, na medicina, no campo jurídico, na literatura e nos próprios campos da psicologia e da psicanálise. Mas como esse discurso sobre a perversão e a sexualidade aparecem ao longo da história e na história da psicanálise? De que maneira esse(s) discurso(s) – moral, religioso, médico, normativo-familiar, jurídico – foi atravessando os séculos e como vão se transformando com o tempo?

Falar sobre esse tema é um tanto complicado, assunto ao mesmo tempo muito presente nos viventes, por mais que na maioria das vezes de forma velada, seu discurso tem gerado controvérsias em diversas áreas e principalmente no âmago da teoria e da clínica psicanalítica. Ponto nevrálgico na psicanálise, a sexualidade perversa e a perversão implicam diferentes questões, como a ética, o diagnóstico, a função paterna (e seu suposto declínio), a castração, o sentimento de culpa, a fantasia, os atos, entre outros. Mas sua dificuldade não é de ontem, visto que a moral e os moralistas doutos

sempre recusaram e rejeitaram seu problema. Tema relevante, a sexualidade tem cada vez mais aparecido em diversos meios – mídias, redes sociais, saberes – e sempre com muita confusão nas suas relações intrínsecas. Nunca o sexo foi tão falado e estudado como atualmente, recebendo codificações, classificações, avaliações, medicalizações, exames, formas de exibições, desconstruções, e novos nomes para as “diferençaS sexuaiS”. Jamais a sexualidade foi tão pesquisada, experienciada e livre. Presente em diversos graus e em múltiplas formas, expressões e variações, a perversão incide na e em relação à sexualidade, constituindo-se como um campo interminável de interesse e investigação teórico-clínico. Assim, falar de perversão é falar de sexualidade.

Vivemos uma exposição da sexualidade e do sexo com uma liberação e facilidade no acesso nunca antes vista, e observa-se que esse campo sempre foi abordado de diferentes maneiras ao longo dos tempos. Além disso, o caráter patológico da perversão não deve ser designado pelo conteúdo do alvo sexual, “mas na sua relação com a normalidade” (FREUD, 1905/2006, p. 152). Manifesto em todas as sociedades humanas, “um ou outro traço de perversão raramente está ausente da vida sexual das pessoas normais” (1916/2006, p. 326), e a sexualidade *perversa* humana, em todas suas múltiplas formas, apresenta-se como um fenômeno sexual, político, psíquico, social, trans-histórico, trans-linguístico e trans-territorial. A sexualidade humana é perversa, *mas mesmo assim...* (MANNONI, 1973)<sup>1</sup>.

Mas por que até hoje se desmente (*Verleugnung*) em diversos meios esse saber que se sabe? E o que a psicanálise teria a dizer sobre a sexualidade e onde a perversão entra nisso? *Isso* traz alguma consequência para a clínica? E qual a relação da sexualidade com “os interesses e feitos” do ser humano? Onde a sexualidade perversa polimorfa entra nessa questão? Como os discursos sobre a sexualidade perversa vão se expressar no liame social?

Diante dessa confusão, que também se manifestou implicitamente sobre o autor desse trabalho, viu-se a oportunidade de afirmar e tentar sustentar a subversão freudiana. Mas, “estaremos nós à altura de sustentar o ser-para-o-sexo da subversão freudiana?” (LACAN, 1967/2003, p.362); Em 1967, Lacan acreditava que não, e concordamos quando se nota que ainda não estamos inteiramente alojados nessa posição, com confusões devido ao grande moralismo que ainda prevalece não apenas

---

<sup>1</sup> - Título do texto *Eu sei, mas mesmo assim...* “Pode-se compreendê-la como sendo simplesmente o repúdio da realidade [...] o ‘mas mesmo assim’ é o fetiche”, p. 12.

nos diagnósticos, mas principalmente nas formas de gozo incômodas determinada pela pulsão na relação com o objeto de gozo do Outro.

Sustentar essa subversão alcançada pela descoberta do inconsciente, da sexualidade infantil e traumática, da pulsão e do sintoma, é afirmar o estatuto e o lugar da psicanálise, pois “em nenhuma pessoa sadia falta algum acréscimo ao alvo sexual normal que se possa chamar de perverso, e essa universalidade basta, por si só, para mostrar quão imprópria é a utilização reprobatória da palavra perversão” (FREUD, 1905/2006, p. 152). A própria direção na descoberta da psicanálise em Freud coincide em reconhecer o fundo perverso inerente à sexualidade.

Com a apreensão de um vocabulário novo e rebuscado para falar do inenarrável, o estudo da falácia histórica do vocábulo das perversões demonstra-se extremamente rico e ambíguo. A polissemia que a palavra comporta apresenta uma pluralidade conceitual agregada ao termo. Mas verificou-se que esse é um dos elementos que contribuí para a confusão do tema e dos termos, além da tonalidade moralista das próprias classificações.

A construção semântica do léxico (LANTÉRI-LAURA, 1994, p. 23-26; ROUDINESCO, 2008, p. 9; FERRAZ, 2000, p. 22; JULIEN, 2003, p. 101; CUNHA, 2010, p. 492) aparece pela primeira vez em 1190, elaborado do latim *pervertere*, derivando no adjetivo singular *perversité* – perversidade. O uso substantivado *perversion* aparece pela primeira vez em 1444. Empregado geralmente no plural, o substantivo perversões emana do latim clássico *perversum*, e aparece com o sentido de *reverter*, *retornar*, *inverter*. Desde sua origem, a palavra ganha um sentido depreciativo, associada à crueldade designa agressividades e as práticas sexuais mais diversas, ganhando diacronicamente cada vez mais um aspecto moral. Mas percebe-se que “perversão” e “perversidade” tem a mesma origem, acarretando confusão na demarcação do termo.

Os termos *perversion* (perversão) e *perversité* (perversidade) derivam de empréstimos dos derivados latinos *pervertere*, ocasionando confusão na delimitação dos termos “perverso” e “pervertido”. Reportando o perverso aos comportamentos, o pervertido designa uma disposição permanente de caráter. No primeiro, observa-se o caráter adquirido que incide sobre os atos, ao passo que, no segundo, observa-se o caráter congênito, uma falha no próprio sujeito com uma disposição permanente do

caráter que, remetido à agressividade e à crueldade, inflige o mal em outrem. Lanteri-Laura (1994, p. 26) ainda destaca que a perversidade pertencia ao mesmo campo da mania sem o delírio, ou ao delírio dos atos. Mas como a contingência ou a necessidade desses “distúrbios” diferenciam-se na perversão? É a perversidade ou as perversões que fazem o pervertido? As perversões manifestam-se como sintomas apresentados pelo perverso ou pelo pervertido? E a perversidade, aonde começaria? Martinho (2011) esclarece, há quem prefira “pervertido” para o traço de caráter, e “perverso” para o comportamento dos perversos. Mas como diferenciar esse comportamento dos perversos de um traço de caráter do pervertido? O traço de caráter não deixa de se manifestar como um comportamento, mas de que maneira a incidência do comportamento determinaria um traço de caráter?

Após aparecer tardiamente na linguagem médica e jurídica anterior a Freud, a perversão passou a ser designada por *perversão moral*, decalcada da *loucura moral*. Configurando-se como uma espécie de personagem que escapa à lei, vai ganhando cada vez mais formas e vocabulários específicos, por mais que o essencial permaneça o mesmo. Apreendida apenas em determinada norma social e tornando-se um personagem que escapa à lei, o que envolve a lei para o discurso perverso? E como a lei hoje se configura diante dos discursos perversos, haveria uma evolução das leis? Nesse ponto do tempo em que nos encontramos, como falar de uma lei que recai sobre o real?

A psiquiatria exclui o termo perversão e adota *parafilia*<sup>2</sup> (OMS, 1993) ao lado das *disfunções sexuais* e dos *transtornos de identidade do gênero* para designar o “gosto pelo acessório”, ou seja, o não genital. Existe também a categoria *Psicopatia*<sup>3</sup> ou *Transtorno de personalidade antissocial*, reclassificado pelo DSM e CID 10, que não coincide com nenhuma entidade nosológica da clínica estrutural. As psicopatias surgiram do campo jurídico como crime de violência sexual, referindo-se às “práticas eróticas incomuns” que procuram dominar o outro. Mas o que seriam essas práticas eróticas incomuns diante da sexualidade perversa polimorfa? Hoje, no senso comum que não existe (LACAN, 2011), a perversão é colocada em referência à sexualidade como algum desvio sexual, e no social, vinculada à agressão e ao desvio de alguma

<sup>2</sup> - Do grego *para* - “fora de” e *philia* - “amor”.

<sup>3</sup> - Do grego *psyché* - “alma” e *pathos* - “paixão, sofrimento”. Freud usou essa expressão em seu artigo *Personagens psicopáticos no palco*, de 1905 ou 1906, mas de forma ampla para designar os doentes mentais de modo geral.

norma ou simplesmente uma forma incômoda de gozar. Não podemos nos esquecer de que “as coisas são feitas de esquisitices”, e esse deve ser “um caminho pelo qual se possa esperar um futuro da psicanálise – ela deveria se dedicar suficientemente à esquisitice” (LACAN, 1974/2005, p. 64).

Sem nos eximirnos, não nos apoiaremos pelos vieses da cultura, e seguindo os passos de Lacan (1972-73), nos absteremos de seguir por esse caminho que estimula sentimentos velados da influência circunstancial do ambiente, para falar de discursos e enunciados<sup>4</sup> do liame social. Discurso, pois não há outra maneira de designar os ditos de um liame social, que “só se instaura por ancorar-se na maneira pela qual a linguagem se situa e se imprime, (...) sobre o ser falante” (LACAN, 1972-73, p. 60). Na dificuldade em expor esse tema e não cair num moralismo, nem num erro gramatical, ou ainda, na ambiguidade da “perversão” correspondendo tanto ao adjetivo como o substantivo, optamos pelos “discursos perversos”. Os discursos perversos separam-se do quadro clínico específico da estrutura perversa por expressarem uma qualidade dos discursos, e não do sujeito que produz o discurso, mas isso não exclui a necessidade de contornar esse sujeito. Para tal, cabe a diferenciação do “discurso do perverso”, que incide o mecanismo de defesa da *Verleugnung*, o desmentido.

Um tema tão rico e presente em diversos campos do ser e do saber, os atos de *perversões* foram adquirindo produções discursivas diversas, mas, a partir do campo freudiano e a diferenciação de uma psicodinâmica própria, com seu mecanismo particular e diferenciado, o *perverso*, no singular, recebe uma definição estrutural específica que não se confunde com os traços perversos inerentes das estruturas neuróticas e psicóticas. A perversão-polimorfa da sexualidade é diferente da estrutura perversa, mas ainda assistimos uma confusão sem nem mesmo chegar às estruturas, patologizando práticas, atos e comportamentos inseridos num grande caldeirão moral. O universo da perversão traz muita confusão, pois se não o somos, já fomos um dia perverso-polimorfos, uma vez que “a vida sexual dessas pessoas (neuróticos) começa como a dos perversos” (FREUD, 1905/2006, p. 224).

As construções teóricas pós-freudianas variam substancialmente de uma para a outra, apresentando uma falta de consonância entre as diferentes abordagens, que, por vezes, até se contradizem. Infelizmente esse campo ainda é pensado no meio

---

<sup>4</sup> - “Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por ‘agentes coletivos’ não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades)”. (DELEUZE; GUATTARI, 1996. p. 51).

psicanalítico de uma maneira muito diferente da qual Freud conceituou, prevalecendo a moral nos casos clínicos que colocam a perversão sempre do lado do “mal”. Mas exatamente pela denegação da sexualidade perversa que se verifica uma confusão com a teoria freudiana dentro da própria psicanálise. Consequentemente, a perversão sempre foi acompanhada de variados clichês, desde que o “perverso não vai para a análise”, que “perverso não sente angústia”, “perverso não ama”, “não existe mulher perversa”, entre outros que nos mostram uma resistência e falta de entendimento da sexualidade perversa.

Enfatizando o efeito do recalque no homem afetado pela linguagem, Lacan (1968/2006, p. 74) mostra que esse fenômeno está ligado às necessidades das normas morais e comportamentais. Sessenta anos antes, Freud já havia exposto o antagonismo entre a civilização e a vida pulsional em *Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna* (1908), assim como o fez ainda antes no *Rascunho N*, ou depois em *Totem e tabu*, marcando o lado antissocial do incesto que consiste numa renúncia progressiva para o desenvolvimento da civilização (*Kultur*) e a relação inversa entre a pulsão e o livre desenvolvimento da sexualidade.

Se no ano de 1968, Lacan (1968/2006, p. 27) já criticara os círculos psicanalíticos por pouco falarem de sexualidade, hoje *menos ainda* ouvimos nos círculos psicanalíticos a questão da sexualidade, ao mesmo tempo em que a mídia, os meios de comunicação, a filosofia e a literatura mais do que nunca abordam as multiformas do sexo e da sexualidade, mas ignorando a descoberta freudiana. “Existe agora alguma coisa mudada. A sexualidade é alguma coisa mais pública” (Idem).

Para apresentar sua teoria sexual, Freud apresenta o conceito de “pulsão” e ratifica a sexualidade perversa. Mostrando sua radical contingência de alvos e objetos, indica que “a natureza da pulsão seria que, em si mesma, ela não possui qualidade nenhuma, devendo apenas ser considerada como uma medida de exigência de trabalho feito à vida anímica” (FREUD, 1905/2006, p.159). Verifica-se assim, a advertência sobre a possibilidade de pensar a perversão como um mero desvio sexual. Se sua teoria foi considerada subversiva foi porque demonstrou através do conceito de pulsão que toda “aberração” e “desvio” fazem parte da sexualidade humana.

Pulsão e perversão são noções que sempre trouxeram grandes confusões no entendimento estrito, gerando controvérsias no âmago psicanalítico. Mas o paralelismo não exclui suas diferenças, portanto, pulsão e perversão não são a mesma e única coisa.

Uma distinção entre os termos torna-se necessária para permitir vislumbrar melhor seus mecanismos sem equivaler um pelo outro. Conceitos que não podem ser ditos de maneira unívoca são apresentados pela primeira vez em 1905, gerando “escândalo”, confusões e interpretações ingênuas.

Nesse texto, Freud chegou à conclusão de que “há algo inato atrás das perversões, mas que é algo inato em todas as pessoas, embora, como uma disposição, possa variar de intensidade e ser aumentado pelas influências da vida real” (FREUD, 1905/2006, p.162). Deste modo, em que circunstâncias uma manifestação da sexualidade perversa é considerada sintomática (“patológica”), e quando faz parte da sexualidade adulta (“normal”)? Se a sexualidade é polimorfa e encontra-se em todos os sujeitos, a disposição perversa como parte integrante da constituição normal não é suficiente para qualificá-la como perversão, pois esta só se constitui após uma série complexa de transformações da pulsão sexual.

Infelizmente, ainda observamos uma parte considerável de analistas com atitudes de condenação e preconceito no que tange ao campo das expressões da sexualidade perversa e das perversões. As práticas sexuais dos perversos e dos neuróticos, por mais que nos tragam estranheza e repugnância, desempenham em suas vidas o mesmo papel que a satisfação sexual “normal” desempenha em outrem. Não obstante, procuramos desfazer, assim, o precipício colocado entre perversão e normalidade, pois “não há diferença alguma entre sexualidade pervertida e normal, a não ser o fato de que suas pulsões componentes dominantes e, conseqüentemente, seus fins sexuais são diferentes” (FREUD, 1916/2006, p. 327). Cabe a nós, psicanalistas, determinar “os pontos que essas anormalidades se baseiam naquilo que é normal e os pontos que divergem da normalidade (...) afinal de contas, o que temos de encarar neste assunto é um campo de fenômenos como qualquer outro” (Idem, p. 312).

Diante da dificuldade de pesquisar um significante que ainda não existia em tempos antigos, no primeiro capítulo procuramos contornar um certo tipo “lugar” (*lócus*) implícito para a perversão. Divido em três tópicos, o primeiro evidenciou-se a dificuldade cartográfica de compreensão desse campo antes que seu significante pudesse aparecer no fim do período medieval. Com isso, propomos uma busca para

entender como autores<sup>5</sup> de um período anterior ao surgimento da palavra falavam dessas manifestações. No segundo tópico, mostramos o começo de uma nomeação um tanto complicada e obscura, mas buscamos compreender sua criação e como se deu a apropriação desse campo. Percorrendo por campos extraterritoriais e interdisciplinares de conjunções de poder, saber (científico) e dos literários buscamos entender suas múltiplas faces de uma só. Por último, abordamos como a ciência, em especial a medicina, se apropriou desse incômodo social a partir da razão.

No segundo capítulo iremos desenvolver os assuntos e conceitos inerentes ao tema na psicanálise. Abordaremos a elaboração e o desenvolvimento da subversão freudiana ao longo de sua obra junto aos comentários de Lacan. Ao conceitualizar não só a pulsão, com sua radical contingência de objetos, mas todo um conjunto conceitual do sexual representado pela libido, pelo apoio, pela bissexualidade, pela fixação, pelo objeto *contingente* e pelo corpo, Freud dificultou a possibilidade de se pensar a perversão como um mero desvio sexual.

Assim, trabalharemos no primeiro tópico o caminho da elaboração de Freud antes de apresentar seus *Três ensaios sobre a sexualidade*, e como se desvencilhou dos saberes de sua época. O segundo tópico foi destinado ao esmiuçamento desta obra canônica que promoveu um corte epistemológico e foi modificada constantemente ao longo de sua pesquisa. Nesse tópico, mostraremos o surgimento de sua teoria das pulsões – sua mitologia, marcando a importância e a necessidade de falarmos mais da “parte mais importante da teoria psicanalítica”. Dando continuidade à proposta, destacamos o valor do “ciclo da fantasia” para sustentar a subversão freudiana. Na última parte, mostraremos que o encontro com a perversão condiciona diretamente o psicanalista a considerar a pulsão de morte e os desenvolvimentos posteriores complementares. Acreditamos que nessa volta aos textos de Freud possamos refletir sobre a importância de ao menos tentar sustentar a subversão freudiana.

No terceiro e último capítulo, procuramos mostrar a dificuldade de trabalhar com um saber inefável e que não se sabe. Marcando alguns pontos em que Freud delimita nitidamente a sexualidade perversa articulada ao inconsciente, esse capítulo foi intitulado “A dificuldade de sustentar a subversão freudiana”, e foi dividido em quatro

---

<sup>5</sup> - Ficamos intrigados com a tradução de livros anteriores a existência da palavra, como em *Ética a Nicômaco* de Aristóteles, que encontra-se em diversos momentos as palavras “perverso”, “perversão” e “pervertido”.

tópicos: “um estranho discurso extraterritorial”, “a ética na psicanálise”, “sublimação e arte” e “o sexo tecnológico e sua multiplicidade infinita”. No primeiro tópico abordaremos alguns trechos da teoria freudiana dessa estranha noção que reluta em ser aceita. Transmitir um saber que não queremos saber por ser imoral requer sustentar a subversão freudiana fundamental em sua prática e teoria. Em seguida, abordamos a questão ética da psicanálise que se diferencia de todo saber anterior sobre a ética, pois se desvencilha do moralismo para pensar o sujeito em sua causa. No terceiro tópico, tratamos de pensar a sublimação e a arte na psicanálise, que foram o principal caminho usado por Freud e Lacan para falarem da perversão. Por último, contornamos os novos saberes sobre a sexualidade que acompanham os desenvolvimentos tecnológicos e o que os pensadores falam da sexualidade nos dias de hoje.

## 1. DIFICULDADES NO CAMINHO DA SEXUALIDADE E DA PERVERSÃO

Na proposta de pensar o “discurso perverso”, viu-se a importância de diferenciar o “discurso *do* perverso”. A inscrição do genitivo “do” exprime a relação de posse ou de sentidos limitativos entre um nome e seu adjunto. Mas numa interpretação, o genitivo pode ser subjetivo ou objetivo, e com isso, “discurso do perverso” marca *a priori* o genitivo subjetivo de um sujeito que se utiliza do mecanismo de defesa que estrutura o perverso em sua relação com a linguagem para desmentir a castração. A ausência ou presença desse genitivo em “discurso perverso” ou “discurso do perverso”, marca uma diferenciação importante para a confusão e generalização que até hoje deflagra o campo da perversão. Mas “discurso perverso” não exclui a presença da *Verleugnung*, que se insere tanto como defesa de um sujeito perverso estruturalmente, como também de um mecanismo que constitui o aparelho psíquico e dele depende a clivagem do eu. Queiroz (2004), Andre (1995) e Clavreul (1990) trabalharam sob essa perspectiva, sem a intenção de substantivar o sujeito em um quadro clínico, porém isso acaba sendo inevitável ao falar dessa perspectiva. Assim, “discurso perverso” qualificaria *a priori* o discurso, ao passo que “discurso do perverso” qualificaria o sujeito. O próprio ensino de Lacan mostrou que o sujeito emerge no discurso, onde o ato revela o sujeito, mas apenas revela, e por isso essa separação se dá apenas num primeiro momento, pois discurso e sujeitos são inerentes num segundo momento.

Nessa modalidade discursiva que propomos, não entraremos propriamente na questão da estrutura do sujeito, possibilitando transitar pelos atos perversos que incidem tanto na perversão, como na neurose e psicose. Nesse itinerário, uma necessidade histórica de retroceder ao longo dos discursos surgiu diante da tentativa de pensar o que nomeadamente ainda não existia. Mas como demarcar uma categoria que não possuía uma delimitação minimamente mais plausível? Com todos os seres a-sociais colocados numa mesma categoria dos *anormais*, alguns casos de fato eram patológicos, enquanto outros eram classificados nessa categoria de exclusão apenas pela moral constituinte.

As denominadas manifestações perversas fazem e sempre fizeram parte do ser humano, e, por mais que seu termo, substantivado e adjetivado, apareça apenas no fim da época medieval, observamos expressões de comportamentos impulsionados pela desmedida e tidos comumente por perversos desde os primeiros relatos de nossa História. Seja como ilusão da ideia de poder se libertar do tempo e da morte, da recusa da realidade, de sua relação com o outro, da vontade de gozo ilimitado, ou somente da

transgressão da lei, a sexualidade perversa e a perversão estão presentes em diversos níveis, em todas as formas de sexualidade humana, e, principalmente, no que mais queremos não saber.

Perpassando pelas diferentes formas de saber-poder, verificou-se que as diversas sociedades sempre tentaram se precaver dessa vontade reprimida e obscura. Mas a perversão, de fato, seria uma doença? A pessoa tem culpa por ser assim? Até que ponto as “anomalias” de caráter têm uma origem patológica? Como os autores de um período anterior ao nascimento da palavra discursavam sobre esse estilo com si e para o outro? Como foi posicionado na mudança de concepções epistemológicas o estatuto da perversão? Se a ciência substitui ou intervém na Lei, ela não faria o perverso desafiná-la ainda mais? Ou, a própria ciência se colocaria numa atuação perversa nessa reificação do humano? Procurando contornar um certo tipo de “lócus” desse discurso, o trabalho percorreu campos interdisciplinares e extraterritoriais, além dos literários e das manifestações civilizatórias.

### **1.1. Na busca de um lugar (*lócus*) para uma possível perspectiva do que ainda não tem nome:**

As civilizações sempre manifestaram formas singulares de expressão e repressão sexual, e sociedades passadas utilizavam vocabulários específicos de uma noção semelhante, de modo a agrupar fenômenos relacionados a uma mesma “natureza”, apresentando, assim, a dificuldade de uma definição unívoca do termo perversão (se é que isso seja possível). Com uma extrema diversidade de fatos e uma complexa trama interpretativa, observa-se um número de particularidades que permite o discernimento de um *estilo* próprio em si e para o outro, que ultrapassa o contexto tradicional e estreito da perversão, conduzindo-nos para um terreno *extraterritorial*.

Com um interesse estritamente histórico, Michel Foucault (1988), com sua genealogia, empreende uma pesquisa sobre a noção de sexualidade. Abordando os temas do corpo, do prazer e do desejo, publica a obra *História da sexualidade*. Independente da discussão um tanto exagerada e estéril entre o autor e a psicanálise, que se dava de forma bastante ambígua, e sabendo que seu interesse não foi pelo sujeito do desejo, mas por um trabalho histórico e crítico (FOUCAULT, 1984, p.11), essa obra é

uma preciosa aliada no diálogo com a psicanálise. Apesar de não elaborar uma análise crítica da psicanálise, esta se encontra no âmago de sua *História*, pois Foucault se inspirou no modelo psicanalítico para construção histórica e social da sexualidade fundamentada na linguagem, servindo aos nossos interesses como uma “arqueologia”<sup>6</sup>.

Os estudos de Foucault sobre a sexualidade começaram no curso sobre *Os anormais* (2010) em 1974. Ainda utilizando o termo “sexualidade” em seu sentido comum, antes de uma definição mais precisa como em *A vontade de Saber*, publicado no ano seguinte, descreveu relações, práticas e representações sexuais que apresentavam o “dispositivo de sexualidade”. Mas dando início a sua *História da sexualidade*, o autor apresenta o domínio da verdade do sexo e seus prazeres, exposta do ponto de vista de uma história (genealogia) dos discursos (FOUCAULT, 1988, p. 78).

Numa necessidade de retroceder historicamente suas pesquisas, Foucault (1984) empreende um deslocamento do projeto inicial, e no segundo volume, *O uso dos prazeres*, dá uma ênfase maior ao corpo, ou “carne”, por se constituir como um objeto privilegiado das relações de saber e poder - projeto do primeiro livro. Na Antiguidade, encontra uma forma de utopia caracterizada não pela função da castração, mas por um corpo idealizado de prazer polimorfo.

Voltando aos textos antigos da cultura greco-romana, a partir do século IV a.C., o autor percorre os modos de subjetivação enquanto “experiência”<sup>7</sup> na gênese do homem do desejo – *A hermenêutica do desejo* – para pesquisar a sexualidade como “uma experiência historicamente singular” (FOUCAULT, 1984, p.10). Através das “artes de existência”<sup>8</sup>, Foucault analisa as práticas desenvolvidas a partir das problematizações das atividades e dos prazeres sexuais, questionando os critérios da “estética da existência”. Com a discussão da constituição das subjetividades da Antiguidade até a Modernidade, o problema da subjetivação acaba tornando-se central em sua obra.

Aparecendo tardiamente no século XIX e constituída em relação a outros fenômenos de conhecimentos diversos, o autor expõe a dificuldade de encontrar nos textos antigos um conceito semelhante ao de “sexualidade”. Num conjunto análogo

---

<sup>6</sup> - “A história do dispositivo da sexualidade [...] pode valer como uma arqueologia da psicanálise” (FOUCAULT, 1988, p.142).

<sup>7</sup> - “[...] correlação, numa cultura, entre os campos de saber, tipos de normatividade e formas de subjetividade” (FOUCAULT, 1984, p.10).

<sup>8</sup> - “[...] práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam em regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular” (FOUCAULT, 1984, p.15).

sobre a reflexão da moral sexual, Foucault (1984) localiza quatro noções similares: *Aphrodisia*, *Chrésis*, *Enkrateia* e *Sóphrosuné*. É em torno dessas noções que os gregos desenvolveram suas artes de viver segundo princípios austeros e rigorosos de como se portar e conduzir os prazeres sexuais, mas de forma voluntariada na crença de uma existência mais bela e realizada, ou seja, a reflexão moral dos gregos sobre as práticas sexuais não tinha como objetivo justificar interdições, mas sim estilizar a liberdade de um homem livre.

Dessa forma, observa-se que os princípios de uma temperança sexual rigorosa datam desde muito antes do Cristianismo, detendo os mesmos preceitos de organização da atividade sexual constituída como um domínio de prática moral. Essas práticas morais revelam-se iguais às formas da sexualidade atribuída na contemporaneidade, com as mesmas censuras e as mesmas permissividades: fidelidade monogâmica, exclusão de parceiros do mesmo sexo e prazer sexual relacionado ao mal.

Para formular uma origem desses temas que deram forma e diretrizes à moral sexual, a “função intemporal da interdição ou a forma permanente da lei” (FOUCAULT, 1984 p.18), o autor percebe que o problema vai além da compreensão das transformações morais e de seus códigos, mostrando que um dos pontos nevrálgicos da forma que a lei assume se dá na história da ética da relação do sujeito consigo mesmo. Com isso, Foucault observa que o pensamento cultural grego desenvolve “técnicas de si”<sup>9</sup> que intentam para uma conduta sexual particular, na qual a constituição do indivíduo advém de uma conduta moral<sup>10</sup>.

Partindo por outro viés, Roudinesco (2008) começa sua *História dos perversos* apresentando a estranha proximidade renegada de tudo que remete da abjeção ao sublime, isto é, da parte obscura de nós mesmos a uma parte mais elevada, luminosa. Entrando no universo da perversão, pela via da animalidade e da metamorfose, a historiadora atenta para um traço característico e universal que pode ser observado desde o início de nossos registros. Apresentando os extremos e as alternâncias e abrindo seu livro com uma epígrafe de Bataille<sup>11</sup>, a autora mostra diversas formas de manifestações tidas como perversas, da Antiguidade até os dias de hoje, para tentar

<sup>9</sup> - *Dietética, Econômica e a Erótica* (1984).

<sup>10</sup> - Esse caminho desemboca nos próximos livros de Foucault, *O cuidado de si* (2007) e *A hermenêutica do sujeito* (2010), que apresentam as práticas dos comportamentos na Antiguidade. Apresentá-los aqui, contudo, por mais atrativo que possa ser, deixaria o trabalho exaustivo e perderíamos nosso caminho.

<sup>11</sup> - “Quanta maior a beleza, maior a ignomínia” (2008, p.6).

responder: “Onde começa a perversão e quem são os perversos?” (ROUDINESCO, 2008, p.9).

Mostrando personagens literários famosos, as ideias místicas e seus rituais, a flagelação presente em todas as culturas e os criminosos assustadores de nossa história, Roudinesco (2008) expõe que, além de uma espécie negativa e abjeta do humano, a perversão também é criatividade, superação de si e grandeza, ora sublime ora abjeta. Desde a Grécia Antiga, o movimento alternado caracterizava os heróis, os semideuses e todos os homens. Ao ocupar um lugar de déspota, logo depois encarnava o lugar de vítima, e, assim, todo homem era ao mesmo tempo ele mesmo e seu contrário – da glória para a monstruosidade, o anormal. Com um movimento alternado entre as ações titânicas, que resultam na glória e no trágico, os deuses da Antiguidade puniam os homens por sua *hybris*<sup>12</sup>.

Na narrativa que inicia a literatura ocidental e exerce profunda influência em nossa cultura, a *Iliada* de Homero (2003), encontramos esse tipo de movimento contagiado pela desmedida. Numa época ainda dominada pelos mitos, Homero narra as aventuras de Aquiles, “o melhor e mais bonito dos Aqueus”, que, descendente de uma mãe imortal, ou seja, não castrada, mostra a alternância de sua glória para sua ruína (HOMERO, 2003). Ao mergulhar seu filho no rio para torná-lo invulnerável, *Tétis* deixa seus pés<sup>13</sup> para fora, que acabam por marcar sua fraqueza e cunhar a expressão até hoje usada, “calcanhar de Aquiles”, indicando a principal fraqueza de alguém.

Com exemplos diversos na antiguidade, encontramos em Édipo o paradigma dessa figura. Apresentada pela primeira vez em 430 a.c., a história se passa na cidade de Tebas e narra a tragédia de um homem que, perseguido pelo destino traçado pelos deuses, mata o pai e casa-se com a mãe. Vítima de *uma* maldição familiar, ou melhor, *da* maldição familiar, Édipo, de *Oidipous* (*Oidi* – eu sei, e *Dipous* – pés inchados), é condenado *sem saber* ao parricídio e ao incesto – os dois grandes crimes proscritos pela primeira instituição social-religiosa da humanidade, o totemismo.

Nascido sob a maldição de que matará seu pai e se casará com sua mãe, seu pai Laio, decide entregar seu filho a um pastor para que o mate. Abandonado com os pés amarrados, o que taxou seu nome, o pastor que recebeu a criança comisera-se da cria e resolve entregar a outro pastor, que por sua vez entrega aos reis de Corinto. Quando

<sup>12</sup> - Palavra grega que significa excesso, desmedida e injúria ao mesmo tempo.

<sup>13</sup> - O pé é um exemplo frequente no fetichismo por ser geralmente o último objeto que a criança viu antes de se aperceber da ausência fálica da mãe (DELEUZE, 2009, p. 33).

adulto, Édipo descobre a maldição que pesa sobre ele e foge de Corinto com medo de sua realização. No caminho, briga com um homem em uma encruzilhada na qual só havia passagem para um e mata seu adversário. Sem saber, esse adversário era Laio, seu pai, e a profecia começa a se realizar. Chegando a Tebas, se encontra com Esfinge, monstro que devorava os viajantes que não sabiam responder seus enigmas. Mas Édipo decifra seu enigma e mata a Esfinge, livrando os tebanos desse assombro. Em agradecimento, recebe o matrimônio da viúva de Laio, Jocasta, sua mãe com a qual terá quatro filhos.

Passados anos, uma peste assola Tebas e o oráculo afirma que a epidemia não acabará enquanto não se tenha vingado a morte de Laio. Édipo inicia uma investigação que o leva a descobrir não só um criminoso, mas a si mesmo. Sabendo quem o é, pune-se por crimes que clamam a punição que ele próprio decretara, arrancando-lhe inclusive seus próprios *olhos*. Transcendendo os limites da *crença*, a consciência diante da culpa não fica impune de seu maior juiz, ele próprio. Sabendo que cometeu os crimes inconscientemente e involuntariamente, não se posiciona contra a sina dos deuses, que o punem pela prática monstruosa há muito prevista (SÓFOCLES, 2002).

Numa das possíveis análises da história de Édipo, Foucault (2003) mostra a relação entre *poder* e *saber*, marcando esta tragédia como o primeiro testemunho das leis e das práticas judiciais gregas. Sob uma perspectiva de pesquisa da verdade (*aletheia*), e sob o testemunho do *olhar*, o autor alega o contrário do que comumente se diz, que o trágico herói nada sabia, afirmando que Édipo é aquele que *sabia demais*. O que estava em questão era Édipo temer perder o próprio poder, pois o unia ao saber de maneira abusiva. A alternância do destino, de alguém que saiu de sua vida miserável, ascendeu ao poder e depois caiu novamente, é a irregularidade característica dos personagens da época. Édipo não dá importância às *leis*, substituindo-as por suas vontades e ordens, e sua vontade é a lei da cidade, do Outro. Homem do excesso, Édipo tinha tudo demais: sexo, poder, família, saber.

Jorge (2010) apresenta outro tipo de leitura do texto grego que traz novas possibilidades de interpretação que se enriquecem reciprocamente. Partindo do debate de um artigo do psicanalista Didier Anzieu, apresenta um ensaio do historiador da Grécia Jean-Pierre Vernant, que contesta o fato da concepção freudiana sobre o mito ser destituída dos elementos históricos e sociais. Esses elementos, para Vernant, fornecem a verdadeira significação da tragédia, mas o autor desconsidera os mecanismos simbólicos inconscientes impedindo-o de ver outras determinações. Mas o que Jorge

compreende dessa interpretação do texto é a percepção de que a tragédia grega, ao considerar os elementos sociais e colocar em cena o problema do sujeito de direito e sua responsabilidade pelos próprios atos, destaca a questão do inconsciente ao perguntar em que medida o homem é senhor de suas ações. Aqui, os deuses e os oráculos “constituem uma primeira metáfora do inconsciente” (JORGE, 2010, p. 187).

Para a psicanálise, o Édipo vem acompanhado do “complexo”, indicando a normalização da posição do sujeito em relação ao assentimento do próprio sexo atravessado por uma lei simbólica (FREUD, 1897; 1924a/2006). Subordinada ao reconhecimento simbólico, a sexualidade, no complexo de Édipo, marca os limites do conhecimento do sujeito acerca da posição inconsciente. Lacan (1960-61), que já havia definido o inconsciente como um saber não sabido, afirma que o principal motivo de Freud encontrar em Édipo sua figura fundamental é justamente que ele *não sabia*. Esse mito, que introduz o sujeito na castração, serve como um modo de estrutura que tenta dar conta do Real, mas, mais além, marca a passagem da ascensão ao desejo sexual a partir de um agente, isto é, o pai como garantia da Lei. Baseando essa tragédia na estruturação do psiquismo, Freud revela o caráter universal e fundante da ideia do incesto. Essa triangulação que designa um conjunto de desejos inconscientes amorosos e hostis em relação aos pais é correlata do complexo de castração e da existência da diferença sexual.

A própria definição *Poema épico* – poema que descreve algo grandioso e heroico – já indica o comportamento dos personagens em ações sobrenaturais e elevados por seus ideais, sendo o herói trágico aquele que transgride uma lei sancionada pelos deuses (inconsciente). Conectada profundamente com a religião, ou seja, na crença, a cultura antiga era organizada pelos mitos, mostrando o lado humano através do sofrimento causado à sua revelia. Na Antiguidade, o herói era acometido pelo movimento alternado de um déspota com sede de poder para, depois, seu destino inexorável lhe imputar a ocupar o lugar oposto, monstruoso e anormal. O problema colocado até o fim da Antiguidade era o de saber se essa força irreprimível e obscura, que tentamos abafar, decorria de uma ordem *sobrenatural* imposta ao homem ou era produto da educação e da cultura (ROUDINESCO, 2008, p.41).

Mas a pergunta sobre a etiologia dessa força perdurou e se deslocou de diversas formas não apenas na Antiguidade, mas também e principalmente na época Escolástica, que interrogou a manifestação da origem da *natureza desumana* do homem – o mal. Refutando as doutrinas maniqueístas, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, os dois

pensadores mais marcantes do período, o primeiro inspirado em Platão e o segundo em Aristóteles, questionaram o problema da “natureza humana”, do caráter inato da virtude e a origem do mal – temas essenciais para qualquer reflexão na época. Enquanto um coloca o mal não como uma substância, mas como uma falha, um desvio, o outro recusa essa concepção e entende o mal como uma parte inerente da natureza humana. Em outras palavras, o problema permanecerá o mesmo até o fim da época medieval, em que os ritos de mortificação e flagelação visavam transformar e extirpar esse corpo impregnado de mal para um corpo imaculado.

A diferença entre homem e animal foi enfatizada por Lacan e Derrida<sup>14</sup> quando mostraram o embaraço que caracteriza o homem na natureza pela “evacuação da merda”, e pelo “ficar nu” respectivamente. Enquanto um fala pela metapsicologia, o outro se refere à metafísica, para falarem da vergonha, da moral e do asco<sup>15</sup>, que consideram dignos de uma reflexão epistemológica. Pensando na possibilidade da filosofia lidar com o universal diante das singularidades solitárias e relacionais com o outro, Derrida desconstrói essa questão metafísica - Homem x animal, para mostrar a condição de impossibilidade de todo pensamento. O animal é aquele que *está* nu, já o homem é aquele que *pode* estar nu, necessitando “despir-se” para abrir mão de seu aparato conceitual (razão). Se moralidade é racionalidade, só há ética no despir-se, necessitando uma nova postura para desconstruir nossos próprios limites, visto que a desconstrução se dá de dentro, e falarmos do “recalque”, do “não-dito”, do “inter-dito”, da “clivagem do eu” e da “negação” no discurso psicanalítico.

Nas diversas tentativas de repudiar essa sexualidade perversa, sempre se procurou caracterizá-la como uma forma animal, primitiva e não civilizada desse “mal” inerente. Excluída do mundo animal, apesar do termo *animalidade* caracterizá-la em algumas formas de condutas *aberrantes e bestiais*, a manifestação de sua existência aparece como uma forma extirpada do ser da ordem da natureza (ROUDINESCO, 2008, p. 12). O próprio Aristóteles utilizou o termo bestialidade para falar das anomalias monstruosas e se referir aos seres que nem ao menos tem a capacidade de se encaixarem em sua ética. Excluir o ser da ordem da natureza levar-nos-ia a pensar que a perversão

---

<sup>14</sup> - Lacan (2006) em *Meu ensino, sua natureza e seus fins* e Derrida (2002) em *O animal que logo sou: (a seguir)*.

<sup>15</sup> - As forças repressoras do desenvolvimento sexual que inibem a perversão, corroborando o sedimento histórico das inibições externas que a pulsão sexual passou na psicogênese da humanidade (FREUD, 1905[1915]/2006, p. 153). Essas forças repressoras não estão ligadas a nenhuma sintomatologia biológica.

seja apenas uma manifestação cultural, ou melhor, não cultural, que desobedece a determinadas normas produzidas de acordo com os costumes que caracterizam cada sociedade. Mas a questão não é tão simples assim.

As relações entre os humanos e os animais apareceram no centro das mitologias constituintes das sociedades humanas, e não à toa a palavra *bestialidades* foi utilizada para designar não apenas as perversidades, mas também a consumação da relação sexual entre homens e animais. Sabe-se que a sexualidade animal nunca se assemelhará a sexualidade dos homens pelo fato de que o animal é desprovido da linguagem simbólica complexa, logo, não possui uma consciência de si. Com isso, a crueldade existente aos homens, não se aplica aos animais, pois é simplesmente o instinto desprovida de um gozo de crueldade. Ou seja, o erotismo do Homem difere do animal pois não coloca a vida interior em questão.

Se Hegel denunciou que uma das falhas da filosofia grega e moderna foi ter concebido o homem como uma entidade puramente natural, foi para afirmar que o homem nada tem de natural, constituindo-se exatamente pela negação do natural (categoria ontológica da negatividade), na qual, entre ambos, natureza e homem, interpõe-se a linguagem. Sem a cultura e sem a natureza, foi com o conceito de pulsão e, posteriormente, o de pulsão de morte, que nos forneceu um apoio para pensar essa intermediaridade da qual não podemos passar diretamente de um para o outro (ZIZEK, 2006, p. 83). Mas antes de apresentar o conceito de pulsão, Freud apresentou o conceito de inconsciente e evidenciou a fragilidade do logocentrismo filosófico.

Com o advento do conceito de inconsciente, a psicanálise promoveu uma ruptura radical na noção de natureza humana, mostrando os caminhos para se pensar o sujeito com sua diferença, isto é, na necessidade de pensá-lo em sua articulação com a linguagem. Com sua obra inaugural, *A interpretação dos sonhos*, Freud (1900/2006) aborda a passagem da natureza para a linguagem desvencilhando-se de qualquer pretensão naturalista. Lacan afirma que Freud toma “a biologia por antífrase”<sup>16</sup>, pelo seu oposto, e como sublinha Garcia-Roza (2014), Freud trata de *seelenben* - “atividade da alma”, onde o *seele* é o indicador do antinaturalismo que atravessa os textos freudianos desde 1900. Lacan (1972/2011, p. 35) também mostra que “natureza” não deixa de ser um fruto da cultura, justamente pelo natural uniformizar-se com a roupagem do saber.

---

<sup>16</sup> - “A biologia freudiana não tem nada a ver com a biologia. Trata-se de uma manipulação de símbolos no intuito de resolver questões energéticas...” (LACAN, 1954-55/2010, p. 108).

Com o discurso universitário fomentando uma atitude para que o saber forneça a “ideia da natureza”, afirmar uma oposição nessa suposta dicotomia epistemológica (natureza-cultura) levar-nos-ia a uma incoerência sem saída.

Observar um fenômeno como sendo exclusivamente cultural ou natural, leva-nos ao “... mistério insolúvel do problema da passagem entre duas ordens. Onde acaba a natureza? Onde acaba a cultura?” (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 42). No debate sobre o limite da cultura e da natureza, Lévi-Strauss desloca esse embate do evolucionismo para mostrar que em todas e nas mais antigas organizações sociais, a proibição do incesto como norma sempre existiu e é regra universal. Se os fatos da natureza são universais e os fatos da cultura obedecem às normas, o único caso que não se enquadra nessa classificação específica é a proibição do incesto. Esse fato obscuro carrega uma regra com caráter de universalidade, pois é um ato sexual e natural e é captado pelo social como uma regra cultural<sup>17</sup>. É um fenômeno, portanto, que está para além da cultura e da natureza - e a proibição do incesto consumou essa transição.

Essa etnologia assinala três pontos fundamentais de uma constante antropológica na divisão da regra social, necessária para pensar esse trabalho. A primeira evidência mostra que nenhuma sociedade permite todas as formas e possibilidades de gozo, assim como não exclui todas, aceitando e proibindo pelo menos alguma forma. O outro ponto revela como essa divisão do permitido e não permitido é variável de uma cultura para outra. O que é aceitável para uma, pode provocar horror em outra, cabendo uma análise do poder-saber para questionar o modo como determinada cultura organiza essa relação. Como a mudança dos costumes também se dá concomitante às mudanças das leis, e, de maneira sincrônica, com os interditos da moral ou do imoral, utilizar a cultura, os costumes ou até a moralidade para falar das perversões pode ser um tanto contraditório diante da maleabilidade do tempo-espaço.

O último e mais importante para o presente trabalho, que desenvolveremos no próximo capítulo, é o caráter anistórico do pai. A partir da lei da proibição do incesto, que permite distinguir o cultural do natural, resulta uma lógica da existência de uma invariante natural e universal, determinando o pai no ponto de origem de toda história (DOR, 2011, p. 25). Nenhum pai é detentor e fundador da função simbólica, mas é o seu vetor, instaurando uma distinção entre paternidade e filiação que se desenvolve num

---

<sup>17</sup> - “A proibição do incesto não é nem puramente de origem cultural nem puramente de origem natural (...) constitui justamente o vínculo que as une uma à outra (...) é o processo pelo qual a natureza se ultrapassa a si mesma”. (Strauss, L. 1982: 62/63).

nível prioritariamente simbólico, e ratifica assim, a mitologia freudiana do pai da horda primeva<sup>18</sup>.

Numa sociedade onde a família é a base mais ativa da sexualidade, o incesto ocupa um lugar central da passagem obrigatória para a cultura, funcionando como um universal do social. Continuamente agenciado e rejeitado, mistério temido e segredo necessário, é extremamente interdito na família enquanto dispositivo de aliança, mas também é continuamente solicitado para o estímulo da sexualidade alhures. Admitir o incesto como o limite de toda a cultura, é admitir que a sexualidade está desde os tempos imemoriais sob o signo da lei (FOUCAULT, 1998, p. 121). Inserida no ponto da mútua implicação essencial entre lei e desejo, a psicanálise colocou em questão as relações familiares na análise da sexualidade, encontrando aí o princípio de formação do sujeito e sua inteligibilidade, a lei da aliança, as relações parentais e, claro, o incesto.

Rastreando os estágios do desenvolvimento do complexo de Édipo, Freud (1919/2006, p. 282) indica que a vida da família humana assumia formas muito diferentes da que conhecemos hoje, mas por que hoje, com autores<sup>19</sup> anunciando “à nova economia psíquica”, não seria diferente? A castração é uma ameaça que permanece implicitamente sobre todo sujeito, podendo operar de diferentes maneiras conforme a estrutura do sujeito, ou seja, neurótico, psicótico ou perverso.

A grande evidência do incesto é determinada principalmente pelo âmbito do complexo de Édipo, que habitualmente configura o núcleo da neurose. É ao tentar dominar esse complexo que o neurótico chega ao pesar, e “rastreamento os estágios do desenvolvimento” desse complexo, Freud (1919/2006, p. 281) se depara inesperadamente com o resultado da morte do “Deus Pai”, chefe da horda primeva, percebendo a “herança arcaica e animal da humanidade (...) O que hoje é a herança do indivíduo, foi no passado uma nova aquisição, e passou, de uma para outra, por uma longa série de gerações” (Idem). No desenvolvimento da psicogênese da humanidade, Freud observa um sedimento histórico das forças repressoras no desenvolvimento da sexualidade pelos sinais da educação e das inibições externas que a sexualidade experimentou. A partir de casos isolados, a investigação freudiana pode observar a gênese das perversões que, “também é um resíduo do desenvolvimento em direção ao

---

<sup>18</sup> - *Totem e tabu* (1913).

<sup>19</sup> - “Passamos de uma cultura fundada no recalque dos desejos (...), a uma outra que recomenda a livre expressão e promove a perversão”. (Melman, C. 2008: 15).

complexo de Édipo, após cujo recalçamento reaparecem os componentes da pulsão sexual que eram mais fortes” (FREUD, 1905[1920]/2006, p. 154).

O Pai, como conceito, é central na psicanálise, e foi utilizado como uma metáfora para exprimir o Real indizível. Não à toa Freud recorre ao mito, com o pai da horda no *Totem e Tabu*, referindo-se não apenas a uma cultura, mas a todas que lidam com a perda de gozo. Assim, a psicanálise restituiu o Nome-do-Pai e ratificou o caráter anistórico do pai.

## 1.2. A irrupção de discursos sobre o sexo e a sexualidade em questão

Libertando-se das leis religiosas e da filosofia escolástica, o Iluminismo irrompeu novos discursos em vários campos da manifestação humana, resultando em novas ciências que detêm o saber-poder que classificam os comportamentos e implementam cada vez mais regras sobre a sexualidade. Também conhecido como a época da razão, por apresentar e deslocar esse domínio, integrou diversos conhecimentos para recusar os dogmatismos religiosos, o autoritarismo e as intolerâncias do estado herdadas da tradição medieval. Um dos mais movimentados períodos, foi uma época que trouxe profundas modificações econômicas, sociais e políticas que nos afetam até hoje.

Denominado pelos pensadores de *Aufklärung*, o Esclarecimento foi um movimento não apenas filosófico, possuindo também uma dimensão artística e literária que se desenvolveu no séc. XVIII. Século das Luzes foi outra definição desse período, pois se caracterizou pela defesa da ciência e da racionalidade crítica, iluminando as liberdades individuais e os direitos contra a “idade das trevas”. São as Luzes que permitem ao homem sair de sua menoridade e emancipar-se através da própria luz interior.

Kant (1783), no artigo *Was ist Aufklärung?*<sup>20</sup>, esclarece esse movimento como certo modo de relação com um estado de coisas concernente à atualidade. Uma atitude que possibilita ao homem se libertar do estado de menoridade, caracterizada em sua época pela obediência cega ao poder. Esse Esclarecimento se daria pela saída do homem

---

<sup>20</sup> - “Que é Esclarecimento?”

da sua menoridade que ele mesmo é culpado. A menoridade seria a subjugação e a valorização da autoridade em detrimento das próprias forças criativas. Para sair dessa incapacidade de se servir de seu entendimento, o indivíduo necessitaria de uma ousadia diante das forças intempestivas do poder. Sua saída do estado de menoridade produziria uma mudança subjetiva e, simultaneamente, em relação ao poder, possibilitaria a eliminação dessa alienação. Assim, a *Aufklärung* estaria associada a uma atitude corajosa no uso da razão que busca a liberdade e a maioridade. Em *O que são as luzes* (1984/2006), Foucault afirma que ainda não chegamos na maioridade, pois ainda nos submetemos as experiências que são atravessadas por forças que reprimem à liberdade. Remeter ao problema da liberdade e de uma *ontologia* de nós mesmos nos envia ao problema da ética como questionamento sobre si próprio.

Inspirado no movimento Iluminista de Cesare Beccaria<sup>21</sup>, uma nova perspectiva se abriu ao laicizar todas as práticas sexuais, não mais se constituindo como crimes e delitos, desde que privados e consentidos por adultos. Uma época que portava a crença de extirpar as trevas graças às luzes da razão, buscava tradições e regras numa ideologia antirreligiosa, portanto, política e racional. A idade da razão substituiu a graça pela justiça e o direito divino pela liberdade.

Engraçado que, concomitante a esse movimento, os textos denominados pornográficos são severamente proibidos. Enquanto que as práticas consentidas entre adultos, independente da forma que se der, não mais constituem um delito passível de justiça penal, os escritos eróticos ou imorais conservam-se sob o alcance da lei. É no Século das Luzes, onde os homens e as mulheres tornaram-se tão modestos e honestos, que encontramos os *Choderlos de Laclos*<sup>22</sup> (1782), cartas da sociedade da época que colocam em cena os “libertinos” que “têm tão maus costumes que é impossível supor que hajam vivido” (advertência do editor), nesse século da filosofia e da razão. Mas foi o Marquês de Sade que realizou o último movimento de retorno à natureza, substituindo a “justiça” e o “direito divino” pelo despotismo da libertinagem. Poderíamos dizer que Sade foi um autor que saiu da menoridade? Lacan (1966/1998) que o diga.

Abrangendo um campo amplo, o campo da perversão, com seus discursos, sua fenomenologia e até suas fantasias só podem ser apreendidas em relação a uma norma

<sup>21</sup> *Tratado dos delitos e das penas* (1764).

<sup>22</sup> *As ligações perigosas: ou Cartas recolhidas numa sociedade e publicadas para a instrução de algumas outras*. São Paulo: Circulo do livro S. A.

social<sup>23</sup> (FREUD, 1905/2006, p. 152), apresentando múltiplas variações do tema conforme os locais, as épocas e os costumes. Mas esse jogo de força existe desde o início de nossa história, como o episódio do escritor Ovídio. Ao defender que o amor é um ato natural e comum a todos os animais, o escritor Ovídio afirma que todas as coisas naturais não são vergonhosas. Utilizando um vasto recurso mitológico e narrando os costumes da Roma antiga, mostra que *A arte de amar* (1 a. C.) pode ser “perigosa sob o ponto de vista, mas encantadora como obra de arte” (OVÍDIO, p. 22). Apesar de apresentar uma licenciosidade poética ingênua em alguns momentos, foi censurado e considerado imoral, necessitando se exilar de sua terra. Interessante ver também essa mudança quando os editores da peça *Ubu Rei*, de Alfred Jarry, anunciam sua peça; “Absurdo e irracionalismo filosófico [...] foram demais para aquela plateia de fim de século passado. Hoje um clássico, [...], bem menos escandaloso quase cem anos depois” (JARRY, 1987) E o que falar de Sade? Preso um terço de sua vida<sup>24</sup> e hoje considerado um dos maiores filósofos da modernidade.

A influência de Sade ao longo dos anos adquire cada vez mais uma posição triunfante, e uma análise de autores que eliminaram a linguagem das opressões de uma norma social e fundamentaram uma língua nova atravessada pela língua natural, no dizer de Barthes (2005), se faz necessário. Sua influência foi tamanha que o vício começou a predominar sobre a virtude nos romances e nos autores da época, que “acrescentam uma maior participação dos seres perversos em suas histórias”. (BORGES, 2014).

Com o imperativo de gozar segundo o princípio de uma ordem natural, Sade é o autor que reivindica os prazeres do corpo e inventa uma nova literatura, desempenhando o autor mais fulgurante do discurso perverso do Ocidente. Homem do Iluminismo, Sade extingue a lei divina para, com o imperativo do gozo, alicerçar uma nova ordem, renunciando um novo modo de comunicação. Vivendo numa época onde as formas dos

---

<sup>23</sup> - Acreditamos ser impossível fornecer uma descrição social neutra e objetiva da realidade social, mas situar os discursos é de suma importância para o desenvolvimento do trabalho. Como a relação sexual não existe, a sociedade também não existe diante da impossibilidade de um espaço neutro que possa ser objetivamente descrito devido ao próprio movimento da simbolização (ficção) que introduz uma lacuna na realidade (ZIZEK, 2006, p. 98). “A realidade física verifica-se doravante impenetrável (...) ela é plena, totalmente inumana” (LACAN, 2005, p. 40), cabendo ao trabalho um caminho pelos enunciados.

<sup>24</sup> - Preso sob três diferentes regimes em onze diferentes prisões, Sade ficou ao todo vinte e sete anos encarcerado.

romances se multiplicaram<sup>25</sup>, o próprio autor apresenta *A arte de escrever ao gosto do público* (2014) nesse momento particularmente fértil de variadas produções romanescas. Suas obras concernem a esse grupo de romances que apresentam uma estrutura híbrida de gêneros condensados.

Combatendo veemente o idealismo sentimental, utiliza-se do recurso da paródia para extrair discursos e contextos distintos que se cruzam. Como um homem das luzes, mostrou que eram fracas demais<sup>26</sup> para perceber a frieza e nudez imersas no prazer, e não parou de debochar enquanto pode de quase todas as manifestações de sua época. Kristeva (1974 apud 1999) define a ambivalência do escrito sadiano como “a inserção da história no texto, e do texto na história”, mostrando que seus romances apresentam geralmente mais de uma história que se complementa à outra – dos *infortúnios da virtude* às *prosperidades do vício*.

Observa-se esses diálogos polifônicos nas personagens paradigmáticas de sua obra, Justine e Juliette. Justine é romântica que oscila entre a candura e a ingenuidade, enquanto sua irmã, Juliette, ao contrário, é terrível, mas viva e fina. A primeira é ofendida constantemente, vítima de toda má sorte, deprimida e continuamente enganada, ao passo que, a outra, se excita e goza com toda a prosperidade que o vício pode trazer. O linguista e pensador russo Mikhail Bakhtin, denomina esse diálogo de discursos e contextos distintos que se atravessam de *dialogismo*. O principal domínio do Marquês foi à estética – ética, e por isso sua obra ultrapassa o tempo ao deixar em aberto grandes questões do entendimento humano. Desse ponto de vista, considera-se um retrato de Sade descolado de seu “sadismo”, de forma menos contígua ao conjunto das perversões patológicas.

Observa-se em sua obra os discursos moral, político e estético se entrecruzaram e se submeteram à linguagem erótica para pronunciar seu projeto revolucionário. Como crítico feroz da tradição sentimentalista, usa e abusa do recurso da paródia para debochar dos valores da sociedade como um todo e de toda concepção cristã de amor ao próximo. Considerado um herdeiro da “libertinagem erudita” que precedeu o iluminismo, foi na corrente “libertária” produzida pelas Luzes que Sade produziu seus escritos. Ao se permitir pensar livremente e intervir socialmente pela violência de um

---

<sup>25</sup> - *Romance epistolar, romance sentimental, romance histórico e galante, romance libertino, romance filosófico*, entre outros. O romance é sempre mais que Um romance, e nada mais falso que a distinção categórica falso-verdadeiro nesse tipo de literatura.

<sup>26</sup> - “Liberdade? Ninguém nunca foi menos livre. Igualdade? Não há nenhuma igualdade, a não ser a das cabeças decepadas. Fraternidade? A delação nunca foi tão ativa” (SADE, 1795/2001).

texto que lhe permite exceder suas leis, foi um dos maiores, senão o maior representante da literatura libertina do século XVIII. Mas o século seguinte censurou-o e desconheceu sua figura, à exceção de ter seu nome vinculado a uma forma de perversão. Apenas no séc. XX que seus textos foram apreciados e estudados por grandes pensadores<sup>27</sup>, que trataram de apresentá-lo pela “negativa”. Hoje, no século XXI, Sade já aparece em outro patamar, e apesar de ainda existir toda uma negativa (*Verneinung*) da sexualidade perversa, considerá-lo em sua eminência é uma necessidade para falar sobre a sexualidade.

A perversão é um fato de linguagem, antes mesmo do ato, e a revolução de Sade começa pela palavra e é pela palavra que ele desencadeia as ações perversas. As palavras dos libertinos são as leis, e é no ato de reconhecimento dessas palavras que ocorre a divisão em duas categorias no mundo sadiano, os libertinos e as vítimas – Juliette e Justine. É o discurso do libertino que enuncia e estabelece a Verdade, parodiando o discurso sentimental nas vítimas para exprimir seus valores e sua filosofia. Com uma exposição erudita dos costumes e das religiões de outras épocas e outros povos, mostra que “o que é crime aqui, frequentemente é virtude cem léguas” (SADE, 1999), por isso, o tom de sua literatura se dá na necessidade de uma radical transformação da sociedade, com a afronta aos valores da época e o imperativo de destruir seus significados.

Em *A filosofia na alcova*, com o subtítulo “Os preceptores imorais”, descreve as práticas eróticas imiscuída aos deveres de uma jovem iniciante na nova ordem, destinando sua obra à educação das jovens moças, mas que, no fundo, vai muito mais longe, se estendo a todo cidadão da jovem república. Porém, nenhuma mãe jamais mandou a filha ler esse tratado pedagógico, *mas mesmo assim...* Essa educação não se baseia numa pedagogia qualquer, mas sim numa instrução pelo avesso, uma “deseducação” destinada a fornecer os “princípios” que as beneficiem. Deleuze (2009, p. 21), afirma que não existe nada mais distante do sádico do que qualquer intenção pedagógica, pois se trata de outra coisa ao demonstrar a própria lógica da violência, atestando a veracidade e autenticidade da natureza. O local de demonstração da libertinagem é o *boudoir* (alcova), que “simboliza o lugar da união da filosofia com o erotismo” (MORAES apud BORGES, 1999). Se essa deseducação se estende a toda população, a sociedade se transforma numa imensa alcova com declaração universal

---

<sup>27</sup> - Blanchot, Bataille, Lacan, Barthes, Foucault, Roudinesco, Beauvoir, Sollers, Klossowsky, entre outros.

para combater os costumes, a família, o cristianismo e as moralidades em favor da orgia libertina.

Desse modo, Sade promove uma libertação do indivíduo e a transformação da sociedade pela corrupção dos costumes. Por toda parte, uma obsessão da sociedade se faz presente e Sade tem plena consciência de seu momento, desconfiando de toda pregação virtuosa que não pode advir senão como uma tirania mal disfarçada, já que a verdadeira obscenidade está na negação, na hipocrisia e na repressão. Considerada uma de suas obras menos cruéis, levando-se em conta outras<sup>28</sup>, apresenta em sete diálogos sua filosofia e acopla um panfleto que se insere no debate revolucionário da época, “Franceses, mais um esforço se quereis ser republicanos”. Esse “mais um esforço” é o pedido aos republicanos de uma transformação radical da vida em sociedade.

Em Sade, a Natureza é o seu modelo, é o discurso do Outro que ocupa o lugar de Deus numa atividade constante, provendo formas sem experimentar nenhum bem ou mal. A grande mãe natureza não pode ser avaliada em termos morais, pois o bem e o mal são indiferentes diante dela. Já o homem é uma máquina com a finalidade de gozar, seu objetivo maior, não importando de que modo seja. Pela primeira vez na História, o gozo é circunscrito, aprofundado, observado e pensado. Se a finalidade da “máquina homem” é gozar, os vícios fazem parte de sua “natureza humana” e são expressões naturais do princípio criador onisciente – (A) Natureza. Ouvir a natureza é escutar a si próprio, assim, com que direito tais prazeres ou vícios ditados pela própria natureza podem ser reprimidos?

No sistema sadiano, o sofrimento das vítimas satisfaz os prazeres libertinos, ao mesmo tempo em que ataca e ridiculariza os valores do idealismo sentimental. É pelo viés da crueldade sobre o outro que as paixões renascem mais fortes. O libertino só reage ao outro de modo destrutivo, pois a crueldade, mecanismo de gozo, é o único modo de transformar a pusilanimidade em energia. Esse é o objetivo do libertino, chegar à volúpia por meios violentos, pois a dor afeta mais que o prazer e irrompe os “espíritos animais”. É pela dor ao outro que o libertino direciona seu gozo. Diferentemente dos romances sentimentais de sua época, para Sade é o vício que traz o correto valor da verdade. Ao invés de deplorar a maldade original do homem, que Sade ratifica, ele se regozija com isso e vê aí uma manifestação da *Vontade* da natureza, ou melhor, de um “Ser supremo em maldade” (SOLLERS, 2001).

---

<sup>28</sup> - *Os 120 dias de Sodoma; História de Juliette; Os infortúnios da virtude.*

Nessa “fisiologia da perversidade” a imaginação representa um suplemento indispensável, sendo o berço das voluptuosidades que permite criá-las e direcioná-las para além de uma mera matéria física ordinária. A imaginação é o estímulo dos prazeres essencial aos desejos libertinos, pois as impressões da dor não enganam como as do prazer, que são continuamente representadas mas raramente sentidas por elas. O mundo da representação puritana é um bloqueio que cultua o não dito, e em Sade se observa o surpreendente desenvolvimento da “linguagem demonstrativa”. A demonstração como função da linguagem que “assistimos” ao ler as cenas descritas, mostra que a faculdade demonstrativa não reduz em nenhuma hipótese à linguagem erótica a uma mera descrição. Com a meta de mais-gozar, a imaginação promete o que todo o libertino persegue pela via do sofrimento das vítimas, seu gozo. Gozo que reivindica as realizações do vício, e lágrimas como o ponto culminante da “virtude” dos seres sensíveis e sentimentais. Nesses romances idealistas que Sade perverte, a virtude inflige um alto custo que pode acarretar na própria morte da heroína, pois, para que a virtude predomine, ela necessita ser “atormentada pelo vício” (SADE, 2014), e por isso, que em Sade os “conselhos da natureza” demonstram o triunfo do vício sobre a virtude.

Mas Sade foi, ao lado de Masoch, umas das duas figuras cardinais do erotismo perverso que nasceu da literatura dando um fundamento “natural” à parte obscura de nós mesmos. Marquês de Sade e Sacher-Masoch, que tiveram seus nomes referidos por Krafft-Ebing às especificidades clínicas do sadismo e do masoquismo, não são separáveis de suas literaturas por apresentarem a seus leitores quadros sintomatológicos que conotam os signos de duas entidades clínicas. Foi a partir de suas literaturas e fora da clínica, que especificidades perversas foram denominadas de sádicas e masoquistas. Tornou-se evidente também “que certas formas de pensamento ‘libertino’, como a de Sade, tem algo a ver com o delírio e a loucura; admitir-se-á de um modo igualmente fácil que, magia, alquimia, práticas de profanação ou ainda certas formas de sexualidade mantêm um parentesco direto com o desatino e a doença mental” (FOUCAULT, 2008, p.84). Sem separar o ponto de vista literário do ponto de vista clínico, essas especificidades clínicas perversas vão cada vez mais se confundindo numa obscuridade moralista.

Tanto para um quanto para o outro, a linguagem de suas obras adquirem pleno valor sobre a sensualidade e a sexualidade, com uma linguagem erótica que não se reduz a funções elementares da conduta “racional-normal”. Considerados complementares na clínica, essa suposta união do sadismo e do masoquismo, o

sadomasoquismo, deflagram uma injusta unidade dialética. Basta ler os dois autores para perceber que suas literaturas nada têm em comum, pois além da forma literária diferente, os problemas e as preocupações dos dois demonstram projetos diversos. Por mais que a psiquiatria, com Krafft-Ebing e Havelock Ellis, e a psicanálise tenham demonstrado essas transformações e interações clínicas do sadismo-masoquismo, a *crença* nessa unidade “é impossível” (DELEUZE, 2009, p.43).

A herança desse século, contudo, não descobriu nenhuma liberdade<sup>29</sup>, ao contrário, na busca por uma garantia contra as “periculosidades” das singularidades extremas da vida sexual, encontrou razões, ou melhor, *A* razão para se proteger das manifestações abomináveis: o discurso jurídico-médico. Mas antes, no século XVII observa-se que, o sexo, ainda influenciado pela Igreja e sua Contra-reforma, foi gradativamente imiscuindo no discurso. Partindo da confissão e do exame da junção dos pecados da alma aos do corpo, esse século anterior às Luzes regulamentou o sexo através do corpo e da alma. Foi a pastoral cristã, a primeira a fazer passar tudo o que se relaciona com o sexo para a palavra. Procurando produzir efeitos sobre o desejo ao confessar os atos contrários à lei, o plano de “colocação do sexo em discurso” (FOUCAULT, 1988, p.26), fomentou a tarefa de fazer passar tudo que se relaciona ao sexo pela peneira interminável da palavra.

Coincidindo com o desenvolvimento do capitalismo proferido pela ordem burguesa, paulatinamente essa produção provocou um efeito inverso, com uma intensificação e valorização do discurso indecente. A origem dessa suposta “*hipótese repressiva do sexual*” (FOUCAULT, 1988, p.21) data do século XVII, com seu auge no século XIX, após milhares de anos de expressão livre. Eclodindo as sociedades burguesas, essa época marcou o início de uma *suposta* repressão, simultânea a uma verdadeira explosão discursiva sexual.

Com uma depuração do vocabulário autorizado e uma espécie de discurso purificado e refinado, que filtraram as palavras e induziam novas regras de condutas, não se fala menos de sexo, como na época clássica, mas fala-se de outro modo, e sobretudo mais por outras pessoas em vistas de outros efeitos. Engana-se quem achar que a sociedade moderna condenou o sexo a permanecer na obscuridade, pois, o que Foucault mostra, e que aprendemos com Freud, é justamente o oposto, que o sexo pouco a pouco, foi devotado a ser dito como um segredo valorizado. O que é próprio da

---

<sup>29</sup> - “Ah, luzes, luzes, não fostes apenas a preparação para as trevas?” SADE, (21/01/1795) *Carta a seu advogado Gaufridy*. In: *Sade contra o Ser supremo* (SOLLERS, 2001, p. 71).

sociedade moderna é sua forma recatada de falar do sexo como segredo (FOUCAULT, 1988, p. 42).

No século XVIII, diversas “tentativas de reinscrições e esforços de ajustamentos” (FOUCAULT, 1988, p.40) formularam um discurso sob a forma de classificações, especificações e análises do sexo, corroborando sua verdade, agora, não mais da moral pela via teleológica, mas da racionalidade das Luzes pela via jurídica e médica-científica. Era pelo dever conjugal que o foco das restrições mais se intensificava, sobrecarregado de regras e recomendações que falavam e revelavam cada vez mais detalhes. A parte sexual lícita estava a serviço da procriação, e tudo que não levasse a ela pertencia ao ilícito, colocando a vida sexual constantemente sob suspeita. Nessa perspectiva, todas as práticas sexuais são laicizadas e o sexo torna-se assunto de polícia, com uma análise das condutas sexuais nos limites entre o biológico e o econômico e entre o público e o privado.

Foi também a partir desse século que todos os “loucos” da Europa começaram a ser recolhidos em hospícios. Sem qualquer projeto basal, era considerado “doente mental” qualquer sujeito que representasse uma ameaça social, enquadrando todos os “desajustados” ou “fora da lei” na categoria dos “anormais”. Formular um discurso sobre o sexo que saísse do campo da moralidade raramente foi um objeto de estudo entre os pensadores, filósofos ou homens da ciência. Dificilmente examinavam o assunto com firmeza e cientificidade sobre tais objetos, que situavam entre a repugnância e o escárnio, ao mesmo tempo em que se via a necessidade de evitar o escândalo. Mas nesse *blá blá blá* que se formava sobre o sexo, a nova necessidade civilizatória exigiu falar dele não mais pela moral, mas pela racionalidade. E como o discurso da razão poderia falar *disso*?

Aparecendo relativamente tarde e de forma bastante indireta, a medicina ainda não podia fazer muito, pois era convocada apenas para justificar uma perícia e sustentar um discurso psicológico sobre o réu; esses fenômenos escatológicos ainda eram dominados pelo campo da legislação. Em sua pesquisa sobre os conhecimentos da época, Foucault empreende uma categorização dos tipos de saberes médicos sobre a sexualidade que realiza as “técnicas de medicalização”, resultando na distinção em dois grupos: o somático e o psiquiátrico. O primeiro, refere-se a confissão dos atos, enquanto que a segunda perspectiva do saber sobre a sexualidade refere-se ao campo psi. Na dimensão somática, a partir da confissão dos atos, o dispositivo aplica-se à questão da masturbação infantil, vendo nela a causa principal de todas as doenças. Já na dimensão

psiquiátrica, o dispositivo se aplica à questão da homossexualidade na unificação do instinto sexual dinâmico ao funcionamento específico do corpo, numa equivalência com a fome e a nutrição<sup>30</sup>.

Foi no dispositivo do ritual de confissão da pastoral cristã, que Foucault localiza o princípio da constituição das “técnicas de poder” próprias a todo tipo de medicalização. Entende-se a medicalização por processos singulares pelos quais uma civilização em determinado período de sua história constitui um objeto e uma prática como próprios do domínio da medicina (GIAMI, 2005). Mas esta prática não pode se reduzir à instituição médica e se insere no desenvolvimento das tecnologias de poder e aos propósitos do “dispositivo da sexualidade”.

A medicina incorpora-se à “polícia do sexo” para falar e aplicar a medicalização abstendo-se da moral e das repugnâncias. Para falar além do lícito e ilícito, os discursos úteis e públicos foram necessários para regular o sexo, pois “o sexo não se julga apenas, administra-se” (FOUCAULT, 1988, p.31). Com *o nascimento da clínica* e o advento de uma medicina “científica” herdada por Xavier Bichat e depois por Claude Bernard, advém uma promoção do olhar sobre o campo do corpo que conduziu para o segundo plano as relações desses atos com a moral. Mas como explicar os propósitos desses comportamentos sexuais? O discurso dos médicos da primeira metade do século XIX constitui a gênese da sexualidade moderna, mas se reduzia a descrever múltiplas condutas sexuais que não passavam de condutas aberrantes das variedades da alienação mental. Pouco se interessavam pelos detalhes clínicos, mas viam nesses tipos de comportamentos a monomania erótica, os delírios parciais e o furor do genital (LANTERI-LAURA, 1994, p.16).

Para administrar e coordenar é exigido assumir discursos públicos, ordenando regulamentos que formam um arranjo de advertências sobre o sexo, inserindo o discurso da sexualidade numa tecnologia de poder. Lanteri-Laura (1994, p.16 e 52), Roudinesco (2008, p.79) e Foucault (2010, p.87) marcam pontualmente que a entrada da medicina se deu com o relato exposto pelo psiquiatra Ludger Lunier (1815-82), no caso do “sargento Bertrand”<sup>31</sup>. Argumentando que o sargento estava sob o artigo 64, o médico defendia seu tratamento e não sua punição, visto que se tratava de uma alienação mental – a monomania instintiva, e seu lugar deveria ser o manicômio, não a prisão. Assim, foi

---

<sup>30</sup> - Freud começa seus *Três ensaios* trazendo essa questão da equivalência, mas numa necessidade de encontrar na linguagem o equivalente da fome para a pulsão sexual.

<sup>31</sup> - Famoso caso de necrofilia do século XIX. Encontram-se maiores detalhes em Kraft-Ebing, R. V., *Psychopathia sexualis* (1886), caso número 23.

Lunier<sup>32</sup> que, sem modificar e interferir no julgamento, introduziu a medicina e mudou sua ótica, trazendo à luz o aspecto sexual dos fenômenos e interpretando o caso como sinal de uma doença com capacidade terapêutica, que visava distinguir as perversões sexuais inaceitáveis daquelas aceitáveis pela campo social.

A partir do final do século XVIII e início do século XIX, vemos uma irrupção demasiada de diversos discursos entrecruzados e hierarquizados sobre o sexo, a “idade da multiplicação” (FOUCAULT, 1988, p.44) da sexualidade e a implantação das perversões. A colocação em prática da medicalização da sexualidade aparece atribuída num primeiro momento não aos médicos, mas sim aos pais que se ocupam do controle disciplinar ao valorizar a sexualidade da criança das “periculosidades” da atividade masturbatória. A família é o agente de vigilância, que partindo desse novo saber, exerce sua difusão fora da instituição. Mas, logo em seguida foram aparecendo outras especificidades: Pedagogia, Psiquiatria e sua etiologia, Psicologia, Criminologia, Sexologia e a Justiça Penal. Esses novos saberes são discursos que, com suas produções em torno de diferentes instituições – hospitais, asilos, manicômios, escolas, prisões –, ocupam-se da sexualidade inserida numa rede de prazeres–poderes articulados sob múltiplas relações transformáveis.

A entrada do sexo, a partir de um discurso inserido num mecanismo de incitação disseminado e implantado às diversas sexualidades polimorfos, trouxe a questão de saber se o século XIX contribuiu para uma erotização das práticas sexuais ou, se apenas fortaleceu a repressão e desmentiu o animalesco de cada um. Num exame mais detido, observa-se que ambas as hipóteses, antes de serem antagônicas, se complementam, e é justamente por essa complementaridade que a perversão pôde tornar-se um objeto de estudo cada vez mais falado (FOUCAULT, 1988, cap.1; ROUDINESCO, 2008, p.76). Sem que o sexo seja propriamente interditado, os discursos e os sujeitos vão ganhando cada vez mais nomes e significados, numa construção de verdade sobre a sexualidade que Foucault denominou de *Scientia sexualis*. Essa verdade aparece como um “dispositivo de sexualidade”, funcionando com técnicas móveis, polimorfos e conjecturais de poder – as tecnologias de poder. Fazendo proliferar, anexar, inventar e penetrar os corpos, esse dispositivo permitiu o controle das populações de modo cada vez mais global (FOUCAULT, 1988, p.118).

---

<sup>32</sup> - Lanteri-Laura reconhece também em Esquirol como um autor que procedeu essa gênese da medicalização das perversões sexuais ao transmutar os comportamentos criminais de conotação sexual como uma forma de alienação mental.

*Mais, ainda*, existia um “resto”, uma “contra-natureza” desse sexo falado, *mas mesmo assim* ninguém queria saber nada disso. ...*ou pior*, pois ainda não possuíam uma definição mais específica desse in-sabido, que era marcado por uma abominação das manifestações mais recônditas e secretas de concupiscência. Com um status ainda muito confuso, a sexualidade de figuras como o sodomita, o libertino, o criminoso, o louco e até a criança – as “sexualidades periféricas” – vai gradualmente aparecendo e ganhando espaço. Mesmo com palavras e discursos cada vez mais rebuscadas para falar das heresias, dos heterônimos e das aberrações, o que ainda estava em questão era a forma extrema do “contra-lei”, da ilegalidade marcada por uma abominação que, de qualquer modo, ainda merecia condenação.

Essas “linhas de penetrações” das sexualidades periféricas provocam uma “incorporação das perversões” e uma nova “especificação dos indivíduos” (FOUCAULT, 1988, p.50). Inscrita em seu corpo e subjacente a todas suas condutas consubstanciais de uma natureza singular, nada da sexualidade escapa ao ser. Assim, com os princípios da semiologia e da taxonomia, “espécies” de pequenos perversos ganham estranhos nomes de batismo pelos psiquiatras do século XIX. Com uma nova linguagem terminológica e sofisticada, a literatura médica desse século excluiu todos os nomes esdrúxulos dessas formas aberrantes. Agora não se fala mais de foder, trepar, etc, mas inventam-se termos eruditos<sup>33</sup> derivados do grego e do latim para descrevem essas “sexualidades patológicas” (FOUCAULT, 2008, p.78), e cada vez mais o poder de assumir a tarefa de controle da sexualidade. Com tratados e sínteses clássicas de grandes autores, a psiquiatria tomou as perversões por fenômenos a serem descritos e explicados, com diversas teorizações aparecendo para dar conta do que ignoramos.

Apesar do parentesco com os libertinos, surge toda uma gama diferente da incontável família dos perversos, numa proximidade com os delinquentes que se aparentam com os loucos e carregam o estigma de “loucura moral”, “degenerescência” ou “desequilíbrio psíquico” (FOUCAULT, 1988, p.47). A medicina cumpre um papel importante aqui, com toda sua patologia orgânica, mental e funcional, empreende uma gestão dentro de um regime, agora, médico-legal-sexual. Se nos séculos XVII e XVIII é a lei que comparece, no século XIX é a medicina que sobrevém para, juntamente com a lei, não apenas penalizar, mas também adestrar.

---

<sup>33</sup> - *Ubuesco; erostratismo; automonossexualistas; fetichistas; zooerastas; onanismo; uranismo; pudicícia; laçao; bovarismo; concupiscência; donjuanismo; sevícias; pestilência; alcebiadismo; pático; paedicatio; masoquismo; furor do genital; pedofilia; necrofilia; coprofagia; algofilia; entre outras.*

A psiquiatria surge como um saber constitutivo sobre a sexualidade moderna mais especificamente em 1844, com o *Psychopatia sexualis*, de Heinrich Kaan, também conhecido como um dos primeiros sexólogos modernos. Essa obra apresenta o instinto sexual numa dinâmica mecânica dos órgãos sexuais numa equivalência com a dinâmica da fome aos aparelhos de nutrição. O que deturparia esse pretense funcionamento mecânico do instinto sexual seria a fantasia, culpada por levar a imaginação mórbida a caminhos desconhecidos, como observamos em Sade. A fantasia criaria os desejos que procurariam sua forma transformada de expressão e de satisfação. A sexualidade humana ainda é muito marcada pela naturalização e generalização da atividade normal com fins reprodutivos, mas aqui inclui a imaginação e a fantasia, unindo-os à sexualidade normal e seus desvios.

A sociedade moderna é a sociedade que inventou e proliferou sexualidades múltiplas com procedimentos embasados na ciência. A comunidade burguesa desse século é “uma sociedade de perversão explosiva e fragmentada” e o crescimento das perversões não é mais considerado como um tema *moralizador*, mas sim “um produto real da interferência de um tipo de poder sobre os corpos e seus prazeres” (FOUCAULT, 1988, p.55). Essa implantação das perversões é um “efeito-instrumento” para a intensificação e consolidação das sexualidades periféricas, das quais as relações do poder com o prazer e o sexo se multiplicam e se propagam. A partir da “psiquiatrização do prazer perverso” (FOUCAULT, 1988, p.116), o instinto sexual foi isolado como biológico, e o psíquico como autônomo, surgindo toda uma análise clínica das formas de anomalia e patologização da conduta.

### **1.3 – A ciência positivista e as perversões**

Como vimos, o estudo das singularidades do comportamento sexual teve um aparecimento tardio no discurso médico. Apenas no “último terço do século XIX” que a medicina começou a estudar, a partir de seus próprios pressupostos, as variedades do comportamento sexual. Determinando muitas outras formas patológicas, encontrou no

*desequilíbrio*<sup>34</sup> variedades pertencentes ao campo da medicina (LANTERI-LAURA, 1994, p.50). Decerto que o exame clínico e o tratamento sofreram consequências que inauguraram uma escuta e um olhar propriamente médicos. Só que, na qualidade de homem da ciência, o médico poderia utilizar-se de qualquer outro discurso na necessidade de justificar uma estrutura patológica.

Lanteri-Laura, numa leitura diferente, situa-se de um ponto de vista crítico da história epistemológica da psiquiatria no interior do campo médico na questão das perversões. Buscando identificar os efeitos desse contexto sócio-histórico-ideológico sobre a forma que a medicina se debruçou sobre o tema, delimitou seu estudo ao objeto das “perversões sexuais”, e não da sexualidade em toda sua amplitude. Identificar os efeitos sócio-histórico-ideológico pois, ao estudar as perversões sexuais dentro da medicina, o autor percebe que esse objeto já estava construído em outros registros do conhecimento que não os da medicina, denominando como uma “a apropriação médica das perversões” (LANTERI-LAURA, 1994, p. 9).

As condições de produção desse discurso médico sobre as perversões devem ser distinguidas do conhecimento científico das opiniões dominantes do senso comum que não existe, do campo religioso e jurídico. Observando a relação entre a *doxa* e a *episteme* no conhecimento sobre as perversões (Idem, p.14), identifica que a *doxa* delimita o conhecimento dos fenômenos que a *episteme* irá tratar, mostrando que o discurso científico é tanto conhecimento do verdadeiro (*episteme*), como conhecimento das opiniões (*doxa*). Questão antiga na filosofia, desde Platão marca-se uma diferença entre a opinião e a ciência, ou desde Kant entre o saber e a crença, mas sabe-se (e sempre se soube) que o saber não é nítido, há reverberações com o não saber, o não-querer-saber, o saber-sem-conhecer, e a perversão, ou melhor, a sexualidade perversa, sempre esteve nessa categoria.

Nessa relação entre o léxico e os elementos extralinguísticos transparecem elementos significativos que mostram que a divisão entre lícito e ilícito na repartição dos comportamentos é também simultânea a certa reorganização do vocabulário. E Lanteri-Laura mostra que, esse discurso médico das perversões não realiza “corte epistemológico” nenhum, mas corresponde a uma determinação ditada por uma “ética social-ideológica”. A medicalização das perversões não faria mais do que estabelecer

---

<sup>34</sup> Até hoje assistimos veredictos apoiados nessa terminologia, “um ato entre duas pessoas extremamente desequilibradas” (SUSINI, 2006), para qualificar o *autor do crime perverso*. O crime é o que é próprio da espécie humana, constituindo-se acima de tudo como *seu* aspecto secreto.

novos tipos de controle sobre as condutas sexuais desviantes, visto que são procedentes do senso comum (*doxa*) e, os médicos, como atores sociais engajados no posicionamento de sua época, não fariam mais do que assumir suas posições.

Observa-se essa questão no tema da homossexualidade. Distinguida da devassidão e com um novo nome, “inversão sexual”, caracteriza uma maneira contrária à média na manifestação sexual, mas essa inversão não sustenta uma etiologia hereditária, e considerava sua natureza congênita. Contrários a esse pensamento<sup>35</sup>, outros pensadores elucubrariam a inversão como um estado adquirido, próxima ao fetichismo, como um efeito das contingências exógenas da vida psicológica da infância. Mas nesses primeiros estudos sobre a inversão sexual, tornaram-se evidentes diversas formas e caminhos para a obtenção ao gozo, afirmando uma normalidade dos invertidos com a intenção de “ajustar” a legislação penal. Encaminhando-se para um caminho de modificação na legislação penal repressiva, a homossexualidade começou a ser considerada como uma dimensão “natural” da sexualidade, eliminando do judiciário as condutas sexuais diferentes do aceitável socialmente. Esse campo empenhou-se em mostrar que tais condutas nada tinham de monstruoso, e representavam apenas um acesso ao gozo, “talvez doentio”, mas susceptível de tratamento e digno de tolerância (Idem, p.18).

Com o aparecimento no século XIX da sexologia e da criminologia – disciplinas derivadas da psiquiatria com suas especialidades voltadas para as “aberrações”<sup>36</sup> do comportamento sexual –, constata-se uma extrema diversidade das “anomalias” que não descrevem nada além de uma similaridade com a monomania instintiva, e incumbe aos médicos empreenderem um profundo trabalho semiológico dessa pluralidade. É no final do século XIX que aparece toda uma gama de variedades bizarras do comportamento sexual, das quais alguns autores se esforçaram para fazer sua unificação<sup>37</sup>. A unificação não apenas era necessária para o saber científico, como também urgia uma necessidade de reduzir a variedade dos comportamentos perversos a uma unidade mais exata das perversões, organizando sua diversidade e distinguindo-a de patologias fundamentais.

A obra mais difundida pela perspectiva desse movimento psiquiátrico, que se refere de modo unificado ao termo perversão, numa atitude empirista e descritiva com o propósito de neutralizar conotações morais, foi o *Psychopathia sexualis* (1886) de

<sup>35</sup> A. Binet; Schrenck-Notzing; Moll, A.

<sup>36</sup> Palavra usada por todas as autoridades sobre o assunto no século XIX, do sistema penal à medicina. Jargão – gíria profissional ou palavra viciada que revela conhecimento imperfeito de uma língua.

<sup>37</sup> - Gilbert Ballet; F. L. Arnaud; Krafft-Ebing.

Kraft-Ebing. Em suas descrições sobre os casos o autor utilizou frases como, “desde a mais tenra infância tinha uma natureza ruim”, “apresentou uma inclinação para o mal”, revelando que a psicopatologia mantinha uma próxima vinculação com o campo jurídico e moral vigente. Estabelecendo uma classificação e delimitando um campo específico, o psiquiatra destina o termo *parestesias* no conjunto de toda satisfação erótica que não visava à preservação da espécie. Com esse novo termo para designar as satisfações fora da “normalidade”, o significante perversão sofre uma *excomunhão* dos manuais da psiquiatria.

Nesse corolário, as perversões são classificadas no lugar da esterilidade, do prazer e da patologia ligada à morte, ao gozo e à doença, num antagonismo radical à sexualidade “normal” (LANTERI-LAURA, 1994, p.38). Para Lanteri-Laura, portanto, a descrição clínica teve como principal destaque a multiplicidade dos aspectos semiológicos, realizando-se implicitamente contra a moral e pela positividade das perversões. Essa semiologia é elaborada a partir de oposições fundamentais: boas - más; ridículas - comoventes; anódinas - perigosas (LANTERI-LAURA, 1994, p.43), mas, acima de tudo, todas participam de algum tipo de monstruosidade. O que marcava o discurso médico-psiquiátrico era o determinismo da escolha pelo sexo oposto como lei biológica – a escolha “normal” heterossexual com ênfase na reprodução biológica –, ou seja, a satisfação fixada nos órgãos genitais no advento idílico da relação genital.

Importante frisar que não existe normalização da vida biológica, o próprio conceito de norma não pode ser objetivamente determinável por métodos científicos, impossibilitando uma ciência biológica do normal (CANGUILHEM, 2009, p. 176). O que se encontra fora dessa norma, não necessariamente é patológico, pois toda lógica de um princípio do estado mórbido seria apenas uma simples variação quantitativa dos fenômenos fisiológicos. Numa ciência do patológico não é possível falar de patologia objetiva, já que seu objeto não pode ser independente da subjetividade. Pode-se até praticar e conceber imparcialmente uma pesquisa com o intermédio da clínica, mas sempre por uma qualificação positiva e negativa. Por conseguinte, o objeto científico é um valor. Assim, toda norma possui uma pretensão ao poder, e não pode se definir como uma lei natural, exercendo um papel coercivo em relação aos domínios a que se aplica (FOUCAULT, 2010, p.43).

Na busca por esclarecimentos dessa monstruosidade, alguns médicos assinalavam nesses *desequilibrados* uma variedade particular de distúrbios que carecem de “equilíbrio cerebral”. As interpretações neurofisiológicas, com intermináveis

enumerações de casos, surgiram em demasia<sup>38</sup> no campo da anatomofisiologia. Apresentando modelos neuro-anatômicos, essa teoria das localizações cerebrais relacionada à sexualidade incluía a “erotomania”, a “influência psíquica” e a “deficiência cerebral” como condutas com um funcionamento neurológico incomum. Garantindo a inclusão das condutas perversas na esfera médica, o psiquiatra Magnan (1893) tratava o distúrbio funcional interpretado pelas localizações cerebrais, identificando nessas zonas a via real para o acesso da instauração das técnicas terapêuticas. Com novas referências neurológicas, alguns psiquiatras como Henry Ey fundiram a neurologia, elaborando uma abordagem organodinâmica do psiquismo. Essa ciência que reduzia o homem a uma máquina, exclui o fenômeno da causalidade da patologia e sua lógica própria.

Sendo assim, em qualquer sinal de *desequilíbrio mental* dos *anormais*, estes “doentes mentais”<sup>39</sup> entravam numa categoria em que algumas formas de sexualidades ainda mantinham um parentesco com a loucura e o delírio resultante das doenças mentais. A unificação da perversão ainda é um debate que não entra num consenso, principalmente quando se desconhece o conceito freudiano de pulsão. Mas nesse momento do século XIX, em decorrência do parentesco com a loucura, as interrogações sobre a perversão patológica se associavam com as mesmas interrogações sobre as patologias mentais: sobre o que é um louco, quem é, e como se trata? O debate sobre a loucura e, por conseguinte sobre as perversões, permitiu perceber que as medicalizações não podem se reduzir a apenas uma discussão de medidas administrativas, técnicas ou terapêuticas. Durante séculos a loucura e a perversão foram ignoradas, *des-conhecidas*, *insabidas*, e aos poucos, foi sendo apreendida de modo obscuro como uma desorganização da família ou uma desordem social que traz um perigo iminente para o Estado.

A loucura, assim como a perversão, de uma forma geral, insere-se numa negatividade, e aos poucos, essa primeira percepção confusa e obscura de desordem foi aperfeiçoada numa consciência médica que a reformulou com a introdução do perigo no discurso apoiado numa ordem social. Denunciando um reflexo de insuficiência da psiquiatria tradicional, Mannoni (1992, p.173) mostra que houve reformas, mas que estas não puderam ir apenas além dos limites administrativos. Já Lanteri-Laura (1994)

---

<sup>38</sup> V. Magnan (1893); P. Sérieux (1888); F. L. Anaud (1903).

<sup>39</sup> A OMS - Organização Mundial de Saúde banuiu do vocabulário da medicina o termo “doença mental”, mais ainda vemos pairar esse preconceito numa certa ideologia médica.

mostra que o “engodo da psiquiatria” se esforçou, com um discurso positivista, em desmentir e tamponar seu próprio furo.

Gradativamente, o conhecimento sobre a loucura se organizou e se aperfeiçoou numa consciência médica que fomentava o estrangeiro aonde ninguém o pressentira, não mais isolando os estranhos, mas criando-os num panorama social como figuras bizarras e irreconhecíveis. Desfazendo as familiaridades de um conhecimento que não é de hoje, que vem desde Erasmo (2006) passando por diversos filósofos, literários, entre outros, algo no homem foi posto para fora de seu alcance com o gesto criador da *alienação* (FOUCAULT, 2008, p.81). Um ponto em comum entre diversos autores<sup>40</sup> para determinar essa “ciência psiquiatra”, foi a posição do papel do médico que se resumiu em legitimar a aplicação do artigo 63 e 64 do código de 1810, e pela lei de 30 de junho de 1838. Em *História da loucura* (2008), Foucault mostra o efeito de serviço social que o psiquiatra tem – uma criação que marca uma virada histórica<sup>41</sup>. Por uma definição de seu discurso, o psiquiatra está ligado a uma “função das paredes”, pois se ocupa das doenças definidas pela lei que afirma: “*alguém que é perigoso para si e para os outros*” (LACAN, 2011, p.97).

O prazer tem uma importância fundamental aqui, pois, apesar de aparecer ainda de maneira nebulosa, ao lado da sexualidade “normal”, por estar *naturalmente* ligada à função reprodutora, cada vez mais vai separando-se dessa *legalidade* para revelar-se subitamente numa vinculação com o vício<sup>42</sup>. A obra de Krafft-Ebing que fundamentou às classificações das perversões, foi pioneira ao trazer as teorias da degenerescência para distinguir as perversões graves, como sinal de doença mental, para as perversões que não passavam de fantasias esdrúxulas. Com o termo *parestesias*, abrigou as satisfações eróticas para além da preservação da espécie, reconhecendo o próprio prazer como perverso. Diferentemente, Magnan, que nunca reduziu a sexualidade à procriação, mostra que o prazer não pertencia ao sagrado nem ao proibido. Só que, foi Moll que a partir da homossexualidade masculina, mostrou que a principal função da sexualidade reside na produção e obtenção do orgasmo. Ao mostrar que a sexualidade corresponde primeiramente à produção do orgasmo, Moll aparece como o primeiro médico a

---

<sup>40</sup> LANTERI-LAURA, 1994, p.51; FOUCAULT, 2008, 1988, 2010; LACAN, 2011, p.97; ROUDINESCO, 2008, p.77.

<sup>41</sup> “É evidente que o internamento, em suas formas primitivas, funcionou como um mecanismo social, e que esse mecanismo atuou sobre uma área bem ampla, dado que se estendeu dos regulamentos mercantis elementares ao grande sonho burguês [...] o internamento seria assim a eliminação espontânea dos ‘a-sociais’” *História da loucura* (FOUCAULT, 2008, p.79).

<sup>42</sup> Questão antiga da e na filosofia para pensar a ascese e a ética.

construir uma teoria das fases do orgasmo e estabelecer uma distinção entre a maturidade psicosexual da criança e a capacidade reprodutiva.

“Por que, afinal, foi preciso que os éticos voltassem sempre ao problema enigmático da relação do prazer com um bem final, naquilo que dirige a ação humana enquanto moral? Por que sempre voltar ao tema do prazer?” (LACAN, 2008, p.49). Pelo simples fato de o prazer aparecer sempre como termo oposto ao esforço moral. Por conseguinte, o prazer foi conjugado ao vício introduzindo-o no campo da patologia, e, conseqüentemente, remetendo-o à doença e ao mal.

Hoje, a ciência médica ainda se apoia num sistema positivista, mas bem mais consistente, que se baseia pelo organismo, mas ainda desmente e rejeita sua própria inconsistência ao classificar o que não tem classificação. Sem dispor em sua teoria de critérios para a normalidade, seu sistema nosográfico, o CID-10<sup>43</sup>, apresenta em todas as categorias o item “*Fx.*”, descrito como “não especificado”; ou seja, justamente ali onde apareceria a inconsistência, o não definível, que o discurso médico científico vela o buraco em seu sistema, nem que seja por uma incógnita. Agora, o gozo já não é necessariamente ligado à reprodução, satisfazendo-se apenas com uma pequena parcela de prazer e deixando um *resto* injustificável biologicamente. Esse *resíduo*, com a qualidade da demora e inerente ao orgasmo, aproxima-se dos comportamentos com a nomenclatura das perversões.

---

<sup>43</sup> *Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Porto Alegre, 1993.

## 2. PERSPECTIVAS DA ELABORAÇÃO E DA SUBVERSÃO FREUDIANA

No período anterior aos *Três ensaios*, Freud, ainda um médico neurologista de Viena, se posiciona sobre o assunto influenciado pela corrente da época, um movimento evolucionista de uma prática psiquiátrica que define a perversão como um desvio do comportamento sexual e moral, designando os assassinos, os sádicos e delinquentes. O momento era dominado pelas teorias degenerativas e evolutivas (organicistas), onde a principal referência sobre as perversões era o *Psychopathia sexualis*, livro impregnado de moralismo.

Nessa época anterior a Freud, a teoria da sexualidade do ser humano baseava-se na ideia da atração recíproca natural de um sexo pelo outro, encontrando a satisfação fixada nos órgãos genitais. E é inserido nessa cultura, que encontramos em seus primeiros escritos, um julgamento um pouco mais contido do que um estudo com os rigores de uma ciência, como submetia suas descobertas, parecendo evitar entrar num verdadeiro embate com a sociedade da época. Mas Freud foi o primeiro a tirar o rótulo preconceituoso do tema e mostrar uma investigação da perversão diferenciada das diversas produções discursivas (medica-psiquiátrica, religiosa, jurídica).

Hoje, mais de um século da subversão freudiana, observamos concepções diferentes do que é classificado como perversão, do que é um ato perverso ou um sujeito perverso. Alguns<sup>44</sup> afirmam que o que configura esse sujeito um perverso é a recusa da castração, conforme as formulações de Freud em *O fetichismo*, enquanto outros<sup>45</sup> trabalham principalmente com a questão do masoquismo como paradigma da perversão, conforme o texto *O problema econômico do masoquismo*. Existe ainda quem nem considere a perversão como uma estrutura ou presente na constituição infantil. Será que os psicanalistas estão dispostos e até preparados para irem contra a tendência dominante? Com isso, achamos imprescindível voltarmos ao pensamento de Freud para pensar e sustentar a subversão.

---

<sup>44</sup> - Clavreul, J. (1990).

<sup>45</sup> - Laplanche, J. (1968).

## 2.1 – Um pensamento em construção

Em sua busca pela verdade, o inventor da psicanálise sempre teve uma preocupação de oferecer às suas descobertas um modelo teórico, definindo-a de metapsicologia<sup>46</sup>. *A bruxa metapsicológica* surge de suas evidências empíricas e passa por diversas modificações no intuito de se constituir um saber científico; a *ficção teórica* que não tolera qualquer rigidez (FREUD, 1915). Freud nunca considerou completo seu avanço do conhecimento, reformulando constantemente os conceitos e considerando seus modelos teóricos como flexíveis e capazes de readaptação, “não desejo suscitar convicção; desejo estimular o pensamento e derrubar preconceitos (FREUD, 1917[1916-17], p.251); no transcorrer do meu trabalho, tenho modificado minhas opiniões em alguns pontos importantes, tenho-as alterado e substituído por outras, novas” (Idem, p.253).

Com a teoria da sexualidade e da perversão não foi diferente, mencionado constantemente de pouco ou quase nada<sup>47</sup> se interessar pela perversão, principalmente no período incipiente de seu pensamento, veremos que esse campo teórico esteve ao longo de toda sua obra com mudanças decorrentes de modificações em sua metapsicologia. Antes de afirmar se pouco ou muito<sup>48</sup> Freud se interessou pelo tema nesse período, pensamos que esse tema foi central e o que possibilitou Freud construir sua teoria. O que permitiu a perversão da sexualidade foi a pulsão, conceito fundamental (*Grundbegriff*) da metapsicologia freudiana, logo a pulsão é perversa. Não pretendemos com essa leitura ir além das significações freudianas, mas esperamos numa volta a Freud consolidar às formas e os estatutos que lhe foram concedidas ao longo de sua obra.

Sabendo da dificuldade inerente ao tema, achamos de extrema importância circunscrever o período anterior a sua teoria da sexualidade, compreendendo suas raízes e seus *elos de ligação*. Como visto no capítulo precedente, os discursos desse período eram pautados por uma pregnância normativa – moralista dominada pelas teorias degenerativas e organicistas (evolutivas). A ênfase no determinismo da “lei biológica” encontrando a satisfação fixada nos órgãos genitais das “ciências da sexualidade” foi o

<sup>46</sup> - Termo introduzido pela primeira vez numa carta endereçada a Fliess, em 13/02/1896, (FREUD/1986).

<sup>47</sup> - Valas, P. (p.17); Queiroz, E. F. (p.15); Ferraz, F. C. (p.19).

<sup>48</sup> - “... não concordamos com esse tipo de leitura”. Helsinger, L. A. 1996, p.54.

período de correspondência de Freud com Fliess, trazendo valiosas observações dessa relação epistolar.

A primeira enunciação do termo encontra-se na carta 21, no relato de um caso que apenas alude sobre os “pródromos da perversão”, para fechar a carta com a pergunta “será que ele fez uma confissão completa?” (FREUD, 1950 [1896]/2006, p. 246). O primeiro enunciado encontramos carta 39, no “Rascunho K - As neuroses de defesa”, expondo à perversão como contraponto a neurose. Ainda impregnado pela predisposição hereditária e imerso no moralismo higienista da comunidade científica de sua época, Freud estava preocupado em dissecar a etiologia das neuroses<sup>49</sup>, colocando à perversão como outra saída possível contrária ao sofrimento neurótico, afirmando que, “em vez da neurose emergem a perversão ou, simplesmente, a imoralidade” (FREUD, 1896/2006, p.268 ou 1986, p. 164), para em seguida endossar ser um “enigma psicológico” quando “não é possível explicar um recalçamento” (Idem).

Na carta 52, a perversão é incluída em seu quadro esquemático com a descrição de um “recalçamento impossível ou não tentado” (FREUD, 1896/2006, p.285), alegando ser o resultado de experiências sexuais prematuras. O resultado dessas experiências conduz ocasionalmente à perversão ou a neurose, pois a defesa ou não ocorreu antes de o aparelho psíquico estar completo, ou nunca aconteceu. Mas, ao abordar o problema fenomenológico de diferenciação entre a neurose, explica, “valho-me da bissexualidade de todos os seres humanos” (Idem, p. 286). Assim, começa a nos orientar para seu postulado da sexualidade polimorfa e da bissexualidade como disposição psicológica responsável pelas escolhas objetais. Esse caminho resulta na interpretação da histeria como resultado da perversão, “a histeria não é sexualidade repudiada (*ablehnen*), mas, antes, *perversão repudiada*” (Idem, p.287), aforismo que repetirá em *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901).

A noção de bissexualidade provocou inúmeras discussões nesse final de século, mas para a concepção freudiana de sexualidade ela foi central, tanto para sustentar todo o conjunto teórico, como constituiu a possibilidade de nomeação dos efeitos produzidos pela perda do objeto do desejo sobre a sexualidade humana (JORGE, 2005, p. 30). Freud estabeleceu uma longa discussão com Fliess sobre essa noção, e foi após a ruptura entre eles que ele desenvolveu o conceito de pulsão. A disposição psicológica da bissexualidade é o que permite diferentes escolhas objetais, e com a bissexualidade

---

<sup>49</sup> - “(...) agora chegou o tempo das neuroses”. Gay, P. 2012, p. 69.

presente em todo ser humano, Freud vai abrindo um caminho para demonstrar que a sexualidade humana é perversa.

Na tentativa de situar essas experiências prematuras em seus “fundamentos orgânicos”, Freud nos atenta para a persistência da compulsão como uma forma de continuar a exercer o prazer dessas primeiras experiências sexuais. Esses prazeres, quando lembradas em uma fase posterior, geram desprazer “em algumas pessoas e, em outras, a persistir como compulsão” (FREUD, 1896/2006, p.286) para evitar o desprazer. Apresentando um caso de um paciente com a impulsão mórbida para a bebida, na carta 55, afirma que este antes de se sentir doente, era um perverso e, portanto, “consequentemente sadio” (1897/2006, p.288), pois, sua doença surgiu “através da *substituição* do impulso sexual correlato por esse impulso [para a bebida]” (Idem). Há de considerar que Freud estava construindo uma teoria da neurose, logo, designou o “sadio” como “não neurótico”.

Abrindo essa carta para apresentar novas descobertas analíticas, Freud apresenta o que “determina uma psicose (ou seja, amênia<sup>50</sup> ou psicose confusional)” (Idem), creditando sua etiologia ao abuso sexual antes que o aparelho psíquico tenha sido completado em sua primeira forma. Da mesma forma que a psiquiatria de sua época ainda mistura perversão com loucura, delírio em ato, ou afins, Freud cada vez mais se debruça sobre os estudos das psiconeuroses e começa perceber a importância etiológica na vida sexual. Mas, ainda absorto nas correntes científicas da época, corrobora seus enunciados indicando que as “perversões normalmente levam à zoofilia e tem uma característica animal” (Idem, p.289).

Com esse caso de substituição do impulso sexual para a bebida, projeta um esclarecimento sobre “três formas de doença”, para comentar a característica animal na perversão. O principal órgão dos sentidos nos animais é o olfato, mas essa posição nos humanos foi reduzida, apesar de que, nas perversões com característica animal, sua explicação acontece pela atuação de sensações erógenas. Quando este órgão do sentido é dominante, ele tem um resultado sexualmente excitante e mostra uma conexão com o aumento do sentido do olfato na histeria. Essa relação entre o olfato e a sexualidade já

---

<sup>50</sup> - Processo de reação a uma perda que a realidade perceptiva se afirma, mas que o eu desmente por ser insuportável (FREUD, 1917[1915]/2006, p. 240).

aparecia nos trabalhos teóricos de seu amigo Fliess<sup>51</sup>, mas para Freud, essa relação desdobra-se com os desenvolvimentos do recalque orgânico.

Pensando a gênese da constituição sexual, Freud situa o recalque orgânico e relaciona a perversão como a ausência deste. Esse comentário da carta 55 tem sua continuidade na carta 75, quando se inclinava por encontrar a fonte do recalque sexual normal, como a moralidade, a vergonha, etc. “Suspeitei de que alguma coisa orgânica desempenhava um papel no recalque” (FREUD, 1897/2006, p. 319), se referindo ao abandono das zonas sexuais precedentes que funcionam ativamente nos animais, seja pelas sensações do olfato e pela adoção da postura ereta, que marca a substituição do olfato pela visão (FREUD 1930[1929]/2006, p.105 e 111), seja pelas zonas que não produzem mais uma liberação sexual nos “humanos maduros e normais”, como o ânus, a boca, e a garganta, além de uma série de sensações que se tornaram repulsivas e estariam na base do processo de recalque. Se na infância a sexualidade ainda não é localizada como o é no adulto, com o abandono dessas zonas erógenas, significa que, “quando isso persiste (...), o resultado é a perversão” (Idem).

Esse conceito permite compreender e ratificar a sexualidade humana não mais como instintual, mas sim como pulsional. Apesar da obscuridade na natureza da modificação da sensação interna que resulta na necessidade de se transformar em repugnância, esse enigma não indica nenhuma naturalização da relação do recalque com a sexualidade, mas une o processo neurótico e o processo normal. Com isso, o recalque orgânico está imbricado no próprio advento da espécie humana e no núcleo do inconsciente. Marcar a noção de recalque originário nos situa num recalque que antecede e está na origem mesma da constituição do inconsciente, logo, da estrutura do sujeito (JORGE, 2005, p. 22). A relevância opera pelo fato do fundamento do recalque ser análogo à formulação de recalque orgânico (Ibidem, p. 26).

Mas o termo do recalque orgânico foi mencionado apenas em 1906<sup>52</sup>, ao afirmar a importância da sexualidade na etiologia das neuroses e substituir “defesa” por “recalque sexual orgânico”. Essa noção, além de se relacionar em outros momentos

---

<sup>51</sup> - Ver *Fundamentos da psicanálise: de Freud a Lacan (as bases conceituais)*, vol.1, 2005, p. 29. Jorge, M. A. C.

<sup>52</sup> - *Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses* (1906[1905]/2006, p.264).

com o olfato<sup>53</sup>, traz também a ideia de compreensão do processo civilizatório sobre o argumento do trabalho da cultura (*kulturarbeit*), onde o “processo da civilização” advém do recalque da vida sexual, ou, em outras palavras, com o processo de recalque inerente à sexualidade humana. Na carta para Einstein (1933[1932]/2006, p. 207), Freud afirma que as modificações psíquicas acompanham o processo civilizatório consistindo num deslocamento progressivo dos fins pulsionais, pois, “há motivos orgânicos para as modificações em nossos ideais éticos e estéticos”. Se o excrementício ou as pulsões coprofílicas estão ligados ao sexual necessitando ser recalçada para se adaptar culturalmente, é porque essa passagem dá lugar, junto com a posição bípede, há uma sexualidade regida predominantemente pela visão.

Ainda nas cartas, a investigação dos mecanismos da sexualidade humana expõe a etiologia das neuroses e aproxima pela primeira vez o tema da perversão na carta 52. Instigado pela crença da existência real da cena de sedução relatada pelas histéricas, Freud começa a elucidar sua teoria da sedução<sup>54</sup>, que logo à frente, na carta 69, receberá outra significação. Essa outra significação é a primeira grande modificação da sua teoria, quando diz, “não acredito mais em minha neurótica [teoria das neuroses]” (FREUD, 1897/2006, p.309). Comumente palco de grande discussão, o abandono de sua teoria da sedução, que, diga-se de passagem, nunca foi abandonada, significa apenas que o trauma perde toda a significação etiológica para a patologia.

Desapontado com suas tentativas de chegar numa conclusão real dos fatos (sua *crença*<sup>55</sup> influenciada pela persistência de seu desejo), Freud percebe que sua noção de sedutor perverso não se sustenta, descobrindo que “no inconsciente não há indicações da realidade” (Idem, p. 310), impossibilitando a distinção entre verdade e a ficção investida no afeto. Essa nova posição é crucial em sua teoria, pois diferencia realidade concreta da realidade psíquica, e constata que “o inconsciente nunca supera a resistência do consciente” (Idem), possibilitando a percepção de que toda a verdade enunciada pela histeria é sua mentira fundamental.

---

<sup>53</sup> - *Notas de um caso de neurose obsessiva* (Homem dos ratos) 1909/2006, ao comentar sobre a tendência de extrair prazer do odor, bem comum na infância. *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (contribuições à psicologia do amor II)* 1912/2006, ao relacionar a questão do olfato com as pulsões coprofílicas, mostra que a pulsão sexual provém de componentes coprófilos que não podem integralizar a pulsão em seu aspecto final, por serem antagonísticos com a cultura civilizada. Na última parte desse texto, Freud também marca o antagonismo entre a civilização e a vida instintiva.

<sup>54</sup> - “o ponto essencial da histeria é que ela resulta de perversão por parte do sedutor, e mais e mais me parece que a hereditariedade é a sedução pelo pai” (Idem, p. 286).

<sup>55</sup> Cf. p. 10.

Abrindo espaço para novas elucubrações e com a “possibilidade de que a fantasia sexual tivesse invariavelmente os pais como tema” (idem), Freud percebeu o papel desempenhado pela fantasia no psiquismo, trazendo para a cena a teoria da fantasia e germinando a descoberta da sexualidade infantil e o complexo de Édipo. Dois conceitos corolários dessa mudança, a fantasia surge dos relatos das histéricas nas cenas de sedução e o Édipo pelo desejo inconsciente de serem seduzidas pelos pais.

Sabemos que é apenas nos anos seguintes que o complexo de Édipo receberá uma importância maior no complexo da neurose, mas na carta 71, Freud, a partir de sua auto-análise, anuncia uma descoberta de valor genérico na tragédia de Sófocles. Percebendo sua paixão pela mãe e o ciúme do pai, considera esse fato com um evento universal do início da infância, encontrando em Édipo a fantasia que possui o conteúdo do trauma real e corrobora sua ideia.

Acha-se relevante ressaltar a primeira referência do conceito de divisão (*splitting/spaltung*) da consciência, na carta 56, quando Freud faz uma comparação de sua hipótese da histeria com a conhecida teoria medieval da possessão pelo demônio, “idêntica à nossa teoria de um corpo estranho e de uma divisão (*splitting*) da consciência” (Ibid., p. 290). Importante frisar que a cisão do eu no processo de defesa, o desmentido, é diferente do processo de divisão do sujeito pelo recalque, (que nada tem de comum com a *Verleugnung* como veremos adiante). Não obstante, no escrito seguinte, na carta 57, Freud faz uma pesquisa bibliográfica do assunto utilizando-se do *Malleus Maleficarum*<sup>56</sup>, e vai consolidando incidentalmente algumas ideias:

Estou começando a apreender uma ideia: é como se, nas perversões, das quais a histeria é o negativo, estivéssemos diante de um remanescente de um culto sexual primitivo, que foi outrora – e talvez ainda seja – numa religião no Oriente semita (Moloch, Astarte). Imagine só, consegui uma cena sobre a circuncisão de uma menina! (...) As ações perversas, além disso, são sempre as mesmas – significativas e moldadas segundo um padrão que um dia será compreendido. Estou sonhando, portanto, com uma religião demoníaca primitiva com ritos praticados em segredo e compreendo a terapia rigorosa aplicada pelos juizes das bruxas. Os elos de ligação são abundantes (FREUD, 1986, p. 228).

Sabendo que um discurso nunca possui apenas uma dimensão, alguns pontos merecem uma atenção: primeiramente a oposição diferencial entre neurose e perversão com a *histeria como negativo das perversões*; observa-se a articulação da perversão com o sexual, a crença e o primitivo como *remanescente de culto sexual primitivo*,

---

<sup>56</sup> - Livro escrito em 1484, por dois monges alemães, utilizado como uma espécie de manual antibruxaria pelos inquisidores para identificar as bruxas, além dos procedimentos legais para condená-las.

abrindo caminho para a criação de seu mito; há também o prenúncio da mulher (mãe) fálica com a *circuncisão em menina*; a marcação da diferença das fantasias inconscientes relatadas na neurose das *ações perversas*, e a pontuação dos relatos das históricas que, acompanhados de repugnância e vergonha, falham às vezes na tentativa de obstruir a realização das ações de suas fantasias; vemos o começo da percepção da repetição por uma insistência *das ações que são sempre as mesmas*; e, se as ações perversas são sempre as mesmas, seria o início de uma compreensão para um modelo, uma universalização que o levaria para desembocar numa estrutura própria para a perversão?

Relatando ter “um primeiro vislumbre de alguma coisa nova” e começando “a compreender um elo da teoria da sexualidade” (Idem., p. 331), na carta 125, Freud se vê diante do problema da escolha da neurose, distinguindo a histeria e sua variante, a neurose obsessiva, da paranoia e da perversão. Determinando esta última por um impulso auto-erótico que retorna à “*originäre verrücktheit*”<sup>57</sup>, Freud refere-se “as relações especiais do auto-erotismo com o ‘ego’ original” (Idem), começando a traçar um contorno sobre uma regressão fixada “no processo primário” por uma interrupção no desenvolvimento do aparelho psíquico.

Assim, podemos observar que, desde o início de suas concepções, Freud diferencia-se das teorias de sua época, quando concebe a perversão não como um impulso descontrolado, espécie de instinto sexual que o sujeito não consegue dominar, mas sim como uma posição do sujeito.

## 2.2 – Os três ensaios – a invenção do conceito de pulsão

Antes de nos aventurarmos nos *Três ensaios*, é importante comentarmos sobre dois textos, o caso Dora, em *Fragmento da análise de um caso de histeria* (1905 [1901]), considerado uma continuação do livro dos sonhos, que nos traz considerações sobre o orgânico a partir das zonas erógenas e da bissexualidade, e o *Psicopatologia da vida cotidiana*, escrito e publicado em 1901.

---

<sup>57</sup> - Traduzido por loucura idiopática ou loucura original.

A importância do primeiro para o presente trabalho é a refutação das teorias degenerativas da época<sup>58</sup>, “as perversões não são bestialidades nem degenerações...” (FREUD, 1905, p.55), afirmando que o perverso simplesmente *permaneceu* perverso, “pois exemplifica um estágio de *inibição do desenvolvimento*” (p.56). Há também a afirmativa de que todos os psiconeuróticos possuem fortes tendências perversas, mas que, no sobrevir da evolução psíquica são recalçadas e tornadas inconscientes, e por isso suas “fantasias inconscientes” (p.56) apresentam os mesmos conteúdos dos atos dos perversos. E termina afirmando que, “as psicose neuroses são, por assim dizer, o negativo das perversões” (p.56), mostrando a condição perversa da fantasia na neurose sob o recalque. Freud ainda cita o atributo moral do livro *Psychopathia sexualis*, “livro a que pessoas ingênuas atribuem uma parcela tão grande de culpa na gênese das tendências perversas” (p.56), reconhecendo o poder da moralidade da época.

Além de refutar as teorias degenerativas e seguir um caminho contrário dos cientistas de sua época, Freud considerou que cada sujeito em sua vida sexual transgride as fronteiras do que avalia ser normal, já que cada um de nós, “ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal” (1905 [1901]/2006, p. 55). Na indefinição dos limites da vida sexual normal em diferentes épocas e locais, Freud retira a homossexualidade do quadro patológico reconhecendo que são as moções perversas inconscientes que formam os sintomas histéricos, e não apenas da sexualidade recalçada “normal” (Idem, p.56), antecipando-se sobre o polimorfismo da sexualidade.

Em *Psicopatologia*, Freud retoma a tese de que os neuróticos têm tendências perversas recalçadas, “as fantasias dos histéricos sobre os maus tratos sexuais e cruéis correspondem, (...) que encontremos um conteúdo idêntico, em forma de realidade, nos artificios criados pelos perversos para a satisfação de seus apetites sexuais” (FREUD, 1901/2006, p.251), concepção esta que foi retomada em diversos momentos no primeiro dos três ensaios com a fórmula da neurose como negativo da perversão. Ou seja, os histéricos seriam perversos sob recalque e os perversos seriam pessoas que utilizam seus artificios na realidade. Esse argumento é retomado em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade* (1908), separando a fantasia inconsciente na neurose, da fantasia consciente na perversão. Nesse texto, Freud não exclui a encenação na neurose, tanto em atos imaginários quanto às vezes em atos reais, dificultando ainda mais uma

---

<sup>58</sup> - Freud já tinha se distanciado dessa teoria desde 1897, como vimos acima, mas aqui refuta de maneira clara sobre a questão.

discriminação fenomenológica. Mas nesse artigo, Freud percebe pela primeira vez a importância das fantasias como base dos sintomas histéricos, assunto que começou a se tornar predominante em sua mente.

Lembremos que, assim como na neurose, na perversão há também a instauração da fantasia inconsciente fundamental, sofrendo a ação do Nome-do-Pai com a instalação do recalque originário. Lacan, desde seu primeiro seminário mostra em diversos momentos a relação intersubjetiva que marca a perversão, “não há uma única forma de manifestação perversa cuja estrutura mesma, a cada instante do seu vivido, não se sustente na relação intersubjetiva” (LACAN, 1953-54/2009, p. 279). Essa relação demonstra que os neuróticos possuem tendências perversas recalcadas que podem se tornar conscientes e, repentinamente, se realizar em atos imaginários e até reais. Com isso, os atos perversos não podem definir um sujeito como perverso e ratificam a sexualidade perversa. Essa é uma das dificuldades de diferenciação da perversão com a neurose do ponto de vista fenomenológico, além de nos indicar que, por estar no plano da intersubjetividade, a perversão parte da possibilidade de nomear a destruição e a passagem da coisa (*das Ding*) ao plano simbólico, produzindo a encarnação do simbólico no vivido material e imaginário. O problema de toda perversão deve ser “abordado a partir do Édipo, através dos avatares, da revolução de Édipo” (LACAN, 1956-57/1995, p. 122)

Se na *Interpretação dos sonhos* Freud nos apresenta o conceito de inconsciente, nos *Três ensaios* apresenta o conceito de pulsão, diferenciando-a pela primeira vez de instinto. Com essa nova concepção promove um *corte epistemológico* com as teorias da época e introduz um novo entendimento da sexualidade, apresentando uma “teoria da sexualidade”, enquanto os autores de sua época apenas discorriam sobre a sexualidade sem qualquer rigor científico. Inconsciente e pulsão são dois conceitos fundamentais que possibilitam a articulação entre linguagem e sexualidade, e a partir do ensino de Lacan podemos falar da articulação do simbólico com o real. Tanto a linguagem como a pulsão assinalam uma distância em relação ao natural, e enquanto o conteúdo for psicanalítico, o sexual estará sempre aí, pulsando; “a realidade do inconsciente é – verdade insustentável – a realidade sexual” (LACAN, 1964/1998, p. 143).

No primeiro ensaio, intitulado “As aberrações sexuais”, Freud começa informando-nos que examinou atentamente as publicações das autoridades no assunto da sua época, e como dito acima, ele não nega a tradição do pensamento de sua época, retirando dessa fonte à noção de perversão. O título do primeiro ensaio gerou diversas

interpretações e críticas quanto ao uso da palavra “aberração” (*alweichung, abirrung*) feito por Freud. Mas observa-se no próprio texto que o autor não faz mais que utilizar o termo (jargão) da época, “Diz-se dessas pessoas que são...” (FREUD, 1905/2006, p. 129). Os autores da época falavam das aberrações sexuais para se referir aos diferentes modos de sexualidade que não a reprodução com o alvo na sexualidade genital. E foi partindo daí que Freud desconstruiu a sexualidade até então proposta, que não passava de uma catalogação das práticas sexuais. Nesse ensaio é destacada a universalidade perversa da sexualidade humana, podendo levantar a questão de como os atos escatológicos e aberrantes podem ser considerados normais.

Afirmando que os fatores acidentais conduzem os fatores disposicionais, ou seja, que a ontogênese prevalece sobre a filogênese, Freud apresenta dois termos, o objeto sexual e o alvo sexual, para mostrar “um grande número de desvios em ambos” (FREUD, 1905, p.128) na relação deles com a suposta normalidade vigente. Marcando os desvios do objeto sexual, fala de “inversão”<sup>59</sup> para caracterizar a escolha do objeto sexual de um parceiro do mesmo sexo. Mas não é a partir dele que a *aberração* deve ser definida, exercendo uma função secundária; ou seja, não é o objeto que forma o componente fundamental da pulsão sexual, existindo inicialmente de modo independente de seu objeto, e possuindo um caráter adquirido da pulsão sexual.

O primordial é o modo de gozo sexual e o parceiro é contingente. Na explicação para a inversão, Freud rejeita a tese da degeneração e recorre à bissexualidade. A teoria da bissexualidade foi o modo que Freud encontrou para dar conta da impossibilidade da relação sexual, mas até hoje esse conceito causa uma grande confusão. Por isso que o conceito de pulsão foi tributário para desenvolver sua subversão e responder ao impasse teórico. Em relação ao alvo sexual normal, que seria a união dos genitais no momento do coito aliviando temporariamente a tensão e a pulsão sexual, os desvios seriam de duas ordens, os alvos preliminares e as transgressões anatômicas.

Aqui, Freud alude a uma fetichização de certas partes do corpo do parceiro, substituto do objeto sexual, renunciando em determinados momentos ao ato sexual e fixando-se nos objetivos preliminares para a realização do prazer. Não obstante, considera o fetichismo como uma variação da normalidade, já que em certo grau costuma ser próprio do amor normal, e nos casos patológicos quando há uma impotência da genitalidade. Conceitualizada a partir de sua fixação e da substituição do

---

<sup>59</sup> - Freud só parou de usar esse termo em 1910, no seu ensaio sobre Leonardo da Vinci.

objetivo normal, afirma: “nenhuma outra variação da pulsão sexual nas raias do patológico merece tanto nosso interesse quanto essa, dada a singularidade dos fenômenos a que dá lugar” (p.145). Não é a toa que o artigo de 1927, *Fetichismo*, provoca uma virada no conceito de perversão. Essa substituição do objeto normal pelo fetiche é “uma conexão simbólica de pensamentos que, na maioria das vezes, não é consciente para a pessoa” (p.146).

Logo à frente, Freud examina “o tocar e o olhar”, ou seja, o uso do tato, o voyeurismo e o exibicionismo, apresentando uma configuração dupla nas formas *ativas passivas*. O que oporia essas perversões é a vergonha e o pudor de um lado, e o prestígio de outro. Mas nessa fenomenologia engendrada pelo olhar deve ser reconhecida no registro do imaginário. Na miragem do jogo da dimensão intersubjetiva, cada sujeito se identifica a um outro. Esse fenômeno fundamental do olhar se dá a partir do momento em que esse olhar existe e pelo fato que sou em algo diferente e me torno um objeto para o olhar de outrem, assim como sua recíproca. O olhar não se situa simplesmente ao nível dos olhos, mas ele é também o que se esconde, o que se suspeita que está atrás do que supomos que o outro me espia, é o *x* do qual um sujeito se torna objeto.

Partindo da apresentação dessa dupla configuração, Freud define o sadismo e o masoquismo. Sempre afirmando que essas patologias se encontram em pessoas normais, o sadismo em sua forma ativa “corresponderia a um componente agressivo autonomizado e exagerado da pulsão sexual” (p.149), e o masoquismo, que seria o seu oposto, em sua forma passiva, corresponderia a “uma satisfação exclusivamente condicionada pela sujeição e maus – tratos a ele infligidos” (p.150).

Dando-lhe um lugar especial entre às perversões - pois “o contraste entre atividade e passividade que jaz em sua base pertence às características universais da vida sexual” (p.150) - Freud considera o masoquismo como um retorno do sadismo sobre o sujeito. Então, um masoquista é sempre um sádico, “o masoquismo não é outra coisa senão uma continuação do sadismo que se volta contra a própria pessoa, que com isso assume, para começar, o lugar do objeto sexual” (p.150). Como veremos à frente, na segunda tópica ele vai inverter essa fórmula, com a noção de masoquismo originário. Assim, as formas ativa e passiva podem encontrar-se numa mesma pessoa, o sadismo e o masoquismo relacionado à oposição entre masculino e feminino, como expressão da bissexualidade.

Com essas variações de expressão da sexualidade, Freud destaca o extraordinário polimorfismo sexual, reiterando que os desvios encontram-se em todos os homens, mas sua diferenciação da normalidade se caracteriza pela fixação quanto ao desvio do objeto, ou seja, a posição subjetiva a partir da fixação que define a escolha de estrutura. Com isso, a pulsão normal é definida por encontrar forças inibidoras como repugnância, educação, pudor, moral, e, quando não encontra essas forças inibidoras por razões constitucionais ou causas externas, ou seja, quando o sujeito não responde com o recalque completo (o desmentido), seu desenvolvimento pode acarretar em “desvios”.

Com os desvios em relação à meta sexual (transgressões anatômicas) e as fixações (tocar, olhar, sadismo e masoquismo), Freud percebe que as pulsões parciais desempenham um importante papel na formação dos sintomas, pois toda perversão ativa é acompanhada de sua forma passiva – os pares opostos. Em sua pesquisa sobre a sexualidade, Freud esclarece o fato de que os sintomas surgem a partir da pulsão sexual normal, e representam as funções convertidas dessas pulsões, com os sintomas se formando e se alimentando às custas do *anormal*, designadas como perversas e expressas pelas ações, sem o desvio da consciência aos propósitos da fantasia, “portanto, os sintomas se formam, em parte, às expensas da sexualidade *anormal* ; a *neurose* é, por assim dizer, o negativo da perversão” (p.157).

O sintoma expressa o desejo do sujeito, mas como há uma impossibilidade de se dizer o que se quer, o sintoma expressa o desejo para além de sua fala e se realiza como uma via possível para a realização desse desejo inefável. E o que satisfaz um sintoma é a pulsão que articula o biológico com o psíquico ou, entre corpo e o significante. *Trieb* foi o termo utilizado por Freud para teorizar esse conceito, e erroneamente, foi traduzido por *instinto*<sup>60</sup>, desencadeando confusões e discussões até hoje sobre a dificuldade de *tradução* de um conceito que tem sua marca num para além. Assim, diferentemente de instinto, a pulsão não tem orientação biológica nem adaptativa e pré-determinada, mas como visa à satisfação, caracteriza-se, sobretudo como não-natural e imprevisível diante de sua plasticidade.

Importante ressaltar uma nota de rodapé que alude à posição subjetiva diante da fantasia nas três soluções encontradas pelo sujeito. Na perversão, as fantasias são conscientes e transformadas em atos; na histeria são inconscientes e recalçadas; e nas psicoses são projetados no outro em um sentido hostil. A maneira como à pulsão é

---

<sup>60</sup> - Ver: *Retorno à querela do Trieb: por uma tradução freudiana*, de Ivan Estevão.

vivida singularmente pelo sujeito designa as diferentes estruturas clínicas – neurose, psicose e perversão. Cada uma exerce um mecanismo específico de defesa, com o recalque (*Verdrängung*) para a neurose, a forclusão (*Verwerfung*) para a psicose e o desmentido ou renegação (*Verleugnung*) para a psicose. Mas nesse texto, Freud ainda não utiliza esses termos, assim como ainda não havia identificado o mecanismo de defesa próprio da estrutura perversa, mas começava a prenunciar a distinção entre neurose e perversão.

Esse axioma freudiano da neurose como negativo da perversão, não deve ser entendido simplesmente como o que está oculto no inconsciente da neurose, como se a perversão estivesse a céu aberto. Lacan ressaltou que todo problema da constituição da perversão deve ser abordado partindo de Édipo, e por isso que em *Subversão do sujeito e a dialética do desejo* (1960/1998), afirma que “no perverso o inconsciente não está a céu aberto”, explicitando uma diferenciação clara entre a perversão e a psicose, assim como a semelhança com a neurose. Lacan mostra que a perversão é gerada a partir do encontro com a castração e no campo da referência fálica, possuindo a mesma estrutura de compromisso que há na neurose, com a dialética do recalco e de seu retorno, “a perversão é um resíduo do desenvolvimento em direção ao complexo de Édipo” (FREUD, 1905/2006, p. 154).

O recalco só pode ser concebido se relacionado a uma cadeia significativa, na medida em que “o sujeito não quer reconhecer alguma coisa que necessitaria ser reconhecida (...) ela [perversão] comporta exatamente os mesmos mecanismos de elisão, dos termos freudianos, isto é, edipianos, que encontramos na neurose” (LACAN, 1957-58/1999, p. 242). Surpreende o fato de que desde o primeiro seminário de Lacan, e os próximos, constantemente marca-se esse parentesco com a neurose, deixando-o estupefato de como ainda é cunhada a generalização da perversão com outras patologias.

Terminando o primeiro ensaio, Freud dissocia a pulsão sexual em pulsões parciais, distinguindo-as através das fontes somáticas e seus alvos. “Por pulsão podemos entender, a princípio, apenas o representante psíquico de uma fonte endossomática de estimulação que flui continuamente, para diferenciá-la do estímulo, que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Pulsão, portanto, é um dos conceitos de delimitação entre o anímico e o físico” (FREUD, 1905/2006, p. 159). As pulsões parciais são diferenciadas pelas fontes somáticas de um determinado órgão que provém uma excitação sexual, designados por zonas erógenas, e apresentam-se como um aparelho

sexual secundário que pode usurpar as funções do aparelho genital – conceito importante na delimitação da perversão como uma fixação pré-genital. “A sexualidade só entra em jogo em forma das pulsões parciais” (LACAN, 1964/1998, p. 167), e a pulsão é exatamente uma montagem pela qual a sexualidade pode participar da vida psíquica considerando sua divisão e sua forma polimorfa aberrante.

Ratificada sua diferenciação conceitual entre instinto, a pulsão sexual não está a serviço da reprodução, mas sim nas variedades da obtenção do prazer. Lacan (1964/1998), no *Seminário 11*, mostra que a satisfação da pulsão é correlativa ao fechamento e retorno de seu circuito, adquirindo um caráter circular. O objeto, como Freud mostrou em 1915, é indiferente e variável, e a pulsão, por não estar ligado a ele, visa apenas contorná-lo. Nesse itinerário da pulsão, que sempre contorna seu objeto, Lacan coloca seu alvo como sendo o próprio retorno em circuito, sem sujeito e acéfala, definindo-a por um puro vazio, uma falta ou perda. Ao apresentar a pulsão despossuída de qualidades, Freud começa a apontar o fundo irreduzível do real ao simbólico. O matema da pulsão produzida por Lacan (1960/1998), mostra seu vínculo com o significante, marcando a divisão do sujeito pela linguagem e pela demanda, implicando uma ausência total de representação com a impossibilidade de ser traduzido.

Nesse seminário, Lacan retoma a teoria da sexualidade de Freud e explica que todas as pulsões são parciais, pois seu alvo, sua satisfação, é o contorno do objeto, do vazio que é a presença do objeto *a*, de uma perda que se dá pela incidência do significante relacionado a uma estrutura de borda (corpo é corpo de gozo que é fundado por uma operação do significante). Ele prossegue indicando que a sexualidade na experiência analítica está no intervalo entre o significante recalcado e o desejo. Diz que, a “sexualidade só entra em jogo em forma de pulsões parciais” e que “a legibilidade do sexo na interpretação do mecanismo inconsciente é sempre retroativa” (Idem, p.173). Por isso sublinha a intervenção na história do sujeito das pulsões parciais.

Que a sexualidade infantil não é um bloco de gelo errante arrancado do grande banco da sexualidade do adulto, intervindo como sedução sobre um sujeito imaturo – isso se verificou logo em seguida na análise e com uma pregnância com a qual, depois, se pode ficar surpreso. (LACAN, 1964/p.173).

Para Lacan, esse furo ou borda são as zonas erógenas que as pulsões parciais se satisfazem contornando-o. Esse objeto parcial, que resta da operação simbólica, faz com que o sujeito tenha um corpo. Aqui, o objeto *a* que se constrói na consistência do

Outro, é a borda que é marcada, extraída ou perdida, com os cacos de linguagem, a *lalingua*.

Ainda no final do primeiro ensaio, Freud chama as psiconeuroses de perversão passiva, e as perversões *verdadeiras* de ativas, dependendo da intensidade de determinada pulsão. A diferença reside no fato de se há uma exclusividade ou até escravidão dessa perversão verdadeira. Assim, a disposição para a perversão é parte integrante da constituição normal, em que, “há sem dúvida algo inato na base das perversões, mas esse algo é *inato em todos os seres humanos*” (Idem, p.162).

Com a pulsão, Freud desconstruiu as teorias sexuais de sua época numa desmontagem para além das “aberrações sexuais”, mostrando que a sexualidade é em si mesmo aberrante. Adotando os termos diagnósticos e nosográficos dos autores de sua época, principalmente do *Phychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, Freud utilizou em seus trabalhos de forma muito diferente, discordando particularmente do ponto de vista no que tangia à natureza e à etiologia das aberrações. Ou seja, mostrou que as “aberrações” são apenas diferentes do padrão de sua época<sup>61</sup>, condicionando a função biológica à reprodução na finalidade genital. Acentuando as manifestações polimórficas da sexualidade humana tanto no adulto como na criança<sup>62</sup>, mostra que a pulsão tem por finalidade (*Ziel*) a satisfação, indo além da procriação reduzida ao genital. Com isso, ao questionar essa pseudo-normalidade da vida sexual, Freud examinou a questão de maneira muito diferente o que era classificado como desviante e demonstrou que a sexualidade normal também diz respeito às zonas erógenas que não apenas a genital.

A pulsão não é perversão, mas desnuda o mecanismo da última sem necessitar decifrar o sintoma para ser apreendido, da forma como o é na neurose. Na perversão, se observa esse deciframento na economia do percurso pulsional. Daí, Freud e Lacan recorrerem à perversão para depreenderem seu estudo sobre a pulsão. O primeiro fez uma leitura da gramática do pulsional, enquanto que o segundo fez uma leitura de seu percurso.

No segundo ensaio, Freud explora o fenômeno da amnésia infantil, alegando que a sexualidade infantil compõe a base original da sexualidade adulta, mas adverte que a disposição polimorfa da sexualidade infantil não deve ser confundida com a perversão no adulto. Nesse ensaio, o autor mostra como a erotização das funções vitais da criança

---

<sup>61</sup> - O significado de “aberração” mostra que ela não é tão aberrante assim, pois significa “diferente do padrão”, “desvio, deslocamento” (CUNHA, 2010).

<sup>62</sup> - “[...] realmente é necessário ser ingênuo para não ver tudo isso, [...] esta semelhança entre atividade sexual infantil e perversões sexuais” (Freud, 1916/2006, p. 312).

se constitui nas pulsões parciais a partir da ativação das zonas erógenas como o sugar, a retenção anal, prazer na micção e masturbação. Assim, a sexualidade infantil apresenta três aspectos; as funções fisiológicas ligadas à necessidade – o desejo assentado na necessidade; a função auto-erótica, pois a criança não conhece um objeto sexual, satisfazendo-se no próprio corpo; e o objetivo apontado pela zona erógena adequada à pulsão parcial, na busca de uma satisfação que repita a satisfação obtida num momento anterior, ou seja, as pulsões parciais sendo independentes e desvinculadas entre si na obtenção de prazer.

Após declarar que a perversão é inata em todos os homens, Freud demonstra de que a criança não é um ser ingênuo e imaculado, mas que tem uma sexualidade e é perversa. Ou seja, essa é outra característica fundamental da sexualidade infantil, pois a criança pode se converter num ser perverso-polimorfo. Essa sexualidade infantil aparece no inconsciente dos neuróticos, nos delírios e alucinações na psicose, e claro, nos perversos de idade adulta, mas acima de tudo, aparece nos jogos sexuais de todo humano. Essa descoberta da sexualidade humana infantil, destituiu a patologia da perversão, apresentando-a como um paradigma da sexualidade humana.

Continuando pelo caminho das “fases de desenvolvimento da organização sexual” (Idem, p.186), vemos que o desfecho desse desenvolvimento se dá na constituição da vida sexual *normal* do adulto pela obtenção de prazer advindo da função reprodutora e fixado em uma única zona erógena, a genital. O “primado de uma única zona erógena” advém da formulação do princípio da evolução da sexualidade, e esse primado é da função fálica. Para explicitar esse princípio, Freud divide esse desenvolvimento em duas etapas, a fase pré-genital e a fase genital. Obviamente, como o nome nos informa, a fase pré-genital é o momento onde as zonas genitais ainda não adquiriram o primado fálico. Nessa tese há uma retomada da questão do objeto. Antes, o que caracterizava a vida sexual infantil era a ausência de objeto, mas agora, após a fase do autoerotismo, o infante escolhe um objeto sexual, e essa escolha se dá em dois tempos separados pelo período de latência. O período de latência possui uma importância capital na evolução sexual, pois, o recalque é a causa desse estágio que barra a sexualidade perversa polimorfa.

No terceiro ensaio, intitulado *As transformações da puberdade*, Freud explica como acontece a subordinação do movimento das pulsões parciais ao papel preponderante da zona genital, caracterizando esse novo objetivo sexual para além da obtenção do prazer, ou seja, a reprodução da espécie, frisando que esse novo objetivo é

“altruísta, por assim dizer” (p.196) com o reconhecimento do outro. Esse movimento passaria por transformações fisiológicas que se conjugam às forças psíquicas, concluindo o processo normal no primado genital. Mas esse caminho pode sofrer distúrbios, como um deleite preliminar muito intenso das zonas erógenas com o mais alto grau de prazer diminuindo a força pulsional, e ocasionando a não realização do processo sexual normal, que resulta numa substituição do objetivo normal pelo ato preliminar.

Nesse último ensaio, Freud faz uma modificação no texto após seus escritos metapsicológicos e introduz um novo capítulo, *A teoria da libido*. Aqui, ele alude aos destinos da libido investida nos objetos, mostrando que os objetos investidos na adolescência, após o período de latência, são apenas reencontros dos objetos da primeira infância. Lembrando que esses objetos investidos na fase pré-genital são de escolha incestuosa, o reencontro com o objeto depois do período de latência será delineado pela postura no drama edípico, mostrando que a escolha do objeto na fase genital possui uma relação com a castração.

Os *Três ensaios* possuem importância fundamental no pensamento de Freud sobre a sexualidade perversa e delineam o caminho do conceito de perversão. Nota-se que o embate nesse ensaio às vezes parece ser a oposição entre o normal e o patológico no que tange à sexualidade. Observamos também a rejeição da teoria da degenerescência com ênfase na ontogênese, que determina a formação da identidade sexual a partir do campo psíquico. A concepção da escolha objetal nos mostra que todo desvio da pulsão sexual normal quanto ao objeto e seu objetivo é uma perversão. A definição do desenvolvimento da pulsão sexual normal como genital com fins no ato sexual difere da primeira escolha do objeto incestuoso, ou seja, a diferença da normalidade, é a fixação no desvio do objeto, numa fixação pré-genital que se dá por uma interrupção no desenvolvimento psíquico. A afirmação do que inibiria a perversão seria a vergonha e o pudor. Vemos também a demarcação de uma posição subjetiva marcando sua diferenciação tópica e fenomenológica quanto às teorias de sua época. Encontramos novamente o axioma de que a neurose é o negativo da perversão, onde a fantasia perversa é inconsciente para a neurose, apresentando-se na forma de sintomas histéricos, e consciente para a perversão, apresentando-se nos atos.

Deste modo, a sexualidade perversa polimorfa encontra-se em todos os sujeitos, apresentando uma disposição perversa como parte integrante da constituição normal. Mas, essa disposição não é suficiente para qualificá-la como perversão, pois esta só se

constitui após uma série complexa de transformações da pulsão sexual, informando que pulsão não é perversão. A perversão seria a permanência da sexualidade infantil perverso polimorfa após o período de latência. Com a expressão direta das pulsões parciais (pré-genitais), como resultado de uma deficiência nas defesas (o recalque), a pulsão não é transformada em sintomas neuróticos, mas sim em atos sem o pudor e a vergonha. Portanto, na perversão, a primazia sexual encontra-se na fixação pré-genital com exclusividade da libido.

### 2.3 – No caminho do “avanço do conhecimento” e o “ciclo da fantasia”

Mantendo o pensamento inicial dos *Três ensaios*, Freud escreve diversos artigos que corroboram sua tese inicial. Após a descoberta do inconsciente seguida do conceito de pulsão, Freud aborda a questão da fantasia e suas diversas relações, sendo de importância para este trabalho a relação da fantasia com as teorias sexuais infantis, e a relação da fantasia com o sintoma. Esse caminho traz uma nova percepção, a concepção da fantasia como sendo a articulação do inconsciente com a pulsão (JORGE, 2004, p.29), ou como diz Lacan, a articulação entre o simbólico e o real.

Jorge (2010) propõe denominar o período de 1906 a 1911 da obra freudiana de “ciclo da fantasia”. Marcando a logicidade da obra freudiana no encadeamento entre o inconsciente e a pulsão, a definição da fantasia se caracteriza pela articulação entre esses dois conceitos fundamentais. Com o ensaio sobre a *Gradiva de Jensen*, em 1907, Freud alude em uma pequena passagem para a escolha do fetichismo, que se constitui como um efeito posterior de uma lembrança das impressões eróticas da infância (FREUD, 1907, p.49). Já em 1908, com o texto *Fantasia histéricas e sua relação com a bissexualidade*, começou a esmiuçar como a fantasia funciona na perversão, o lugar que ocupa o sujeito e qual o papel do objeto. Para isso, separa as fantasias inconscientes da neurose das fantasias conscientes da perversão, que encontram nos atos os conteúdos conscientes de satisfação.

No mesmo ano, escreve *Sobre a moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna*, retomando o tema do desenvolvimento da sexualidade que segue do autoerotismo à escolha do objeto e distingue dois tipos de perversão causados por uma alteração no desenvolvimento e pelas exigências culturais: a fixação infantil, com um

objetivo sexual temporário que impede o primado da genitalidade, e as inversões, que desviam o objetivo sexual para o sexo oposto. No texto, há uma justificção de que os invertidos são *vítimas* de uma moral sexual vigente, que impõe a todos os mesmos padrões. Aqui, Freud ainda não definiu a existência de um recalque na perversão, e a regressão a uma fixação pré-genital não é específica da perversão, pois encontra-se também na neurose.

Ainda em 1908, no artigo *Sobre as teorias sexuais das crianças*, Freud anuncia a ideia de que as crianças atribuem a todos os seres humanos a posse de um pênis, e mesmo quando percebem a falta de um membro nos genitais das mulheres, o menino nega essa percepção afirmando que o pênis ainda é pequeno. Esse exemplo só é remetido aos meninos, com a evidência das impressões sexuais infantis reaparecendo nos sonhos do adulto. Com isso, Freud testemunha no inconsciente a representação da mulher com pênis e a recusa da percepção da castração. Essa recusa ainda não é designada pelo termo “desmentido” e reporta esse mecanismo à incapacidade de renunciar ao pênis em seu objeto sexual.

Em função dessa não percepção da ausência de um pênis, Freud reformula a relação do sujeito com a castração. Como dito acima, não é o tipo de objeto que classifica a perversão, mas sim os mecanismos que direcionaram essa escolha. E é no ensaio sobre *Leonardo da Vinci* que, explicando o desenvolvimento da perversão, Freud apresenta um componente dessa estrutura, o fetichismo. O fetichismo seria um símbolo do membro amado na infância e depois perdido, ou seja, o fetiche representa o pênis que falta à mãe. O fetiche é uma manifestação consciente da perversão similar à impressão recalçada na infância. Outra mudança importante na obra é o uso do termo símbolo, não mais falando do pênis real, e sim, do falo como símbolo da ausência do pênis. Mas aqui, ainda não utiliza a palavra desmentido para explicar a divisão do sujeito no reconhecimento e na negação do pênis, substituído pelo símbolo de seu desejo.

Essa relação do sujeito com a castração determina sua posição subjetiva na fantasia, sendo esta a razão principal para a escolha de tal objeto, caracterizando a perversão pela posição do sujeito na fantasia, e não pelo objeto escolhido. Nesse texto percebe-se uma insinuação de que as perversões não são mais tomadas como aspectos da vida erótica infantil que driblaram as defesas, mas sim como formações defensivas. Sua explanação encontra-se em outro texto de grande importância para a perversão,

'*Uma criança é espancada*' *Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, de 1919, que marca uma virada conceitual em suas teorias.

Porém, antes dessa virada se concretizar, Freud começou a questionar sua primeira tópica quando descobriu que o *eu* do sujeito pode ser objeto sexual dele mesmo. Como vimos nos *Três ensaios*, Freud caracteriza o auto-erotismo como um estado original da sexualidade infantil e anterior ao narcisismo, em que a pulsão sexual não necessita de um objeto externo para encontrar a satisfação. Nessa construção hipotética, Freud aborda o estado anárquico da sexualidade de uma satisfação não unificada e desarticulada das outras satisfações parciais. Mas foi em 1914, com *Para introduzir o narcisismo*, que seu peso conceitual aparece em toda sua amplitude.

Anteriormente ao artigo, o narcisismo era assimilado à perversão, pois o corpo era o objeto de investimento, mas após seu questionamento, o narcisismo deixa de ser concebido como uma perversão para ser uma condição necessária da formação do eu, chegando até mesmo a se confundir com ele. Logo no início do texto, Freud pergunta a relação entre o narcisismo e o estado inicial do auto-erotismo como estado inicial da libido, e como ele mesmo responde, afirma que o eu precisa ser desenvolvido. Mas para se desenvolver, algo precisa ser acrescentado ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica precisa se constituir: o que deve ser acrescentado é o eu (*Ich*). Com isso, uma distinção entre libido do eu e libido de objeto foi necessária. Como é a libido que entra em jogo no modo do sexual se fazer presente no psiquismo, Freud define o narcisismo primário, relativo ao eu como objeto privilegiado de investimento libidinal e a passagem desse investimento sobre as representações – objeto. O retorno desse investimento ao eu, Freud denomina de narcisismo secundário.

Considerado como um complemento aos *Três ensaios*, no texto *Uma criança é espancada*, Freud faz uma investigação clínica detalhada de alguns casos de neurose e de perversão. Clareando o problema do sadomasoquismo, expõe os motivos de quando um recalque entra em ação, ampliando o conhecimento sobre as perversões e, como o próprio subtítulo nos informa, constituindo uma gênese das perversões. *Bate-se numa criança*<sup>63</sup> constitui a representação de uma fantasia perversa que Freud começou a observar em seus pacientes neuróticos. A perversão é representada pela fantasia de uma cena em que uma criança é açoitada por um adulto, mostrando a representação fantasmática como um traço primário da perversão. Esse traço seria típico da vida

---

<sup>63</sup> - Outra tradução do texto.

normal infantil e é relacionada ao complexo de Édipo e aos conteúdos sexuais recalçados.

Nessa fantasia, que veio substituir por diversas transformações outras fantasias, ocorreu antes da idade escolar e tem sentimentos de caráter misto, com o prazer culminando junto com a repugnância em uma satisfação “masturbatória” autoerótica. Essas fantasias podem ser recalçadas, sublimadas, ou substituídas por uma formação reativa, mas, quando esses mecanismos não intervêm, a perversão mantém-se ativa na vida adulta. Logo, a fantasia perversa não é perversão, e só é construída na análise com certa hesitação, encontrando fortes resistências como a vergonha e o sentimento de culpa.

Esse trabalho, além de reforçar a ideia da perversão como uma fixação da libido pré-genital mantendo sua forma infantil, corrobora sua estrutura na dialética edipiana. A perversão passa a inscrever-se como uma marca do complexo de Édipo, mecanismo exposto pela dialética do recalçado e retorno do recalçado. Com esse estudo, Freud mostra que é praticamente impossível uma distinção entre neurose e perversão pela abordagem fenomenológica. O Édipo como o núcleo da sexualidade infantil é utilizado por Freud para formular o fundamento da gênese das perversões, onde afirma ser nas vicissitudes das identificações sadomasoquistas que elas mostram seu nível de complexidade. A perversão encontra sua posição subjetiva específica por se constituir no enunciado gramatical edipiano.

Essas fantasias de espancamento seriam cicatrizes, restos de um processo determinado, o complexo de Édipo. Essa cena de espancamento marca a relação com o amor pelo pai, ocultando a ligação incestuosa que não é dita. Assim, *Bate-se numa criança*, em conjunto com o texto *A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher* de 1920, onde afirma a natureza inata da homossexualidade e frisa a importância de separar as questões da escolha de um objeto do caráter sexual, iniciam um novo período sobre a perversão, representando-a como uma posição subjetiva específica conforme sua estruturação no drama edípico.

A fantasia para Lacan é constituída a partir da lógica do significante. Segundo Miller em *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo (2011)*, quando Lacan “extrai tanto da fantasia quanto da pulsão o conceito de gozo, inaugura-se uma dinâmica conceitual que o conduz ao sinthoma.” (MILLER, p.86). Miller completa seu comentário sobre a teoria do gozo em Lacan dizendo, “Lacan então pôde dizer que a significância, a ordem significante, encontra sua razão de ser no gozo

do corpo, e que o sintoma é condicionado não pela linguagem, mas pela lalingua, aquém de qualquer articulação” (Idem).

A fantasia seria a resposta ao enigma do desejo do Outro, o “*Che vuoi?*” (LACAN, 1957-58/1999), o que você quer, o que o Outro quer de mim. Neste contexto estende o enigma da demanda do Outro as relações sociais, ou seja, “O que os outros querem de mim?”. A fantasia então como uma resposta a suposta demanda que vem dos outros. “A fantasia dá à criança uma resposta para esse enigma – em seu nível mais fundamental, a fantasia me diz o que sou para os meus outros” (ZIZEK, 2003, p.399). Assim, o desejo encenado é o desejo do Outro, pois o enigma coloca o sujeito na posição primordial e constitutiva, mostrando o caráter *intersubjetivo* da fantasia.

#### **2.4 – A pulsão de morte e a perversão na segunda tópica**

A partir dos anos 20, com o ensaio *Além do princípio de prazer*, uma nova direção inicia-se na metapsicologia freudiana, culminando com a segunda tópica em *O ego e o id* e trazendo-nos novos esclarecimentos sobre a perversão. O primeiro apresenta a conceitualização da pulsão de morte com modificações sobre o masoquismo, e o segundo a explanação das inter-relações entre as instâncias do id, do ego e do superego.

No texto de 20, observando as repetições nos fenômenos de transferência em sua clínica, Freud elabora a compulsão à repetição que vai além do princípio de prazer, e identifica essa compulsão à pulsão de morte com a energia para a destrutividade, opondo-a pulsão de vida, que unifica as pulsões sexuais e de autoconservação com a energia da libido. Como vimos, a libido é indiferente qualitativamente à natureza do objeto investido, e sua procura é pela experiência primária de satisfação. Mas o movimento de tentar repetir essa experiência primária mostra-se sempre fracassado, pois esse reencontro é impossível. Assim, ocorre uma inevitável discrepância entre objeto procurado e objeto encontrado, pois a própria representação perceptiva é impossível. Por isso a busca tem como objeto um vazio, o objeto *a* que circunda a trama de representações.

Nessa nova lei de funcionamento da vida psíquica, as pulsões do eu e as pulsões sexuais são substituídas pelas de morte e de vida, inserindo o ego no campo do narcisismo. Essa bipolaridade apresenta-se de maneira ambivalente, ora misturando-se, ora aliando-se, numa fusão e des fusão, com o sadomasoquismo ocupando um lugar primordial. Justamente por essa importância, Freud modifica a concepção do masoquismo colocando não mais apenas o sadismo como uma tendência primária e o masoquismo completando este, mas agora, a tendência masoquista é colocada como a única primária. Na constituição do sujeito, agora, quem é primário é o masoquismo.

No texto *O problema econômico do masoquismo*, de 1924, Freud fornece uma descrição mais completa do fenômeno masoquista. Em todos seus escritos anteriores, o masoquismo deriva de um sadismo primário, mas agora há o reconhecimento de um masoquismo primário. Nesse estudo, esse fenômeno se apresenta sob três formas, “como condição imposta à excitação sexual, como expressão da natureza feminina e como norma de comportamento” (FREUD, 1924, p. 179).

Em 1923, com *O ego e o id*, a segunda representação tópica nos é apresentada com a introdução na metapsicologia da tríade id, ego e superego correlacionando-se entre si. Um ano depois, nos apresenta *Neurose e psicose*, definindo essas duas estruturas a partir dos conflitos dinâmicos entre as três instâncias, onde a neurose surgiria de um conflito entre o eu e o id, enquanto que a psicose surgiria de um conflito entre o eu e o mundo exterior. É a partir dos fenômenos psíquicos inatos e adquiridos no desenvolvimento com seus determinantes e suas correlações, que tais estruturas se apresentam, e é partindo dessa abordagem na clínica que Freud apresenta o artigo *Fetichismo*.

Publicado em 1927, esse estudo aponta para uma nova forma de tratamento teórico da perversão, indicando um sinal de orientação na sexualidade polimorfa distinto das já indicadas, com uma estrutura própria e um modo de solução específico do resultado edipiano, como um modelo comum e caso exemplar da perversão. Logo no início, Freud nos diz que o fetiche se apresenta como um sintoma reconhecido pelo sujeito, mas justamente pela facilidade de mudança compulsória do objeto sintomático em sua vida sexual, o paciente não apresenta queixa deste fetichismo; “raramente é sentido por eles como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento” (FREUD, 1927, p.155), pois o fetichista desfruta da vantagem do substituto de um órgão sexual conseguir uma satisfação sexual ligada nesse objeto substituído. Assim, o gozo sexual é com o fetiche, e não com a parceira, sendo o cenário que torna

isso possível, unindo a cena com o ato, que é diferente da *outra cena* na neurose. Por isso, o fetichismo é descoberto tardiamente no tratamento analítico, apresentando-se como um retorno do recalcado, onde o objeto de fetiche é um reencontro simbólico de traços no inconsciente.

Esse reencontro das primeiras impressões que ficam memorizadas no inconsciente é para Freud o representante da representação que é recalcada, que Lacan chamou de significante. Mas, simbolicamente, a significação do fetiche é um substituto do pênis. Esse substituto não é um pênis real e ocasional, mas sim um que foi muito especial e importante na primeira infância, e posteriormente perdido; um substituto simbólico atribuído à mãe, pela criança, no momento em que descobre a ausência do mesmo. O fetiche denominado com um substituto do falo feminino (mãe) é um meio de denegar o pênis que falta à mulher, renegando sua castração.

A relação da mãe com o sujeito é um ponto fulcral no desenvolvimento de uma perversão, assim como a relação com o pai - o *complexo de Édipo*, pois o processo perverso é tributário das mensagens significantes que esses dois agentes transmitem sobre a posição de seus desejos recíprocos. Uma mãe fálica que não deixa claro o lugar do pai no desejo dela, ou seja, o lugar da interdição do incesto e lugar da lei, nutre uma cumplicidade erótica e a possibilidade de uma perversão respondendo por um chamado para o gozo (DOR, 1991, p. 51). Com uma fraca figura simbólica do pai, a perversão, com seus traços característicos de transgressão e desafio, demanda a necessidade de tirar o outro de seus limites éticos, que o inscrevem na lei para ter acesso a um gozo.

O transgressor é o que segue a lei para poder burlá-la, “passar além de, através de, para além” (CUNHA, 2010). É na provocação constante da lei, transgredindo as interdições que se resumem na interdição do incesto, que o perverso ratifica que a lei existe e encontra nela a economia de seu gozo (DOR, 1991, p. 129). A transgressão expõe o operador central de defesa da estrutura perversa, a *Verleugnung*, que quase sempre representa uma tentativa de negar algo já dado, afirmado ou admitido anteriormente.

A origem desse substituto fálico se dá no período pré-edipiano, na relação mãe, criança e falo imaginário. A função desse falo imaginário é preencher as repetidas ausências da mãe, ou seu substituto, dando um sentido para a criança. Freud faz uma alusão a essa função do falo imaginário no caso Hans (1909). Quando a criança percebe que sua mãe e todas as mulheres não possuem um pênis e ausentam-se dela para o pai, estes da posse de um pênis superado pela castração, o Édipo entra em ação. E é na

passagem por esse complexo que o falo ganha um valor simbólico, o primado fálico, diferenciado na *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*.

Ao perceberem a ausência fálica causada pela castração, surge uma grande angústia e medo de sua própria castração, e os sujeitos se negam a aceitar a realidade. Recusam-se a aceitar a castração da mãe, atribuindo um falo imaginário à mãe, em sua percepção da realidade, conservando a crença do falo ao mesmo tempo em que abandona essa crença.

...A criança chega à descoberta de que o pênis não é uma possessão, comum a todas as criaturas que a ela se assemelham (...) as crianças reagem as suas primeiras impressões da ausência de um pênis. Rejeitam o fato e acreditam que elas realmente, ainda assim, vêem um pênis. (...) A falta de um pênis é vista como resultado da castração... (FREUD, 1923, p.159).

É nessa rejeição que o fetiche aparece, desempenhando a função de ser o substituto do falo que falta à mãe, a fantasia da mãe fálica, com o fetiche se articulando como consequência desta fantasia. Podemos ver esse desejo de não abandonar o objeto – falo em sua interpretação do estudo sobre *Leonardo da Vinci*, mas é importante frisar que nessa interpretação Freud elucidou uma fantasia, mas não um exemplo de fetichismo, e apresenta como semblante de objeto de amor do amado. Por mais que haja uma constatação da ausência fálica da mãe, a mesma se apresenta como possuidora de um pênis, e o fetiche, futuramente, adquire esse papel de ser o substituto desse falo que falta à mãe. Sua instauração ocorre no último momento em que a mulher ainda era encarada como possuidora de um falo, como se a última impressão do trauma ficasse “retida como fetiche” (FREUD, 1927, p.157).

Esse procedimento se dá nas leis inconscientes, nos processos primários, no conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo. Nesse momento a mulher *teve* um pênis, mas esse não é mais o mesmo, sendo substituído por outra coisa com o interesse outrora destinado a sua mãe. Esse interesse sofre um aumento extraordinário de energia e o horror da castração produz um “monumento a si próprio na criação desse substituto” (Idem, p.157), o fetiche. Assim, este representa uma prova da vitória sobre a ameaça de castração e de uma proteção contra ela. O fetiche conserva o objeto da extinção que deveria ser abandonado e, como o substituto do pênis da mulher, a criança não deseja abandonar.

Nesse texto há uma mudança no conceito de renegação, a *Verleugnung*, mas antes de nos apresentar, Freud fala da percepção pelo sujeito do pênis que falta à mãe e da diferença do termo *escotomização*. Este termo é inapropriado, pois sugere que a percepção seja totalmente apagada, e a situação da *Verleugnung* supõe o contrário, que a percepção seja mantida, mas com uma grande força energética no intento de manter a renegação.

Freud já comentara em nota de rodapé o conceito de renegação no texto *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*, que observamos numa citação acima, mas aqui há uma diferença, a *Verleugnung* acarreta uma divisão no ego do sujeito. No momento em que rejeitam o fato de que as mulheres não possuem um pênis e ainda assim acreditam, esse esforço de *negação* do Édipo ocasiona uma divisão do ego. Assim, a neurose recalca a percepção e depois dá um destino a isso, como no caso *Hans*; e na perversão a divisão é no eu, com os dois lados conscientes.

Na percepção do sexo da mulher a criança sofre um abalo na sua crença de que as mulheres possuem um falo, mas ao mesmo tempo em que retém essa crença, também abandona, num artifício de evadir a angústia de castração conduzindo à divisão do ego. Essa divisão (*Splitting*) não é exclusiva do fetichismo, sendo encontrada em diversas situações onde o ego necessita construir uma defesa da realidade confrontada. Encontramos as origens dessa ideia no rascunho K, quando Freud nos apresenta a “fórmula padrão do desenvolvimento de uma neurose” (FREUD, 1896, p. 269). Nessa recusa da castração da mãe, o modo de negação incide sobre a realidade exterior, e Freud vê nela “o primeiro tempo da psicose; enquanto o neurótico começa (...), por recalcar as exigências do isso, o psicótico começa por desmentir a realidade” (VALAS, 1990, p. 97).

Observando a “explicação do fetichismo por outro aspecto de interesse teórico” (FREUD, 1927, p.158), o modo de negação de um fragmento da realidade em cada estrutura é explicitada e esclarecida em mais três textos além do *Fetichismo*; *Neurose e Psicose*, *A perda da realidade na Neurose e na Psicose* e *A negativa*. Para cada estrutura há uma forma de negar a realidade, que são: a denegação/negativa – na esfera da fala - (*Verneinung*) ou o recalque (*Verdrangung*) na neurose; a rejeição ou a forclusão na psicose (*Verwerfung*); e o desmentido ou renegação (*Verleugnung*) na perversão. Essas distinções dos termos são respostas diferentes do sujeito à castração. Há também o retorno dessa negação, ou o *retorno do recalcado* específico de cada

estrutura; na neurose é o sintoma com o fenômeno das fantasias, na psicose é alucinação com o fenômeno do delírio, e na perversão é o fetiche com o fenômeno da satisfação sexual direta.

No ano de [1938] 1940, os últimos escritos de Freud, dois textos são de importância crucial para o esclarecimento do conceito de perversão. Os capítulos III e VIII, do *Esboço de Psicanálise*, e *A divisão do ego no processo de defesa*, texto que deixou inacabado.

No capítulo III, *O desenvolvimento da função sexual*, há uma reafirmação da tese já apresentada, em que as inibições do desenvolvimento sexual ocasionam fixações da libido das fases antecedentes da genital, as pré-genitais, “cujo impulso, que é independente do objetivo sexual normal, é descrito como perversão” (FREUD, 1938/2006, p.168). No capítulo VIII, *O aparelho psíquico e o mundo externo*, insiste no fato de o ego ter sua origem na relação com o mundo externo real. Essa afirmação advém de sua experiência clínica de que o afloramento de uma psicose acontece quando ou a realidade torna-se intolerável ou as pulsões ficam demasiadamente intensificadas. Assim, as duas reivindicações feitas ao ego, pelo id e pelo mundo externo, conduzem ao mesmo efeito. Mas o desligamento da realidade nunca ocorre completamente, sempre havendo uma parcela do ego “em algum lugar da mente” (Idem, p.215). A explicação para esse fato é que em todos esses casos ocorre uma divisão psíquica, mas de naturezas diferentes e com consequências diferentes.

Duas atitudes psíquicas formaram-se, em vez de uma só – uma delas, a normal, que leva em conta a realidade, e outra que, sob a influência dos instintos, desliga o ego da realidade. As duas coexistem lado a lado. O resultado depende de sua força relativa. Se a segunda é ou se torna a mais forte, a pré-condição necessária para uma psicose acha-se presente. Se a relação é invertida, há então uma cura aparente do distúrbio delirante. (FREUD, [1938] 1940, p.215).

É nesse momento que inclui a perversão, “esta anormalidade, que pode ser englobada entre as perversões” (Idem, p.216), afirmando ser resultado do não reconhecimento da castração das mulheres. Nessa percepção, o próprio sujeito sente-se ameaçado pela castração, negando esta e reconhecendo seu oposto do fato de as mulheres não possuírem um pênis. Mas essa percepção negada não desaparece completamente, influenciando o ego de outra forma. Essa influência leva o sujeito a tomar posse de outra coisa, como partes do corpo ou outros objetos, para servir de

substituto simbólico do pênis. Essas duas atitudes contrárias que permaneceram simultaneamente durante toda a vida, “pode ser chamado de divisão do ego”.

Esse substituto ainda não é o fetiche, pois a construção deste se dá de uma conciliação com a ajuda do deslocamento. E mais, a construção de um fetiche é designada para o aniquilamento dessa possibilidade de castração, evitando assim, a angústia da castração. A construção do fetiche é produto da aliança da divisão do eu com o deslocamento do acento fálico para um objeto substituto. Diante disso, observa-se que o desligamento do ego da realidade nunca ocorre de forma total.

Essas negações da percepção da realidade revelam serem tentativas incompletas do desligamento da realidade, e nos informam que uma negação “é sempre suplementada por um reconhecimento” (Idem, p.217). Freud ainda afirma que essa divisão do ego é uma característica universal das neuroses em relação a algum comportamento particular contraditório, só que, no recalque, a divisão é do sujeito e não do eu. Freud já afirmara essa tese implicitamente em *As fantasias histéricas*, quando comenta sobre as encenações nas neuroses, tanto nas imaginações como em suas ações e que essas cenas descritas sobre esses ataques histéricos, não são conscientes, atuando sob o recalque. Mas como falar de uma divisão, de uma clivagem quando o acontecimento psíquico já comporta uma divisão primordial mediante a qual tudo aquilo que ele ressoa?

No artigo inacabado *A divisão do ego no processo de defesa*, considerado uma ampliação do estudo do fetiche, Freud reafirma a ideia de um ego dividido funcionando em dois registros contraditórios. Para isso, na vida sexual de um perverso é necessário que a castração seja constantemente negada. Assim, a característica fundamental do perverso, diferenciando da psicose e da neurose, seria a coexistência de duas maneiras contrapostas em relação à castração durante toda sua vida. Enquanto que a divisão na neurose se dá nos registros inconsciente (fantasia) e consciente (angústia) ocasionando a divisão do sujeito, na perversão a divisão do eu se dá em dois registros conscientes com o fetichismo.

### 3 – A DIFICULDADE DE SUSTENTAR A SUBVERSÃO FREUDIANA

Passados 111 anos da publicação de sua teoria da sexualidade, ainda assistimos “todo um mundo de leitores que conseguiram banir de sua mente que os interesses e os feitos dos homens são determinados por aspirações sexuais” (FREUD, 1905/2006, pref). Mas por que esse saber entre os leitores de Freud aparece tão denegado? “Realmente é necessário ser ingênuo para não perceber tudo isso” (Idem, 1916/2006, p. 321). Quando Freud desnuda a sexualidade infantil, questiona esse desdém entre os autores de sua época, e a única explicação que encontra é a amnésia infantil. Atribuindo ao recalque da sexualidade o afastamento das impressões infantis da consciência, Freud mostrou que a cena sexual é traumática e a castração uma ameaça que o sujeito se depara em sua resposta ao impossível posto pelo sexo – a não existência da relação sexual.

Sustentar essa subversão mais de um século após a descoberta freudiana, ainda exige atenção e cuidado na práxis psicanalítica, pois nesse saber também encontramos denegação (*Verneinung*), desmentido (*Verleugnung*), recalque (*Verdrängung*) e até recusa (*Verwerfung*). Rer a obra freudiana a partir da leitura de Lacan, do ponto de vista da *Ichspaltung*, mobiliza uma recusa em aceitar a função harmônica e condensada do eu. Dessa posição, encontra-se a divisão em toda parte: sujeito consciente e inconsciente, demanda e desejo, presença ausência da mãe, princípio do prazer e realidade, *fort-da* – S<sub>1</sub> e S<sub>2</sub>, entre representação e *da Ding*, pulsão erótica e de morte, entre significante e gozo (QUINET, 2006, p. 67). Todos os seres falantes são divididos por constituição, e as diversas manifestações dessa divisão advêm dessa fenda (*Spaltung*) relativa ao choque com a linguagem. Só somos sujeitos na medida em que falamos.

Porém, ainda acha-se necessário ressaltar a impossibilidade de esquecer o ato inaugurador desse discurso que interfere em praticamente todo campo teórico da psicanálise, e concomitantemente o prático, sendo ele próprio a condição mesma da possibilidade dessa produção discursiva. Assim, se toda sexualidade infantil é “perversa polimorfa”, falar de perversão é falar de sexualidade, ou melhor, e antes ainda, falar de sexualidade é falar de perversão – um dos nomes da sexualidade.

Embora a invenção e o descobrimento da psicanálise datem de mais de um século, ainda assistimos uma grande confusão entre o substantivo e o adjetivo, que qualificaria um ato ou uma fantasia. Nessa confusão da diferença entre perverso e pervertido, o primeiro indicando um determinado comportamento e o segundo

apresentando-se como um traço de caráter com disposição permanente, ainda ouvimos afirmações constantes de sujeitos em análise que são “diagnosticados” substantivamente de perversos por alguma prática onde o analista não se familiariza com sua forma de gozar. Esse entendimento refere-se ao perverso, mas nos preceitos psicanalíticos, diferentemente do campo jurídico – psiquiátrico, a perversão diz respeito à sexualidade humana perversa-polimorfa e também à subjetivação resultante da dialética edipiana sem se reduzir aos preceitos morais. Freud, em 1905, utiliza o termo *perversão universal* que se presentifica tanto na neurose como na estrutura perversa.

Acredita-se que as pessoas que se colocam na condição de psicanalistas devem sempre se ater as questões de sua época de modo ainda mais informado e ponderado do que em outros saberes. O próprio Lacan foi um pensador muito ligado a seu tempo, e não podemos ou conseguimos falar da dimensão de seu pensamento sem associar à época em que viveu. Se colocar numa função da escuta do inconsciente determina, além de não se reduzir a uma “posição de servidão”, não abandonar as exigências do discurso psicanalítico. Para tal, não podemos nos reduzir as relações com o Outro cultural para pensarmos o impossível que não cessa de não se escrever. Mas como os psicanalistas de hoje lidam com esse impossível? E os outros saberes, como lidam com a sexualidade nos dias atuais? Além disso, seria possível falar daquilo que é atual?<sup>64</sup>

Na história da psicanálise muito se produziu e avançou sobre diversos conceitos, postergando ao campo da sexualidade e da perversão uma posição praticamente de limbo, quando justamente ocupam um lugar fundamental. Mas esse cenário tem mudado, e cada vez mais observa-se trabalhos e discussões em torno desse tema, porém, com confusões que por vezes lançam mais dúvidas do que caminhos. Aparecendo praticamente em todos os discursos atuais, a perversão é continuamente equiparada à forma de viver atual, com o “diagnóstico” moralista que afirma, sem o “Pai de outrora”, somos todos perversos. Sabe-se que de fato não vivemos mais numa contemporaneidade histórica, mas seríamos todos perversos?

Questão ainda muito pouco esclarecida, sabemos que a perversão como “estrutura” não tem condição de sustentar um laço social paradigmático. Apenas a neurose tem essa capacidade, e foi com ela que Lacan desconstruiu quando destituiu o Pai de sua função central e nuclear da estruturação simbólica, abrindo novas vias de

---

<sup>64</sup> -Sabe-se que essa é uma questão complexa que necessitaria de maiores esclarecimentos. Se as consequências da descoberta do inconsciente ainda não foram vislumbradas pelas teorias de nossa época, o trabalho se impõe como uma necessidade de tentativa de uma sustentação teórica a partir de uma condição de atraso próprio ao psicanalista.

sustentação do sujeito pelo *sinthoma*. Antes mesmo da obra inaugural da psicanálise, no texto *A sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud mostra o papel das experiências sexuais infantis na constituição dos sintomas, “em todo caso de neurose há uma etiologia sexual” (1898/2006, p.255). Aprendemos desde Freud que tudo é sexual, mas mesmo evidenciando o furo e o não todo, tenta-se a todo custo desmentir a castração partindo de uma *crença* de uma possível potência maior. Mas independente das formas e tentativas atuais de responder à castração, Freud mostrou que a sexualidade atravessa a totalidade humana, cabendo um retorno a essa questão tão primordial à psicanálise.

Se a descoberta freudiana subverteu a concepção da sexualidade, promovendo um corte epistemológico em disjunção do campo da ciência, foi Lacan que formalizou através de uma lógica da sexuação determinados impasses e caminhos que a psicanálise rumava na teoria à qual não parou de retornar. Alguns desses impasses, ou esquecimentos, ou amnésias, ou recalque, e até desmentido, infelizmente ainda permeiam os preceitos psicanalíticos, sendo de uma necessidade urgente um retorno para tentar entender minimamente essas “defesas” que não cessam de pronunciar.

### 3.1 – Um estranho discurso extraterritorial

De forma irônica, Freud abre sua conferência XX, *A vida sexual dos seres humanos*, para falar do que é impróprio, daquilo “que não se deve falar” (FREUD, 1917/2006, p. 309), para logo em seguida definir o conceito de ‘sexual’ como “tudo o que se relaciona com a distinção entre os dois sexos” (Ibidem). A sexualidade é uma construção mental que Freud (1910/2006) opta por chamar de *psicossexualidade*, colocando ênfase sobre o fator mental que não deve ser desdenhado. Lacan (1972-73/2008), no *Seminário, livro 20 Mais, ainda*, mostra que a diferença sexual é uma questão de significação, segundo a concepção freudiana de uma libido<sup>65</sup> única, que se distingue apenas por um significante da diferença (significante fálico); “é pela realidade sexual que o significante entrou no mundo” (LACAN, 1964/1998, p. 144), pois a realidade do inconsciente é sexual.

---

<sup>65</sup> - “a libido, cuja noção se encontra no centro da teoria analítica, não é outra coisa além da energia psíquica do desejo. A noção de energia necessita de certas conjunções entre o simbólico e o real” (LACAN, 1958-59/2016, p. 12).

Diferentemente da biologia, que coloca a sexualidade como um conceito operacional, da sexologia, oriunda desta com os comportamentos sexuais, e até da psicologia, que redimensiona a sexualidade na integração de uma função dupla na unidade psicobiológica (ELIA, L. 1995), a psicanálise define a sexualidade diferentemente de tudo que a precedeu, assentando sobre esta todo seu edifício conceitual. Na psicanálise, o conceito do que é sexual abrange muito mais do que as teorias de sua época e atuais, pois ‘vida sexual’ se reconhece como pertencente a todas as atividades dos sentimentos ternos que tem suas fontes nos impulsos sexuais primitivos, mesmo quando inibidos ou que tiveram de trocar esse fim por outro que não mais sexual (FREUD, 1910/2006, p. 234).

Muito mais do que apenas uma descrição anatômica científica, Freud percebeu que os sintomas “são a atividade sexual dos doentes” (FREUD, 1905/2006, p. 155) e se apresentam indiferentes a uma anatomia<sup>66</sup>. Impregnado de elementos fantasísticos, o próprio desejo na psicanálise não é uma função biológica coordenada por um objeto natural, mas um movimento que procura reinvestir o traço mnêmico da primeira experiência de satisfação que necessita de repetição por nunca alcançar a satisfação almejada. Com montagens significantes que ditam os investimentos, seu objeto é fantasístico e indestrutível, além de não haver complementaridade alguma do ponto de vista fisiológico e nem psíquico<sup>67</sup>, pois, a prática psicanalítica nos ensina que os desejos são sempre irredutíveis aos ideais comuns.

Se a sexualidade é a realidade do inconsciente, a questão é de difícil acesso. A obscuridade na delimitação de um campo específico e psicopatológico da perversão ocasionou numa redução e generalização de seu conteúdo, o que faz com que seja definida mais pelas suas relações e fronteiras do que pela sua definição psicodinâmica própria. Além de tudo, observa-se que algumas perversões “só se tornam compreensíveis mediante a convergência de diversos motivos (...) de natureza composta” (FREUD, 1905/2006, p. 154). Diante dessa falta de lugar que nos colocam mais dúvidas do que caminhos, uma demarcação é essencial para a compreensão desse campo “extraterritorial” (LACAN, 1966/2001, p. 8; 1967/2006, p. 22).

---

<sup>66</sup> - Freud mostra em 1908, *Sobre as teorias sexuais das crianças*, que, inicialmente e em uma etapa anterior a castração, a distinção entre os gêneros, pai e mãe, “graças aos signos mais exteriores”, não levam em conta a “diversidade” dos órgãos sexuais; ou seja, essa diferença não leva em conta o órgão sexual anatômico, impossibilitando a distinção dos gêneros por essa metodologia que a anatomia não assegura - a priori, o gênero e a diferença dos sexos.

<sup>67</sup> - “Não existe relação sexual” (LACAN, 1972/2008).

Ao longo das diversas “lábias históricas”, o discurso sobre as perversões sempre apareceu numa relação de vizinhança com os diversos campos do comportamento humano<sup>68</sup>. Sob a etiqueta perversa agrupam-se diversos quadros clínicos, desde as psicopatias, sociopatas, distúrbios de comportamento, delírio em atos, mania sem delírio, personalidades narcísicas, passando pelos desvios sexuais e morais, até a “nova economia psíquica dos homens sem gravidade” (MELMAN, 2008), presente em todo sujeito contemporâneo.

Se Freud mostrou que um ou outro traço de perversão está presente na vida sexual das pessoas normais<sup>69</sup>, mostrou também que é sobre o ato mesmo de instauração de uma discursividade que os esquecimentos aparecem fazendo parte do próprio discurso. Com nascimento da psicanálise caracterizando-se como um saber em discordância com o cerne constitutivo do mundo científico, reconhecer seus fundamentos implica dizer com Lacan que, “as consequências da descoberta do inconsciente ainda nem sequer foram vislumbradas pela teoria” (LACAN, 1958/1998, p. 695).

Marcando seus inacabamentos e restos com relação a conceitos específicos, o “retorno a...” promovido por Lacan não explicita uma simples volta às origens, mas procura especificar um retorno à uma parte constitutiva da própria produção discursiva neste campo do saber que promove um corte epistemológico. E exatamente por pensar o campo da perversão numa posição “transdiscursiva” – “extraterritorial”, que vimos uma importância nesse retorno imiscuído e esquecido. Se há retorno é porque houve antes, esquecimento, que se caracteriza não por uma negação, mas por uma falta que marca a impossibilidade mesma de nomear algo, se tratando de um real impossível de simbolizar (LACAN, 13/11/1957). Seu “retorno a” constitui o próprio objeto para o qual ele retorna. No próprio ato de retorno à qualquer tradição, cria-se algo novo numa forma ilusória de retorno à verdade passada e original.

O próprio Freud em 1898, com *O mecanismo psíquico do esquecimento*, uma de suas primeiras publicações psicanalíticas, mostra a partir de um lapso, a relação tácita dos sintomas psíquicos com os pensamentos inconscientes, com o sexo e com a morte. O esquecimento de um nome de um artista numa viagem pela região da Herzegovina fez Freud perceber que se tratava de algo inconsciente que o impedia de recordar-se do nome. E mais ainda, a reconstrução que produziu com as associações significantes, o fez

---

<sup>68</sup> - Cf. Cap.1.

<sup>69</sup> - Cf. Cap.2.

perceber que o relato dizia respeito ao tema da sexualidade. Antes mesmo de apresentar sua teoria da sexualidade, Freud mostrou sua consternação no fato de nenhum autor reconhecer a sexualidade infantil, pois ainda reinava em sua época a opinião que a sexualidade “falta na infância”, e apenas no período da puberdade que esta advém.

Em 1905, quando Freud desvela a sexualidade infantil, encontra como única explicação para a negação da sexualidade a amnésia infantil, afastando da consciência a vida sexual atribuída à infância. Mas foi com a própria linguagem que a psicanálise mostrou através do *significante* que *isso* fala de alguma forma. Mas o que *isso* quer? Lacan, em seu seminário sobre a ética da psicanálise, na aula sobre a função do belo, mostra que esse temível desconhecido é feito com uma barreira resguardada pelo “bem” para que não se lembre *disso*, e que se chama de “inconsciente, isto é, a memória que ele esquece” (1959-60, p.276).

Mas esquecimento e recalque não são a mesma e única coisa, há uma difícil diferença entre os dois. Freud trabalhou o tema posteriormente em sua análise da *Gradiva de Jensen*, caracterizando um dos gêneros de esquecimento pela sua dificuldade em despertar a memória, e mesmo quando há um apelo poderoso e externo, uma espécie de resistência interna luta contra sua irrupção. Sobre o recalque, comparou ao soterramento da Pompeia e definiu como *algo* que é inacessível, mas que ao mesmo tempo é preservado em sua mente. O que se pode afirmar com convicção é que o recalque não está vinculado à dissolução de traço algum da memória e conserva sempre sua capacidade de ação afetiva. Antes de faltar sob alguma influência externa, tem consequências psíquicas consideradas como produtos de uma modificação da lembrança esquecida (FREUD, 1907[1906]/2006, p. 39). Assim, o recalque representaria uma espécie de duplo esquecimento onde o sujeito esquece que esqueceu. Jorge apresenta uma distinção simples e crucial, “o esquecimento não implica a passagem de uma instância para outra representação, o recalque, sim (...), com a passagem do consciente para o inconsciente hermeticamente fechado” (JORGE, 2010, p. 42).

Com isso, o recalque no esquecimento do nome não é simplesmente uma negação, mas a falta de um nome diante da impossibilidade de nomear um real que não se pode simbolizar, e esse é o lugar que assumem o sexo e a morte para a psicanálise. Esse é o real da castração para o ser falante, que tem a função de reatualizar esse encontro com o rochedo que interfere no caminho do eu, que ainda crê ser senhor de sua moradia. Não à toa que Lacan propôs a equivalência da castração com a expressão

heideggeriana ser-para-a-morte, que no tocante ao seu fundamento “presta-se ao eco, que ele faz ressoar de séculos do penitente como situado no cerne da vida espiritual”.

A novidade introduzida pela psicanálise foi a subversão freudiana que designa a castração – o ser-para-o-sexo. Mas, “estaremos nós à altura do que parecemos, pela subversão freudiana, ser convocados a carregar – o ser-para-o-sexo?” (LACAN, 1967/2003, p. 362). Lacan achou que não “pegamos a coisa em absoluto”, mas falar de um saber que não se sabe, que entra em conflito com a moral pedagógica, que mostra a origem do mal-estar na cultura e acarreta num movimento contrário à civilização é uma necessidade que todo sujeito que se coloca na função de psicanalista deve sustentar.

Com a nomeação dos três registros promovida por Lacan, isso que não se pode nomear fica fora do simbólico, ou seja, o que não se pode nomear é da ordem do real. Foi com o real que Freud articulou o trauma, justamente o que o sujeito não consegue dialetizar. Essa falta de dialetização acarreta uma angústia no sujeito a cada encontro com essa falta. Originalmente, a cena traumática é uma cena sexual porque a sexualidade é infantil, ou seja, perversa, e numa impossibilidade de articular em cadeias significantes essa cena sexual infantil que o adulto não lembra, o trauma não pode ser elaborado e, por isso, sempre retorna (ALBERTI, 2008).

Freud, em seu primeiro exame explícito da castração (1908b/2006), mostrou que a criança é levada a construir uma teoria sexual a partir do momento em que se vê tomada numa cena em que perde seu lugar de gozo no Outro materno, posicionada no lugar de espectadora. Nesse momento inaugural do desejo, a criança é lançada senão obrigada a construir uma teoria sexual na posição de exilado. Essa obrigatoriedade de produzir um sentido sobre a origem, marca a construção mesma das teorias sexuais infantis, e podemos encontrar o mesmo processo na produção freudiana para revelar sua subversão. Se a sexualidade infantil foi a grande subversão freudiana, sua pesquisa se viu desde o começo obrigada a conduzir sua atenção para a vida sexual das crianças e dos perversos, “do conceito de sexualidade, que a análise das crianças e dos chamados perversos tornou necessária” (FREUD, 1905/2006, 127).

A descoberta da sexualidade infantil levou a uma necessidade de postular o inconsciente de maneira lógica, pois o adulto não se recorda *disso*. Mas, se a sexualidade é infantil, o que isso implica para o saber? A grande subversão de Freud foi a descoberta da sexualidade perversa polimorfa infantil, direcionando a atenção da pesquisa psicanalítica para a vida sexual da criança e dos perversos, e refazendo o mesmo traço que opera na criança para produzir um saber sobre o real do sexual.

Assim, Freud inaugura um modo inarredável de vincular o sexual com a teoria, permitindo a afirmação de que até a teoria é sexual (LEITE, 2008). Conseqüentemente, nada do conhecimento se constitui sem participar da fantasia de uma inscrição do liame social. É sexual também porque, um saber que teoriza<sup>70</sup> a inexistência da relação sexual requer a todo o momento estarmos às voltas com sua construção.

Vincular o sexual com a teoria demonstra o atravessamento da psicanálise pelo saber inconsciente, e por isso ela não se escreve numa linguagem douta e erudita, mas pela linguagem comum e corriqueira. Lacan acrescentou o conceito de sujeito como uma categoria essencial da psicanálise, mas sujeito é uma categoria moderna surgida com o advento da ciência. Esse aparecimento se dá quando pela primeira vez o saber se volta para o agente do saber. Ao duvidar sobre o próprio pensar sobre o sujeito, Descartes inaugura o *cogito* e faz da dúvida o seu método. Conjuntamente ao gesto de Galileu de abrir *o mundo fechado ao universo infinito*, a ciência moderna aparece e apresenta o aparecimento do sujeito, porém, sem operar sobre ele. A ciência é o resultado de um corte discursivo que rompeu com a *episteme antiga* e provocou um abalo nas maneiras de pensar.

A “ciência é, quando nasce, uma técnica sexual” (LACAN, 1964/1998, p.139). Essa conhecida frase de Lacan nos reporta ao aforismo de que a mulher não existe e nos lembra à ideia de que na ciência não há co-naturalidade, pois entre o sujeito e o objeto não há uma complementaridade. O inconsciente freudiano só se irrompeu por não possuir uma técnica sexual, e Lacan mostra que a estrutura do discurso da ciência tem uma similaridade com a estrutura do discurso da histeria. De uma determinada forma, a visão científica supõe uma dessexualização da abordagem do mundo.

A psicanálise é atravessada pelo universal e possui um método científico, a *associação*. Num trabalho psicanalítico, a elaboração<sup>71</sup> não é “saber científico”, mas sim uma mudança da posição do sujeito na sua pulsão. Ao reintroduzir o sintoma, a psicanálise subverte, pois se apresenta como um obstáculo à cientificização do tratamento psíquico. Por isso, Freud falou<sup>72</sup> em evitar o *furor sanandi*, pois o desejo de curar esbarra com algo fundamentalmente incurável, a pulsão, que não existe sem

---

<sup>70</sup> - Vale lembrar que teoria deriva do grego *theoria* que provém de *theorein*, significando olhar ‘através de’, e aquele que olha é chamado de *theorós* (espectador). Assim, *theo* (através) e *horós* (ver) - ver através da cena. Já *poesis* se refere à fabricação, ao fazer.

<sup>71</sup> - Freud, 1914/2006. *Recordar, repetir e elaborar (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II)*.

<sup>72</sup> - Freud, 1915/2006. *Observações sobre o amor transferencial (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise III)*.

linguagem. Só existe pulsão quando tem palavra, e mesmo quando a pulsão de morte não tem palavras. Ao apresentar o grafo do desejo, Lacan situa a pulsão “como tesouro dos significantes (...) que advém da demanda quando o sujeito aí desvanece” (LACAN, 1960/1998, p. 831).

O cientista não mexe com a causa, sendo a causa da ordem dos bruxos, mágicos e religiosos. Compreender é diferente de explicar – o primeiro compete às ciências humanas e o segundo as ciências naturais. O homem antigo transcendia de sua relação vertical com o mundo, ao passo que o homem moderno explica a partir da sua horizontalidade e coloca-se numa posição superior, o “super-homem” que não se espanta (*Thauma*) mais, produzindo *técnicas* explicativas que culminaram na “morte de deus”. A ciência moderna rompe com a compreensão e se funda sobre a explicação. Em *A ciência e a verdade* (1965/1998), Lacan afirma que o advento da ciência moderna não implica outra coisa que uma disjunção entre o saber e a verdade. A partir da leitura de Alexandre Koyré, conclui que a ciência se caracteriza pela forclusão do problema. Mas o sujeito em que opera a psicanálise “só pode ser o sujeito da ciência” (Idem, p.873), e por isso essa práxis permite se inserir no campo da ciência e recusar o rótulo das chamadas ciências humanas, “não há ciência do homem porque o homem da ciência não existe, mas apenas seu sujeito” (Idem, p.873).

Essa *equação dos sujeitos* nos informa que os dois, o sujeito da ciência e da psicanálise, constituem apenas um, dado suas correlações históricas, e conduz-nos ao *axioma do sujeito*: que existe algum sujeito e este é diferente de toda forma de individualidade empírica, de um eu com qualidades. Assim, esse não é um sujeito que possui uma substância, mas o contrário, um sujeito dessubstanciado. A psicanálise é o real tratando do real, como consequência da verdade como causa (Nome do pai), incluindo o real inapreensível pelo Universal.

No retorno ao texto freudiano, Lacan pôde mostrar os elementos fantasísticos e a lei do significante a partir da relação entre inconsistente (linguagem) e o sexual (corpo) na proposta de uma substância gozante. Diferentemente da substância extensa e pensante da filosofia, Lacan foi o primeiro a mostrar a lógica do funcionamento do significante com o gozo na dependência não toda com relação ao Falo. Colocando a linguagem em relação ao sexual, pôde mostrar o corpo falante numa aparelhagem de gozo e sustentar o estatuto do inconsciente. Além disso, mostrou que a linguagem funciona como uma suplência exatamente pela ausência de que algo falta, algo que é do real, isto é, da não relação sexual.

Impulsionado pela leitura de Levi-Strauss<sup>73</sup>, Lacan teorizou sua noção de simbólico que resultou na invenção do grande Outro, permitindo se separar de todas as concepções “pós-freudianas” da relação de objeto. Mostrando a não existência de uma determinação anterior à linguagem<sup>74</sup>, o sujeito é determinado por uma ordem simbólica intitulada como o “lugar do Outro”. A psicanálise, diferentemente do discurso da ciência, não participa do encobrimento do sexual na origem do saber, e por isso pôde subverter a epistemologia. Se a subversão existiu “em algum lugar e em algum momento, (...) é ter-se substituído o *isso gira* por um *isso cai*” (LACAN, 1972-73, p. 48), arrancando a função imaginária da “revolução” fundada no real.

Nas coletividades humanas sempre houve uma necessidade de esconder, velar, desmentir as partes malditas intrínsecas do humano, e como nenhuma perversão é pensada sem os interditos fundamentais, ou como uma circunstância do humano<sup>75</sup>, a sexualidade é submetida ao simbólico justamente como uma possibilidade de lidar com esse real do sexo. Claro que essa descoberta entrará em conflito com a moral, mas o que ainda assistimos é que até hoje vemos essa moral reinar nos saberes pedagógico, médico e psicologizante. Se falar de perversão é falar de sexualidade perversa repudiada, como se aproximar da sexualidade enquanto objeto de análise?

Em 1914, no artigo *Para introduzir o narcisismo*, Freud percebe que o eu do sujeito também se transforma em objeto sexual<sup>76</sup>. Mas, para tomar seu eu como objeto, o sujeito não pode estar identificado com ele, ou seja, há uma necessidade de destituição da consciência como o centro do pensamento. Se o eu pode ser objeto é por que ele não é sujeito, ou melhor, é sujeito barrado de todas as relações do sujeito com o objeto causa de desejo. Na fórmula da fantasia o sujeito é em todas as relações com o objeto *a*, assim, como no narcisismo o eu é objeto sexual, os investimentos nos objetos exteriores sofrem uma perda podendo deixar todo ser falante destituído subjetivamente, num nível do ser-para-morte de Heidegger.

Diversos termos trouxeram bastantes dificuldades no entendimento teórico da psicanálise, e no texto de 1917, *Uma dificuldade no caminho da psicanálise*, Freud escreve sobre a resistência à teoria da psicanálise. Nesse texto expõe que algumas dificuldades afetivas, “alguma coisa que aliena os sentimentos”, equivalem-se na

<sup>73</sup> - STRAUSS, C. L. “A eficácia simbólica”. In: *Antropologia estrutural*: Capítulo X. 2012.

<sup>74</sup> - “não existe metalinguagem” (Lacan, J. 1954-55) e, “não existe Outro do Outro” (Lacan, J. 1975-76).

<sup>75</sup> - Cf. p. 2. Ver Freud (1905a/2006, p. 152), Roudinesco (2008, p. 11) e Aristóteles (1979, livro III).

<sup>76</sup> - Cf. Cap.2.

dificuldade intelectual<sup>77</sup>, “onde falta simpatia, a compreensão não virá facilmente” (FREUD, 1917/2006, p.147). A dificuldade no trilhamento do saber psicanalítico é impulsionada pelo não saber. Esse saber não se transmite com facilidade, e por isso que Freud se comprometeu numa falha, numa elisão que apenas uma *revolução* poderia dar conta. Citando os três *golpes* ao narcisismo universal dos humanos, seu amor-próprio, Freud assinala três destruições da ilusão narcísica, onde a última, o terceiro golpe, foi de natureza psicológica, quando o homem deixou de se sentir superior dentro da própria mente.

Em determinadas doenças, o eu sente-se apreensivo e rebela-se contra os limites de sua moradia. Esses *estranhos* hóspedes em alguns momentos são mais poderosos que os pensamentos conscientes sob o comando do eu. Com isso, uma parte da atividade de sua consciência fica suprida de seu conhecimento e de seu comando. O eu fica bastante enfraquecido em sua defesa, pois necessita utilizar uma parte para combater os estranhos pensamentos, e a outra parte, ludibriada, não consegue concentrar a totalidade de seus pensamentos para dirigir sua consciência. O resultado é a rebeldia das pulsões sexuais que “assumiram suas próprias vias obscuras para escapar dessa supressão” (Idem).

Assim, o que está na mente do sujeito não coincide com o que está consciente, pois o que realmente acontece e aquilo que você não sabe que sabe, são duas coisas distintas; “Na verdade, você chega a considerar o que é ‘metal’ como idêntico ao que é ‘consciente’, mas muito mais coisas devem acontecer em sua mente, do que aquelas que chegam à sua consciência” (Idem). A novidade revelada pela psicanálise é de um saber não sabido por si mesmo. “Esse saber não-sabido é um saber que efetivamente se articula, que é estruturado com uma linguagem” (LACAN, 1971/2011, p. 23), pois esse saber é outra coisa, é inconsciente. Mas até hoje não se aceita essa subversão produzida na função da estrutura do saber, pois ela demonstra principalmente a questão concernente à ferida da ilusão narcísica – “o eu não é senhor da sua própria casa” (FREUD, 1917 e 1923/2006). De maneira igual mas sempre diferente, queremos

---

<sup>77</sup> - A ignorância “tem seu fundamento nas *resistências internas* que a provocaram primeiramente e que continuam a mantê-la”. (FREUD, 1910c/2006, p. 237).

nomear essa resistência aos que preferem os clichês ao trabalho que a experiência metapsicológica demanda a partir da clínica<sup>78</sup>.

Com a apropriação de clichês advém a exclusão do trabalho sem entrar no discurso analítico, e de que modo os clichês sobre a sexualidade perversa capturam os sujeitos e tornam vazios seus discursos? Não quero chamar *isso* de uma resistência à psicanálise, pois a resistência se verifica no exercício do próprio discurso, ou seja, só há resistência quando há trabalho, acarretando numa articulação com o discurso com a resistência constitutiva ao texto. Mas, com a apropriação de clichês banaliza-se um chavão ou um lugar-comum reduzido ao seu conteúdo.

Essas *estranhas (unheimlich)* noções, sexualidade perversa, pulsão e perversão, não se harmonizam por completo com as exigências egóicas e são inibidas, afastadas ou interpretadas equivocadamente; “a natureza secreta do estranho [...] não é nada de novo ou alheio, porém algo que é familiar e há muito estabelecido na mente, e que somente se alienou desta através do processo de recalque” (FREUD, 1919/2006, p. 258). De modo semelhante à amnésia traumática, a natureza do estranho exige uma inibição do eu e suspende um processo na metade do caminho, deixando de lado seu interesse em determinado momento antes mesmo da representação estranha e traumática. Não aceitando a refutação lógica, o *eu* aumenta sua resistência em todas as medidas, trazendo obstáculos que influenciam na sensibilidade do sentimento; “... não ficaria surpreso em ouvir que a psicanálise [...] tornou-se estranha para muitas pessoas” (Idem, p. 260). Mas, para tentar ir ao encontro dela, será preciso aceitá-la em sua estranheza.

Falar desse deslocamento do eu que recusa o material recalado e produz uma espécie de divisão *estranha* no campo da verdade insere-nos no domínio da crença. No *Rascunho N*, Freud apresenta a crença (e a dúvida) como “um fenômeno que pertence inteiramente ao sistema do eu (o *Cs*) e não tem contrapartida no *Inc*” (31/5/1897). No caso, o material da crença é deslocado e recusado ao recalado, transpondo a crença para o material que executa a defesa. Por isso que Lacan, no *Discurso aos católicos* (1960/2005, p. 24), afirma que é de “um” saber que se trata na crença, mas não há recalque no que concerne às crenças.

---

<sup>78</sup> - “Tive a impressão de que minha obra *A interpretação de sonhos* produziu entre meus colegas mais ‘desencanto’ do que ‘iluminação’, e sei que em vastos círculos de leitores se contentaram em reduzir o conteúdo do livro (‘realização de desejo’) a um clichê que se retém com facilidade e se empresta a cômodos abusos”. (FREUD, 1905a/2006, p. 151).

A crença suscita diversos problemas, pois é comparável em diferentes domínios e possui grande extensão em seu campo. Encontramos nesse assunto fatos que encontramos em toda parte, tanto na vida cotidiana das pessoas, como na clínica psicanalítica. A psicanálise encontra constantemente problemas relacionados à crença, entretanto, por mais que Freud tenha falado dele do início ao fim de sua obra, deixando um artigo inacabado em 1938, abriu um caminho difícil de sustentar, mas ainda muito pouco desvendado.

Foi em 1927, no problema do fetichismo, que Freud de fato abriu a problemática da crença com a noção de *Verleugnung* – desmentido ou renegado – processo que intervém na constituição do fetichismo. Para a perversão fetichista, a crença é no falo materno como um repúdio da realidade que sofre os efeitos do recalco e do desejo inconsciente, mas que nada tem em comum com o recalque. Ela pode ao mesmo tempo ser abandonada e conservada de acordo com seus interesses. Na descoberta da realidade, há um momento traumatizante e de estranheza (*unheimlich*), e o sujeito, imune a reflexões, atua sua crença no que sabe, mas que não quer saber. Mas aqui é importante evidenciar esse domínio da crença na relação sexual e no repúdio da sexualidade perversa polimorfa.

*Sabemos* que o *eu* não é senhor de sua própria moradia, mas apreendermos o caráter primordial do saber de que a criança é um *ser-para-o-sexo*, também é uma necessidade permanente. Mas esse saber de que se trata não se transmite com facilidade, favorecendo nossos deslizamentos pela própria resistência, crença, esquecimento e recusa. Aceitar essa novidade de um saber não sabido, esse saber de outra coisa, mostra que não podemos deixar noções tão importantes serem ofuscadas por resistências que contradizem a teoria psicanalítica. Seria congruente nomear esse fato de *golpe moral*<sup>79</sup>?

### 3.2 – A ética da psicanálise

Em 1959, Lacan salientou que a ética era o instrumento mais apropriado para evidenciar o que a psicanálise trouxe de novo, colocando em evidência a originalidade e

---

<sup>79</sup> - Alusão aos três “golpes ao narcisismo humano” – golpe cosmológico, golpe biológico e golpe psicológico.

a *revolução* de pensamento no efeito da experiência freudiana. Marcando que poderia ter dito *moral*, Lacan fala de *ética*, mesmo sabendo ser impossível desconhecer que estamos mergulhados nos problemas morais.

A direção que o movimento psicanalítico tomou após a morte de Freud foi a principal crítica de Lacan e o início de seu ensino. Denominando seu ensino de “retorno a Freud”<sup>80</sup>, faz uma crítica aos pós-freudianos e sua “figura autônoma do eu” para mostrar o rumo que a psicanálise tomou. A “psicanálise pós-freudiana”, refere-se a uma geração de psicanalistas que, após a morte de Freud, deturparam seu ensino com “sua apreensão fantasiada do mundo” (LACAN, 1953-54/2009, p.24). Nessa perspectiva moralizante em que a psicanálise enveredou, que rumo o discurso sobre perversão adquiriu no decorrer da história da psicanálise?

Pensando os “perversos” como incuráveis ou submetidos à análise sob uma pretensa normalização da sexualidade, a IPA proibiu a prática com os perversos em todas as sociedades integrantes e provocou uma *etificação da psicanálise* (ALLOUCH, 1997). Os pós-freudianos não consideravam a pulsão de morte e conduziam uma análise que se reduz à identificação do analisando com o analista. Esse tipo de “terapia” conduziu os psicanalistas a reduzirem sua prática em direção a um fim de harmonia, o que evidencia o caminho moralista que a psicanálise tomou, relegando essa práxis apenas ao objetivo de apaziguar a culpa, como se fosse apenas uma forma de domaço do gozo perverso (LACAN, 1959-60/2008, p.15).

Voltando frequentemente ao tema sobre o antagonismo entre civilização (*kultur*) e a vida pulsional<sup>81</sup>, Freud pode perceber que quanto maior a repressão, maiores serão as consequências psíquicas nocivas, aumentando a frustração com a necessidade de satisfação. Freud realocou o gozo em seu lugar central para mostrar que tudo ao longo da história apresentou-se sob o signo da moral, e toda formação humana tem, por essência, a função de refrear o gozo. Dogmatizar a teoria em nome de um ideal ou uma moral é utilizá-la como uma técnica para ditar a normatização da circulação do desejo. Não é da ordem dos psicanalistas impor seus valores e visões de mundo a partir de suas preferências sexuais, pois assim, quem fará o papel de perverso será o analista. A experiência freudiana mostrou que o perverso estrutural desafia o analista em sua ética e

---

<sup>80</sup> - Cf. 10.

<sup>81</sup> - *Rascunho N* (1897, p. 304); *Três ensaios* (1905, p. 250); *Observações sobre o amor transferencial* (1912, p. 167); *O futuro de uma ilusão* (1927); *Por que a guerra?* (1933) e *Mal-estar na civilização* (1930).

sua práxis, trazendo suas angústias e recusas da castração que permitem reeditar no real suas encenações.

Partindo dessa constatação, Lacan pergunta se seremos nós que daremos lugar de asilo, respondendo a uma demanda de não sofrer e ser feliz? Em *Mal estar na cultura*, de 1929, Freud afirma que a psicanálise não detém a fórmula da felicidade, nem para o macrossomo, nem para o microssomo, e demonstra que tudo que a civilização criou para encurtar o caminho em direção a sua felicidade, se não está fadado ao fracasso, pode gerar uma cota irreduzível de mal-estar. Citando os três ideais de conduta que irrompem em demasia na psicanálise, o amor humano, o ideal de autenticidade e o ideal da não-dependência, Lacan afirma que é sobre esses ideais que a psicanálise se diferencia de toda epistemologia anterior à Freud, principalmente pela psicanálise não comportar nenhum fim de harmonia.

Rejeitando a noção de um ideal harmônico ou do alcance da felicidade, Freud forneceu alguns subsídios esparsos em seu texto sobre a técnica, e afirmou que não devemos inculcar nossos ideais nos pacientes nem buscar modelá-los à nossa imagem, além de asseverar que não devemos querer o bem do sujeito, tendo-o apenas como um cirurgião que conduz sua operação com sucesso (FREUD, 1910/2006). Ademais, o nosso interesse “não se dirige de modo algum (...) para o caráter do paciente”, cabendo à psicanálise apenas revelar os mecanismos psíquicos desvelando os significados dos sintomas (FREUD, 1916/2006, p. 325). A própria experiência de Freud mostra que ele sempre esbarrou nos “restos”, na não educação das pulsões do eu, em algo que escapa, mas que foi capaz de reconhecer a sexualidade perversa polimorfa.

Seguindo seu itinerário proposto de retorno e após sua investigação sobre o desejo, Lacan desemboca no domínio da ética. É no próprio movimento de seu “retorno a Freud” que ele se vê nessa questão, “a metapsicologia é a ética de Freud” (LACAN, 1959-60/2008, p. 21). No seu ensino, o psicanalista percebeu que a experiência psicanalítica colocava questões relativas às nossas ações, aos nossos atos. Utilizando como contraponto a primeira grande obra sobre ética, *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, ele demonstra que a identificação com a herança da tradição aristotélica é carregada pelos pós-freudianos para à prática psicanalítica sobre uma perspectiva do ideal harmônico, o “bem supremo”.

Se Freud fala de “renúncia voluntária”<sup>82</sup>, Aristóteles, que trabalha a partir da ontologia como a *Filosofia primeira*, termina suas duas obras sobre a ética com o tópico da voluntariedade (*to hekousion*). *Ética a Nicômaco* é um estudo sobre a virtude constituída no âmbito das ciências práticas. A virtude se apresenta como um hábito, e sendo um hábito, este deve ser ensinado. O agente é o responsável pelas suas ações na virtude, o que mostra a necessidade de um estudo do tópico da voluntariedade (*to hekousion*). O tema central da obra é o bem, o “bem supremo e universal”, e viver bem para o homem é investigar o que é uma boa vida – bem viver / felicidade (confusão na tradução) – “nosso objetivo é tornar-nos homens bons, ou alcançar o grau mais elevado do bem humano. Este bem é a felicidade; e a felicidade consiste na atividade da alma de acordo com a virtude” (Livro I). Assim, o fim sempre tende para o bem e toda escolha é deliberada, pois o agente é o responsável e a origem das ações e escolhas, sendo a ação o lugar fundamental que torna o homem o que é.

Referindo-se ao “homem vulgar”, Aristóteles afirma que, se viver bem fosse simplesmente viver uma vida prazerosa, então o homem não se diferenciaria de um animal (1095b, 15). Diferenciando uma vida de gozos, a “ação reiterada” definiria um modo de vida que seria a *boa vida*. Toda ação está inserida num contexto, e o “agir virtuosamente” está no discernimento desse contexto, ou seja, na escolha. Mas, o que se escolhe são os meios e não os fins, “deliberamos não sobre os fins, mas sobre as coisas que conduzem aos fins” (1112b, 15). A “escolha deliberada” envolve um nível de racionalidade e é o que está mais próximo da “virtude”, sendo por ela que discriminamos as ações que iniciam no voluntariado que faz suas escolhas. Nesse livro, crianças e animais partilham do voluntariado, mas não da escolha deliberada, pois nesta última há a razão. Se deliberarmos sobre os meios que nos conduzem aos fins, a questão ética também se encontra nos meios, ou seja, na contingência.

Assim, desejo e impulso (traduzido às vezes por apetite), possuem diversas distinções justamente por se relacionar com a atividade racional, mas é o desejo que decide os fins (livro V). Assim, é o desejo que assenta os fins atuando como o motor da ação que aparece no final, já que ele que escolhe “corretamente” o “bem escolher”. Portanto a virtude é uma disposição delimitada pela razão que aparece como um *meio termo* entre o excesso e a falta. A virtude está no meio (*meson*), e o homem virtuoso

---

<sup>82</sup> - Cf. 5. Para definir a “santidade”, Freud marca a “renúncia voluntária” de uma parte de sua liberdade sexual de “se entregar às perversões” (1950 [1892-99]/2006, p. 307).

deve conhecer o ponto médio, a justa medida das coisas para agir de forma equilibrada e prudente, pois no prudente não existe mal desejar.

Entretanto, quando Aristóteles, na *Ética a Nicômaco*, resolve ausentar a categoria dos perversos da possibilidade de uma ética, ele nos remete a uma perversidade, pois a voluntariedade não se apresenta como uma opção para a categoria dos perversos. A involuntariedade em Aristóteles apresenta-se pelo arrependimento, ao passo que a perversão enquadrar-se-ia no *não voluntário*, já que não passa pelo arrependimento e se abstém dele, “... todo homem perverso ignora o que deve fazer e de que deve abster-se, e por causa de tal *erro* os homens tornam-se injustos e, em geral, *maus*; pois a *ignorância na escolha deliberada* não é a causa do involuntário, mas da perversidade...”. (ARISTÓTELES, 1979, 1110b30, p.82). Ou seja, a perversão seria algo tão diferente estruturalmente que nem existe a possibilidade de uma “escolha deliberada”.

Em um tratado sobre ética que começa afirmando que todas as coisas tendem para o *bem* (ARISTÓTELES, 1979, 1094a, p. 49), a perversão encontra-se do lado da ignorância, já que todo mal é fruto da ignorância. “Bestialidade” e “perverso” são os termos que classificam uma categoria fora dessa ética, e por isso encontram-se fora da avaliação moral, ao passo que, para a psicanálise, é justamente o que constitui o próprio corpo de desejos sexuais. A ética da psicanálise se separa de toda a ética anterior exatamente por afastar o bom e mau hábito, inscrevendo-se nos registros dos traumas e de sua persistência. A essência do inconsciente freudiano não se inscreve no registro dessa ética aristotélica, pois esta é uma ética do caráter.

Lacan, numa interlocução entre os campos, mostra que essa obra sobre a ética ajusta-se como um ponto de partida para sua reflexão, como um apoio ou um contraponto da ética psicanalítica que está fundada no direito do desejo. Após esse breve resumo da *Ética Aristotélica*, observa-se que a reflexão sobre a experiência ética se refere ao enigma da própria ação como o fundamento da reflexão ética, e “que devemos fazer para agir de uma maneira reta, correta, dada nossa condição de homens?” (LACAN, 1959-60/2008, p.30). A originalidade da psicanálise evidencia-se por um pequeno passo fora dessa ética, por uma particularidade, pois sua experiência se apresenta de maneira diferente, com características de demanda, apelo e urgência.

Lacan mostra que a realidade da psicanálise não tem nada de racional, e a questão da felicidade para Freud se coloca sobre a economia da libido. Nesse seminário, Lacan ratifica que a realidade que trabalhamos é a do desejo (*wunsch*) e esta se

apresenta de modo imperioso num lugar além do sujeito que conduz sua relação com o mundo externo. Enquanto que na Ética de Aristóteles a atividade racional ou a escolha deliberada teriam como finalidade a felicidade através da virtude, para a psicanálise isso se apresenta justamente como seu avesso. O desejo e o prazer na forma que são trabalhados em Aristóteles são localizados fora da dimensão moral, mas para a teoria de Freud encontram-se como a experiência que funda a moral, no início propriamente dito de uma ética. A centralidade do desejo subsidia a própria dimensão da moral, e Lacan parte da tese que a lei moral se afirma contra o prazer (Idem).

Em *Além do princípio de prazer*, Freud mostra que esse princípio é uma *tendência* que gera um ideal de conduta para além do que se apresenta como um sentimento de obrigação, e opera numa função com o objetivo de liberar o aparelho mental de excitações. Essa função estaria relacionada ao esforço de retorno ao mundo inorgânico. O caminho que o sujeito percorre em sua busca de prazer está sempre marcado pelo muro do recalque, ocorrendo que algumas condutas acabam por gerar um profundo desprazer na consciência. Existe também uma parcela da experiência subjetiva que se impõe de maneira compulsiva no homem com uma necessidade irresistível, mas que não traz nenhuma possibilidade prazerosa de qualquer espécie (FREUD, 1920/2006). Com isso, não há nada que garanta ao sujeito um bom caminho na direção de seu bem, pois muitas coisas interrompem no seu caminho de prazer.

Lacan demonstrou a forma ao qual o inconsciente se apresentou para Freud, sempre esbarrando nos “restos”, na não educação das pulsões do eu, em algo que escapa, e por isso pôde reconhecer a sexualidade perversa polimorfa. Na noção de conflito inconsciente, a experiência psicanalítica aprofundou o universo da falta e percebeu sua mancha na reflexão moral, pois localizou no homem seu próprio ato que excede uma lei articulada. Se Freud afirmou que o “desamparo inicial dos seres humanos é a *fonte primordial* de todos os motivos morais” (FREUD, 1950[1895]/2006, p. 370), Lacan pôde complementar afirmando que a moral “consiste primordialmente na frustração de um gozo colocado como lei” (LACAN, 1959-60/2008, p. 27).

Mas essa experiência moral não está unicamente ligada à função do supereu e à exploração de seus paradoxos, ela é também aquela em que se resume o imperativo original da *ascese freudiana* - *wo es war, soll ich werden* / onde isso era, devo eu

*advir*<sup>83</sup>. Esse *eu*, deve advir lá onde isso estava em sua raiz, interrogando sobre o que quer, e é isso que merece o nome de experiência moral, “é a função fecunda do *desejo* no direcionamento da *ação humana*, que está no centro da discussão ética” (RINALDI, 1996, p. 68). Ou seja, justamente onde pareceria que a moral estaria numa posição antinômica do desejo, a articulação teórica mostra que é no próprio desejo que a gênese da moral se enraíza.

Essa descoberta que a experiência freudiana lançou sobre o desejo com seu caráter de perversão polimorfa, conduziu uma psicanálise reduzida e fixada aos ideais em direção a um fim de harmonia, e por isso, Lacan manifesta a necessidade de articular a psicanálise por uma via do real; “A questão ética, (...), articula-se por meio de uma orientação do referenciamento do homem em relação ao real” (LACAN, 1959-60/2008, p.23). Sem recusar sua tese de que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, Lacan dá ênfase à dimensão do real utilizando o objeto *a*.

Buscando no texto do *Projeto para uma psicologia científica* de 1895 e no artigo *A negação* de 1925, Lacan apresenta a noção de *das Ding* para falar da vivência de satisfação e entender o vínculo com o investimento do objeto. Em referência ao primeiro sistema de Freud no *Projeto*, ele é enfático ao dizer que nossa questão ética situa-se numa referência do homem em relação ao real, *das Ding* “no sentido de um aprofundamento da noção de real” (Idem). Para a satisfação ocorrer é necessária uma ação específica no mundo externo mediante um objeto. Com uma descarga permanente, o estado de tensão e/ou o desprazer seriam reduzidos e poderiam alcançar uma vivência de satisfação. Mas na busca de satisfação pelo objeto perdido, seu reencontro na realidade com as imagens mnêmicas do objeto percebido sofre diferentes combinações que nos revelam um reencontro precário. No texto de 1925, essa divisão ocorre em dois componentes, a coisa (*das Ding*) que se mantém constante, e o predicado que varia.

Apresentando a função do juízo com duas decisões, sua atividade visaria ou o *reencontro* do objeto primordial, ou a atividade *de se convencer de que ele ainda existe* (FREUD, 1925/2014, p.25). No *Projeto*, o objeto a ser reencontrado é o seio materno, e é aí que encontramos *das Ding*. Esse desejo original e incestuoso, o Outro pré-histórico, apresenta-se como um desejo proibido, e aqui Freud formula o fundamento da moral com a descoberta da lei fundamental produzida pelo próprio desejo. Com o desejo mais fundamental sendo o incestuoso, a lei da interdição do incesto estrutura uma distância

---

<sup>83</sup> - Lacan, em *A ciência e a verdade*, traduz: “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir”. (1965-66/1998, p. 878).

do sujeito a *das Ding* constituindo-se o princípio da consciência moral (LACAN, 1959-60, 2008, p. 88).

Essa experiência de satisfação está marcada pelo desamparo primordial que sempre é dependente do próximo, pois o bebê humano é incapaz de satisfazer-se sozinho na ação específica. Esse objeto não está na relação da identidade dos objetos e permanece inalterado. Escapando ao juízo, esse objeto é excluído da atividade do pensamento e carece de significado; “*das Ding* é originalmente o que chamaremos de fora-do-significado. (...) o sujeito conserva sua distância e constitui-se num mundo de relação, de afeto primário, anterior a todo recalque” (Idem, p.70).

Nessas duas formas de função de emitir juízo, - se o objeto tem ou não determinada característica denominada por *coisa*, e a confirmação ou refutação da representação dessa *coisa* na existência da realidade - observa-se que, na primeira decisão existe uma definição referente à qualidade do objeto mediante a presença ou ausência de certa característica ligada ao suposto objeto de satisfação, e na segunda decisão, o objeto qualificado como bom necessitaria de confirmação pela percepção da existência na realidade. Assim, esse objeto indizível e *estranho* ocupa um lugar central no sujeito, e é a partir dele que buscará o reencontro na realidade aliviando sua tensão. É nessa segunda função do juízo que o sujeito tenta reencontrar o objeto, o *das Ding* que estabelece um encaminhamento. Segundo Lacan, é nessa trama das representações, num *trilhamento (bahnung)*, que a imagem atua como ação auxiliar da ação específica.

Assim, observamos que a ética do caráter de Aristóteles comporta um certo ideal, ao passo que na psicanálise, com a ética a partir do real, comporta a dimensão do desejo e do sujeito com sua realidade que persiste em reaparecer. Essa ética aristotélica inicia-se no ato voluntariado, passando pela escolha deliberada (razão) *prazerosa*, que implica em um hábito (ação) que faz alcançar a virtude, felicidade, ou o bem supremo. Mas como deve ser uma escolha deliberada supostamente *prazerosa*, o problema da lei moral e do prazer se mantém nessa reflexão ética. “Por que, afinal, foi preciso que os éticos voltassem sempre ao problema enigmático da relação do prazer com um bem final, naquilo que dirige a ação humana enquanto moral? Por que sempre voltar ao tema do prazer?” (Idem, p.49). Justamente, diz-nos Lacan, pelo fato do prazer aparecer como termo oposto ao esforço moral, pois, “no funcionamento de nosso aparelho mental (...) o propósito principal se orienta pela obtenção do prazer” (FREUD, 1916/2006, p. 359).

Podemos perceber que a reflexão ética da psicanálise adquire toda uma nova fundamentação, e partindo de sua concepção da moral localizada num lugar diferente de

todos que se ocuparam da ética, mostra sua origem no próprio desejo. É da própria energia da instância moral atuante como censura que Freud formula a moral inscrita na própria constituição psíquica do sujeito de acordo com seu modo de obter satisfação. Em seu passo adiante na reflexão ética, a psicanálise mostra que não há bem supremo. Melhor dizendo, esse bem supremo é o *das Ding*, a mãe, o objeto incestuoso que é proibido. E por isso que nossa questão ética está em torno do desejo do analisando, possibilitado pelo desejo do analista em relação ao qual esse sujeito em análise será convocado a advir. Portanto, a psicanálise não se coloca numa função de fazer promessas de sucesso sobre o mal-estar, mas possui como proposta um tratamento que vise à mudança subjetiva.

Essa orientação ao real é também associada à dimensão trágica, que se apresenta como um impasse sobre os *paradoxos do gozo*, numa articulação entre desejo e gozo. Assim, ao invés da harmonia que os ideais preconizam, a experiência psicanalítica possibilita ao sujeito advir com seu gozo e mostrar nessa via trágica a esfera conflituosa do desejo. É nesse lugar de harmonia que Lacan aponta para o gozo, sinalizando que a ética da psicanálise implica a questão do gozo. Mas não há ética do gozo, pois o campo do gozo não coaduna com a ética.

Apresentando a inovação que a metapsicologia freudiana trouxe no terreno da ética ao articulá-la ao desejo, Lacan percorre por diferentes conceitos que são trabalhados e explorados num corpo teórico em desenvolvimento, demonstrando que a psicanálise torna-se apenas seu efeito. Com o avanço de sua reflexão à conceituação do gozo, e principalmente na relação do gozo com a ética, podemos observar uma ética relativa ao discurso. Quase dez anos depois de marcar a originalidade de Freud no pensamento ético, Lacan afirma a emergência de um *novo* discurso – o discurso psicanalítico;

Há um deslocamento na concepção lacaniana sobre a ética que desemboca no *Seminário 20*. Se no seu *Seminário* sobre a ética privilegiou a organização de uma lei simbólica culminando na concepção do gozo impossível de *das Ding*, no seminário *Mais, ainda*, destacou o gozo do corpo como “não-todo” organizado pelo simbólico. Mas antes, vamos destacar o momento em que Lacan começou a delinear esse segundo movimento dentro da própria estrutura do falante dividido. “Freud tinha evidenciado que o ponto-chave, o centro da ética, não é outra coisa senão o que então fundamentei no meu último termo de três referências, categorias das quais fiz partir todo o meu discurso, a saber o simbólico, o imaginário e o real” (LACAN, 1968-69/2008, p 185).

Se através da ética a psicanálise pode ser pensada como um novo discurso, cabe a necessidade de definir o que é um discurso. Com uma noção inédita de discurso, no *Seminário 16: de um Outro ao outro* vemos o que será efeito do discurso analítico. A elaboração da problemática do gozo na estrutura contínua, mas o que antes se encontrava fora, no além do gozo, agora adota um elemento de dentro da própria estrutura, o *mais-de-gozar*. Tomando como equivalente da *mais-valia* de Marx, o *mais-de-gozar* vem caracterizar uma perda de gozo em função da articulação significante.

Nesse ano de 1968-69 dois passos concomitantes são apresentados, a função essencial do objeto *a* com a introdução do *mais-de-gozar*, e a proposição de uma noção de discurso que já é efeito do discurso analítico, permitindo simultaneamente suas formalizações. Sem o *mais-de-gozar* não é concebível o discurso analítico. Esse discurso que Lacan salientou, o *novo* discurso, foi efeito de um discurso que o sustentou e que era sustentado por um outro discurso, ou seja, essa operação foi puro efeito do que atua nele.

Com a introdução desse *novo* discurso, algo muda na relação com o gozo, que nesse momento do ensino é situado na estrutura<sup>84</sup>. Foi numa nova relação de saber e gozo que a emergência de um novo discurso foi possível. O que determina, inclusive, um discurso, é sua relação do saber com o gozo. Com um discurso algo se torna pensável, e a própria realidade pensável já é um efeito do discurso. E foi articulando o campo da linguagem com o campo do gozo que Lacan afirmou que “não há discurso que não seja do gozo, ao menos quando dele se espera o trabalho de verdade” (LACAN, 1969-70/2009, p.74).

Apresentando a inconsistência do Outro com a decorrente produção do *a* e o *mais-de-gozar*, Lacan marca que é com a psicanálise que podemos articular outros discursos. Aliás, é isso que possibilita o discurso analítico articular-se aos demais. E porque esse lugar privilegiado? Ao destacar a inconsistência do outro e mostrar que não há relação sexual, a psicanálise mostra tal articulação concernente ao real, e com a fórmula do impossível como real podemos discernir que o Outro não é consistente. Todo discurso é do semblante, daquilo que não existe, da inexistência da relação sexual. Essa inconsistência do Outro que a psicanálise revela determina uma multiplicidade de discursos, e de discursos que não se totalizam. E é o objeto *a* que entra no lugar de agente e constata a impossibilidade de dizer toda a verdade.

---

<sup>84</sup> - No seu “último ensino”, Lacan irá situar o gozo com o corpo.

Partindo dessas reflexões, observamos que um dos efeitos que a análise opera é a passagem de um discurso ao outro, com passagens, e não necessariamente a criação de um discurso. Se nenhum fenômeno psíquico pode ser reduzido a uma única forma discursiva, podemos dizer que a “ciência” de Lacan é a que opera nos furos, nos sistemas inconsistentes.

A perversão adquiriu uma conotação pejorativa de forte preconceito moral e normativa, e acreditamos que esse reencontro com a sugestão pelos *pós-freudianos* contribuíram ainda mais para ditar um “imperialismo da identificação”, na tentativa de ditar uma sexualidade enquadrada no normal. Essa “felicidade sem sombras” seria uma forma de objetificação que visa uma configuração adaptativa. Assim, não devemos dogmatizar a teoria em nome de um ideal e nem de uma moral, pois a psicanálise não se trata de uma técnica que dita uma normatização da circulação do desejo.

Não é da ordem dos psicanalistas impor seus valores partindo de suas preferências sexuais, mas saber escutar o discurso de um semblante da relação sexual que falta. O perverso estrutural desafia o analista em sua ética e sua práxis, trazendo suas angústias e recusas da castração que permitem reeditar no real suas encenações. A escuta do “discurso do perverso”, e de um “discurso perverso” requer um investimento particular do analista, mas, escutar seus motivos como uma demanda de análise é seguir a linha freudiana. Freud, no início de sua obra não atribuiu à perversão características permanentes ou definitivas; “é por este motivo que as perversões positivas são acessíveis à terapia psicanalítica” (Freud, 1905/2006, p. 239).

Considerar a sexualidade polimorfa é não se esquecer dos fundamentos básicos da obra freudiana, que não decorre de um princípio técnico, mas sim de uma disposição ética em suportar, na relação com o perverso, à castração que este lhe impõe. A ética da psicanálise está para além de qualquer juízo moral e sustentar o discurso de um paciente que questiona seu saber colocando-o à prova é a tarefa do analista. Podemos observar também que a psicanálise por si só já se assenta na subversão, pois esta não produz um conhecimento, e se conhecimento é uma metáfora sexual, ele não pode existir, pois a relação sexual não existe.

### 3.3 – Arte e sublimação

O caminho do ensino de Lacan vai seguindo um caminho que, poderíamos dizer, começa com a ética, passando pela arte, pelo ato e pelo discurso. Vimos com a ética o aparecimento de um *novo* discurso que Freud inaugurou e Lacan formalizou. Com a noção de sublimação, Freud pode explicar as obras criadas pelos homens, desde as realizações artísticas, científicas ou até esportivas, a partir da força sexual da libido. Ou seja, a energia do processo de sublimação vem da pulsão sexual, ao passo que sua conclusão é uma realização não sexual conforme aos ideais de uma determinada época.

O que é muito comum na bibliografia da psicanálise é encontrar exemplos de perversão não através dos casos clínicos, mas sim das referências artístico-literárias. Freud e Lacan retiraram do campo da Arte seus principais exemplos, reconhecendo a relação entre o campo da perversão e a arte. Se o primeiro concebeu o conceito de mãe-fálica e sublimação, noções importantes ao tema, no ensaio sobre Leonardo da Vinci, o segundo polarizou o desejo e o gozo, promovendo a distinção entre sujeito e objeto, nos textos de Gide e Sade. Mas por que será que isso se deu? Será que os registros desses discursos perversos não puderam ser divulgados? Ou foram reprimidos em determinado tempo-espço e não puderam ser “escutados” diante do escândalo que apresentavam?

O ato criador literário e o fantasiar sempre intrigaram Freud, que averiguou como um poeta possui seus materiais provocando sentimentos nostálgicos ou que os espectadores jamais sentiram. A partir da teoria da libido, Freud percebe que o *eu* assume a defensiva, que nega às pulsões sexuais a satisfação que aspiram e força caminhos diferentes para uma satisfação substitutiva. Se defendendo da irrupção do sexual, a sublimação aparece como uma modalidade de defesa oposta à descarga direta da pulsão. Por isso ela representa duas abordagens complementares, sendo a expressão mais elaborada e socializada da pulsão, como também um meio de defesa dos excessos da vida pulsional.

Jorge (2010), explicita que a partir da fala de Lacan nas “Conferências norte-americanas”, o ensaio sobre a *Gradiva* de Freud testemunhou sua tentativa de “ver na arte uma espécie de testemunho do inconsciente” (LACAN apud JORGE, 2010, p. 39). Mas ressalta, antes de significar uma tentativa de analisar o autor através da obra, se utiliza da arte como um testemunho do inconsciente que permite acesso às

manifestações desse saber que não se sabe que sabe. O aprendizado é do psicanalista com o artista sobre o inconsciente deste.

A primeira vez que Freud fala em sublimação aparece já em suas cartas para Fliess, no *Manuscrito L*. Referindo-se como uma defesa para evitar a rememoração da cena sexual, a histérica sublima a lembrança desagradável através de uma fantasia mais tolerável. Ou seja, a sublimação aparece como uma modificação necessária para lidar com a moral de uma lembrança amoral, “grande parte das forças suscetíveis de utilização em atividades culturais são obtidos pela supressão dos chamados elementos pervertidos da excitação sexual” (FREUD, 1908/2006, p. 175).

Capaz também de elevar um objeto narcísico e imaginário à dignidade da coisa, Lacan marcou que esses objetos desprovidos do sexual que correspondem aos objetos sociais elevados, são subjetivamente internalizados sob a forma do ideal do eu. Sua fonte provém de uma zona erógena sexual, assim como todas as pulsões, mas seu alvo e seu objeto não são sexuais, mostrando a capacidade de plasticidade da pulsão para mudar de objeto. Articulando uma desmontagem da pulsão, Lacan procede a uma “dialética do arco”, apresentando o estatuto do objeto em jogo na pulsão.

Desde os *Três ensaios* um caminho entre a perversão e sublimação vai se formando, para, no ensaio sobre Leonardo e na via da sublimação, pensar a criação como resultado da sexualidade perversa, e não como um simples sintoma neurótico. Ao localizar e corroborar essa ligação da perversão com a arte, em 1910, mostrou que a criação, pela via da sublimação, tem como fonte a sexualidade perversa. A criação passa por um modo particular da pulsão obter satisfação, elevando seu objeto à dignidade da coisa.

Dotada de uma capacidade de sublimação, a pulsão sexual substitui seu objeto imediato por outros desprovidos de caráter sexual e socialmente valorizados; ou seja, a pulsão sexual obtém uma satisfação que *dribla o recalque* e responde à exigência pulsional, inventando e contornando um novo tipo de objeto (parcial) nas relações do sujeito. Por esse caminho, legitima sua questão no terreno da pulsão, do objeto, da fantasia, do desejo e do gozo.

Freud (1905, p. 153) utilizou a citação “do céu ao inferno através do mundo”, de Goethe, para falar da sexualidade e afirmar que é nas perversões mais abjetas que se reconhece a mais considerável participação psíquica na transformação da pulsão sexual. Nessa elucidação do mistério da criação, que substituí o objeto imediato da pulsão, Freud destaca que a sublimação, além de ser uma defesa contra a pulsão é também um

produto desta. Portanto, a sublimação constata a realização dos fatos civilizatórios. Por isso que fez-se necessário apresentar os movimentos<sup>85</sup> e obras que abarcaram diversos setores do *processo civilizatório* ao qual estamos imersos.

### 3.4 – O sexo tecnológico e sua multiplicidade infinita

A metapsicologia da perversão, desde Freud, tomou diversas direções desde a descoberta da sexualidade humana perversa: a perversão polimorfa (como predisposição natural da sexualidade infantil), a perversão como desvio (quando adquire o caráter de exclusividade e fixação), a perversão como modelo estrutural da fantasia. Ao associá-la ao fetichismo, Freud distingue seu mecanismo – a *Verleugnung* (desmentido) – dando a ela um estatuto metapsicológico. Lacan a insere na lógica fálica, mostrando que o objeto fetiche vem no lugar do *phallus* materno, desmentido da falta na mãe. A vertente ética de discutir a perversão como imperativo categórico de Sade – de fazer gozar – abre caminho para se pensar a perversão como laço social, como uma montagem e como uma possibilidade de discurso próximo ao discurso capitalista.

Se Foucault marcou o nascimento da clínica como a passagem do olhar para o corpo, a irrupção da clínica da fala marca, também, certo desvencilhamento, porém, dá observação científica positivista da época. A palavra do sujeito mostra que, além da verdade ser sempre mentirosa e impossível, cada um de nós é ou já foi um perverso polimorfo. Diferentemente da psiquiatria, é no lugar do rejeitado que a psicanálise opera, e Lacan propôs repensar esse saber psiquiátrico à luz do modelo do inconsciente freudiano. Como Freud genialmente soube definir de maneira não estática a sexualidade, mas em forma de ensaios<sup>86</sup> com uma prosa livre, alçando-a a um tema feito em profundidade e sem esgotá-lo, pôde mostrar que a sexualidade está em constante abertura, em experimento, em teste e em constantes arranjos.

Levantando o *Manifesto contrassexual*, com o subtítulo “Práticas subversivas de identidade sexual”, Beatriz Preciado afirma que contrassexualidade é o fim próprio “da natureza como ordem que legitima a sujeição de certos corpos a outros” (PRECIADO,

---

<sup>85</sup> - Cf. capítulo 1.

<sup>86</sup> “O ensaio não tem risco. Quero dizer que podemos deixar livre curso às nossas hipóteses, desde que preservemos o nosso julgamento crítico, e que não tomemos o andaime pelo próprio prédio.” (Freud, 1900/2006, p. 566. Tradução em Lacan, 1953-54, p. 104).

2014, p.21), renunciando não apenas uma identidade sexual fechada, mas também o contrato social determinado pelo “natural”, com um reconhecimento de si mesmo como corpo falante que reconhece outros corpos falantes, permitindo uma análise crítica da diferença de gênero e sexo como produto do contrato social heterocentrado.

Mais além do princípio desse saber, novas formas de pensar, vivenciar e desconstruir a sexualidade apareceram graças a novas tecnologias de incorporações protéticas que se fazem passar por naturais, “mas que estão em processos de transformação e de mudanças constantes” (PRECIADO, 2014, p.166). Retirando o termo *contrassexual* da filosofia de Michel Foucault, esse conceito afirma que a forma mais eficaz de resistência ao tipo de produção disciplinar da sexualidade é a contraproduktividade, permitindo à assunção de formas polimorfas de prazer-saber diferentes da sexualidade moderna.

Percebendo uma “transformação capital: a tecnologia do sexo”, Foucault (1988, p.128) mostra que a “carne” foi transferida para o organismo numa mutação que separou a medicina do sexo da medicina do corpo<sup>87</sup> em geral. A partir do século XIX aparecem tecnologias médicas do sexual, possibilitando o começo de uma “ortopedia” específica do sexo. Permitindo uma autonomização do sexo em relação ao corpo, foi possível abrir caminhos para novas transformações “médico-psicológico das perversões”, que ainda ocupam o lugar das categorias morais da devassidão e extravagância (FOUCAULT, 1988, p.129).

Situando-se fora das dicotomias homem-mulher, masculino-feminino, homossexualidade-heterossexualidade, essa *contrassexualidade* afirma que “no princípio era o *dildo*” (PRECIADO, 2014, p.23), entendendo que o pênis apareça num *a posteriori*, num só-depois que identifica os traços daquilo que já é o fim do corpo natural. Recorrendo à noção de *suplemento* de Jacques Derrida, o *dildo* produz, senão incorpora, o que supostamente complementa. Definindo a sexualidade como tecnologia, os diferentes elementos do sistema sexo/gênero não são mais do que objetos, máquinas, instrumentos, aplicações, conexões e aparelhos, onde o orgasmo, a excitação sexual e até o desejo não são nada além de produtos que remetem a determinada tecnologia sexual. Adotar essa nova forma de manifestação implica a desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero, proclamando uma

---

<sup>87</sup> - Cf pág. 15. Dimensão somática e psiquiátrica.

equivalência dos corpos falantes edificados à busca do prazer-saber. Assim, “a contrassexualidade é” (PRECIADO, 2014, p.21).

Tendo por objeto de estudo as transformações tecnológicas dos corpos sexuados, a contrassexualidade resitua as construções psicológicas e sociais do gênero como mecanismos e estratégias de um sistema mais amplo que supõem o sexo e a sexualidade como tecnologias sociopolíticas complexas. Referindo-se de maneira corrosiva ao “falocentrismo ocidental” (mesma crítica que Derrida faz à metafísica), o manifesto propõe pensar a “golpes de dildos” para uma trivialização do pênis. No sentido de desnaturalização e desmitificação, sua tarefa prioritária é o estudo de instrumentos e de dispositivos sexuais nas suas relações de sexo que se estabelecem entre corpo e máquina.

Mas, afinal, o que é um dildo? Numa pesquisa histórica, esse objeto relativo “à produção de brinquedos sexuais” (PRECIADO, 2014, p.197) data do século III a.C. Usado por muitas mulheres, ele era uma forma de compensar uma sexualidade sem cuidado específico ao prazer feminino, ou por mulheres que rejeitavam a presença dos homens, remetendo não apenas ao prazer, mas também a uma feminilidade masturbatória. Seu sentido principal e recorrente é “um objeto que é um substituto do pênis na penetração vaginal” (PRECIADO, 2014, p.199), ou, como prefere Preciado, “amor reflexivo”. Mais importante, todavia, é o profundo desprezo pelo pênis que *o autora* enfatiza, e numa paródia de brincadeira ontológica, mostra que o dildo não brocha, havendo ereção eterna apenas nesse objeto de referência para uma necessidade epistemológica de superação do pênis, que poderíamos chamar de “super-pênis”<sup>88</sup>, e aqui é artificial. O dildo é o objeto perverso por natureza.

Colocando o sexo como órgão e prática, Preciado desloca o sexo e a sexualidade do campo biológico e natural para enquadrá-los numa tecnologia de dominação heterossexual que reduz o corpo a zonas erógenas em decorrência de um poder de gêneros com afetos e sensações do corpo. Observa-se aqui que a dicotomia com a natureza não é mais a cultura, e sim a tecnologia<sup>89</sup>. Situando o sexo “como o último resquício da natureza” mostra como “o sexo é tecnológico” (PRECIADO, 2014, p.147), e a noção de tecnologia se encaixa numa categoria-chave para pensar as espécies, o gênero, a raça e a cultura. Sob a ótica da técnica como “espécie de micropoder artificial

<sup>88</sup> Referência ao “super-homem” de Nietzsche.

<sup>89</sup> Em sua etimologia, o termo *techné* (arte de fabricar, ofício) contrapõe-se a *physis* (natureza) e aloca o *instrumento* na mediação das oposições.

e produtivo” (PRECIADO, 2014, p.156), o sexo e a sexualidade não são os efeitos de proibições e repressões, mas o resultado de um conjunto de tecnologias produtivas com seu controle atuando pela produção de diferentes desejos e prazeres que se disfarçam como meras predisposições naturais.

Trazendo a ideia de robô e o corpo paradoxalmente preso entre o órgão e a máquina, o termo “orgânico”<sup>90</sup> não pode aparecer separado do “mecânico”. Representando o lugar de transferência de mão dupla entre o corpo humano e a máquina, *o autora* mostra o “momento sintomático” que vivemos da passagem do modelo de robô para o *ciborgue*. Esta nova máquina que não é mais um mero computador com um sistema matemático fechado, mas se diferencia por ser um sistema aberto e biológico, definindo-se como “um ser vivo conectado a redes visuais e hipertextuais que passam pelo computador” (PRECIADO, 2014, p.167). Aqui, a impossibilidade distingue o mecânico e o orgânico da junção da prótese ao corpo ou máquina.

Com a impossibilidade de delimitar fronteiras nítidas e visíveis entre o natural e o artificial, o “estatuto *bordeline* da prótese” (PRECIADO, 2014, p.164) ultrapassa o limite do mecânico. A prótese é muito mais do que a substituição do órgão ausente, é também a modificação e o desenvolvimento de um órgão com o suplemento da tecnologia. “Cada ‘órgão’ tecnológico reinventa uma ‘nova condição natural’ na qual todos nós somos incapazes” (Idem). Naturalizando essa união corpo–máquina como uma necessidade a ser tecnologicamente suprimida, uma “tecnologia ciborgue biossocial” aparece: o dildo que goza, pessoas que vivem com Aids, pessoas com hormônios, pessoas transgêneros, o sexo virtual, entre outros. A maior elaboração da tecnologia consiste exatamente em aparecer como *uma* natureza, e hoje “já somos ciborgues que incorporam próteses cibernéticas e robóticas. Não há volta” (PRECIADO, 2014).

A partir desses estudos, novas reflexões e inflexões se impõem na transdisciplinaridade com outros saberes. Um estudo que parte do *contra*, nos mostra que ele é tão quanto o que se diz ser *contra*, necessitando um debruçar mais atento às questões da contrassexualidade, pois a própria sexualidade ainda necessita esclarecimentos. Algumas conclusões são de suma importância para a continuação em

---

<sup>90</sup> A etimologia do termo “órgão” designa instrumento ou peça, e no livro *Organon* de Aristóteles, encontra-se a definição do órgão que tem “o sentido de ser um método de representação, um instrumento de saber” (PRECIADO, 2014, p.159).

impasses no campo da sexualidade, como a impossibilidade da dicotomia natural/tecnológico, o fetichismo, entre outros que mostram a urgência de deixar o moralismo de lado. Como falar nos dias de hoje da sexualidade perversa e da perversão? Se a perversão é, como seria com a contrassexualidade que tem a tarefa de identificar os espaços errôneos, ela deixaria de ser? Ou seria exatamente ao contrário, uma reafirmação da posição perversa? Falar de contrassexualidade seria por si só uma maneira perversa de ser? A perversão poderia ser a “falha constitutiva” operando como exceção que confirma a regra da natureza? Se a perversão já é “comum” (MELMAN, 2008) e as tecnologias desse século se caracterizam cada vez mais por agir como suplementos protéticos de uma função natural “pós-humana”, a perversão foi, ou é, ou será? Poderíamos afirmar que estamos voltando à ideia de um corpo de prazer idealizado como na antiguidade, mas agora com novos suplementos?

## CONCLUSÃO

Chegado o momento de concluir, verificamos ao longo dos três capítulos a dificuldade de sustentar a subversão freudiana. O próprio trabalho tomou um rumo diferente diante da grande confusão que o autor se deparou entre a sexualidade perversa e a perversão nos discursos em voga e na própria psicanálise. Enquanto algumas áreas ainda ignoram a subversão freudiana, outras, e infelizmente dentro do próprio campo Psi, não se separam de seus preconceitos e suas resistências impossibilitando o entendimento intelectual do que emocionalmente recusam aceitar. Dessa forma conduzem a psicanálise numa vertente terapêutica que esquece a ética do desejo, sem perceber que sem saber eles mesmos, se colocam numa posição tão perversa quanto seus analisandos que classificam de perversos.

Nos dias de hoje comenta-se constantemente a necessidade de instaurar novas práticas de atendimentos, “uma nova psicanálise”, mais aberta à escuta do mal estar contemporâneo e das novas formas subjetivas que apresentam sintomatologias inéditas da consequência dos “progressos” da ciência e do capitalismo selvagem. Os progressos da ciência continuam no rumo de uma reificação do humano transformando-o em um objeto de gozo na tentativa de levar a falência do Outro, símbolo da lei sustentada pelo Nome-do-Pai. A variação de um modelo teórico para o outro é bastante variável sobre o discurso perverso, e a perversão adquiriu uma conotação normativa e pejorativa com forte preconceito moral no reencontro da psicanálise com a sugestão, contribuindo para um “imperialismo da identificação” que tentava ditar uma “sexualidade normal”. Essa “felicidade sem sombras” seria uma forma de objetificação que visa uma configuração adaptativa. Mas o trabalho mostrou que, antes de “criar” novas formas, necessita-se antes, mais alguns retornos a Freud, assim como também um retorno a Lacan, que foi o *outro* que marcou, sustentou e *subverteu* a subversão freudiana.

Com novas formas de organização dos sistemas de parentesco, os defensores de uma ordem moral rejeitam essas formas, retrocedendo alguns séculos com os mesmos moralismos e levantando uma bandeira da sexualidade de condição naturalista do desejo a serviço da manutenção da espécie. Fala-se muito também sobre novas sintomatologias na contemporaneidade, considerada esvaziada da autoridade paterna com os ideais diferentes dos homens do tempo do “patriarcado”. Esforçam-se para comparar com a época judaico-cristão onde havia um consenso universal sobre a lei, e com valores éticos e morais diferentes de nossos dias. Mas esquecem da pré-história e da história

antiga e atual, quando afirmam que hoje, os parâmetros são determinados por grupos locais e/ou regionais que resolvem sua verdade de acordo com os interesses de cada paróquia. Mas como o trabalho mostrou em várias partes e principalmente no capítulo um, a verdade de cada local sempre foi determinado dessa forma. Toda forma de cultura tem sua configuração específica de lei, restando apenas ao incesto à única lei universal, possibilitando inclusive o fim do problema epistemológico da passagem da natureza para a cultura.

Por isso, não podemos generalizar, pois, como vimos, o universal sobre a lei nunca foi único, e Freud pôde dizer, desde 1905, sobre a necessidade que todo homem tem de transgredir um pouco a lei segundo seus próprios limites com o gozo. Um exemplo prático dessa afirmação é o texto *As 'exceções'*, onde o sujeito não resiste ao apelo de renúncia de alguma satisfação por ser uma exceção, que lhe permite o direito de um determinado ato que não submeteu à renúncia. Suas neuroses estavam ligadas por alguma experiência desagradável ou algum sofrimento experimentado na primeira infância em que eles próprios sabiam não ter culpa, e encaravam como uma desvantagem injusta e imposta. Assim reclamavam por privilégios como resultado de uma injustiça de outrora, “tenho o direito de ser uma exceção, de desprezar os escrúpulos pelos quais os outros se deixam tolher. Posso fazer o mal, já que a mim foi feito mal”. Todo exigimos uma reparação por antigos ferimentos ao nosso narcisismo” (FREUD, 1916/2006, p. 329).

Não podemos nos esquecer de que o Pai declina desde Freud, pois há castração – lugar circunscrito pelo sexo na psicanálise, e o que se deve considerar não é um declínio, mas a ampliação do conceito do Nome-do-Pai e sua pluralização empreendida por Lacan. A castração indica o impossível da relação sexual e a existência de um único significante para o sexual no inconsciente, o falo.

Afirmando que as leis se fluidificaram numa modernidade líquida, muitos teóricos da psicologia indicam que as leis não são mais sólidas como antes, mas se esquecem de que em momento algum, tirando a proibição do incesto, as leis foram imutáveis. Vale lembrar que a análise de Zygmunt Bauman é uma análise sociológica, e, da mesma forma que a psicanálise só pode ser acessível pelo método psicanalítico, a partir de uma elaboração, sua análise parte de um método sociológico. Com essa dissertação, podemos verificar que as circunstâncias humanas sempre estiveram numa equivalência com as perversões. Não duvidamos de que estamos em outro momento,

sempre estaremos, mas o ser humano nunca deixou de ser ou pensar diferentemente do que é.

Sabe-se que toda “classificação convencional” nunca será abrangente, e nesse momento em que novos casos fogem dessa classificação, poder voltar aos textos e conceitos fundamentais da psicanálise mostra-se tarefa urgente. Mesmo porque sempre existiram e continuaram a existir casos fronteiriços. Propõem que devemos construir um saber sobre a fenomenologia, mas, como vimos no capítulo dois, os fenômenos não são suficientes para demarcarem uma perversão. E, diga-se de passagem, Merleau-Ponty afirma que, da mesma forma que a psicanálise e a sociologia, “a fenomenologia só é acessível a um método fenomenológico” (PONTY, 2006, p. 2).

Hoje em dia, mais do que nunca, alguns teóricos insistem em partir do pressuposto teórico do trauma de sedução para desenvolver técnicas de atendimentos. A técnica nomeada como “revelação” visa o testemunho jurídico de crianças vítimas da violência sexual constituindo-se como uma prática pautada na primeira teoria do trauma de Freud. Nesta técnica podemos sublinhar que o trauma é levado em consideração a partir de sua objetividade e não em sua subjetividade, e realiza a leitura do inconsciente como indicador de realidade desconsiderando sua ficção. Essas tentativas de dissolução do sexual num trauma esquecem que a psicanálise freudiana foi fundada precisamente sobre o abandono da teoria do trauma da sedução, “não acredito mais em minha neurótica” (FREUD, 1897/2006, p. 309).

O discurso alarmante protagonizado nos dias atuais em relação às denúncias de abuso sexual, tiveram efeitos de uma paranóia coletiva em relação ao próximo. Ressaltamos que a característica mais marcante dos “abusadores”, segundo o perfil traçado pelos supostos especialistas, é o comportamento sedutor. Todos os suspeitos são, até que provem o contrário, abusadores.

Com a diferenciação do conceito de pulsão de instinto nos *Os três ensaios da sexualidade* (1905), Freud promove um corte epistemológico no entendimento da sexualidade e mostra que a criança é perversa polimorfa, apresentando a disposição perversa como parte integrante da constituição normal. Mas, “disposição” não é suficiente para qualificar uma perversão, pois esta só se constitui após uma série complexa de transformações da pulsão sexual.

Os autores Melman e Lebrun (2008), acreditam que o progresso da ciência determinou um homem materialista e cético. Este homem, buscando a verdade, negou a transcendência. Só que esses autores esquecem que essa é a tese da “morte de deus” de

Nietzsche, quando mostrou que a modernidade irrompeu na mudança de posição do Homem antigo para o moderno. Antes, este olhava para cima para obter o conhecimento, mas depois passou a olhar horizontalmente e negar toda transcendência. Nessa nova posição, o homem acha que pode explicar tudo pelo método e pela razão, esquecendo a negatividade e o sexual, que Freud pôde mostrar com o inconsciente e a sexualidade perversa polimorfa.

Cabe ainda pensarmos se hoje não estaríamos muito diferentes da pastoral cristã que trabalhou sob uma perspectiva de um ideal social-moral, como mostramos no capítulo um. Estamos num momento de psicologias das massas literalmente, com uma incapacidade de pensar diante de novas capacidades afetiva, mas não podemos nos esquecer de que a ética da psicanálise não irá regular o social.

Afirmando que essa nova sintomatologia é muito mais grave que a perversão cunhada por Freud, esse sintoma caminha para a dissolução de grupo em direção ao isolamento. Diagnosticam essa nova sintomatologia de “perversão ordinária”, que seriam as pessoas para quem não há questões íntimas, nem sentimentos de culpa e posturas interrogativas frente ao desejo do Outro, já que, para eles, não existe Outro do desejo. Com uma nova nosologia, surgem novos nomes e conceitos *limiaries*: psicose unplugged; perversão extrema; estado limite; psicoses dissociativas; borderline; casos limítrofes; psicose não desencadeada; psicose ordinária; perversão transitória, perversão psicotizante, perverso que escapa a psicose e suplência perversa na psicose.

Hoje, observamos nas ciências a desumanização dos humanos em geral para torná-los objetos da ciência, e não mais apenas dos loucos e dos perversos. Nessa *reificação* do homem, que o transforma em objeto de gozo, somos colocados diretamente na questão de estarmos imersos numa sociedade perversa. Devido à coisificação do humano, que resulta em efeitos que podem levar à falência do símbolo da lei sustentada pelo Nome-do-Pai – o Outro, numa suposta hipótese de sociedade perversa, alguns pensadores se propuseram em diagnosticar a contemporaneidade. Mas a resposta que a ciência tenta dar ao impossível posto pelo sexo, aparece num traço obsessivo endêmico e não sintomático. Portanto, tanto a discussão do declínio da função paterna, como o diagnóstico da sociedade perversa são questões atuais. Mas antes, cabe perguntar se a própria discussão se faz de um *tipo* de “discurso perverso” para dar conta ao que escapa à simbolização, tentando responder ao impossível posto pelo sexo.

Por isso, o trabalho constitui-se como uma oportunidade de tentar mostrar a urgência de voltarmos a debater e afirmar as subversões freudiana. Apresentando suas

descobertas da sexualidade infantil e da pulsão articulada pela linguagem, Freud mostra uma sexualidade humana não instintual que escapa a todas essas formas de classificação convencional. O sexo na contemporaneidade carece da dimensão da impotência, principalmente da impotência do discurso. A resposta à castração e as exigências do falo contemporâneo, giram em torno de uma obsessão de potência, e esse é o discurso dominante, satisfazendo aos seus propósitos. A nossa sociedade é uma sociedade onde a sexualidade tem a menor incidência possível da castração, equivalendo-se diametralmente na crença possível da potência.

E como pensar as perversões hoje? Com uma pluralidade de saberes se debruçando sobre o sexo e a sexualidade, novas reflexões e inflexões se impõem. Hoje, os estudos *contrassexuais* “que têm a tarefa de identificar os espaços errôneos” (PRECIADO, 2014, p. 27) são importantes para se pensar a “golpes de dildos” a sexualidade. Com a trivialização do pênis, o dildo é o objeto que promove uma ruptura epistemológica, pois não apenas substitui o *órgão*<sup>91</sup> ausente, mas também representa o desenvolvimento de uma modificação de um órgão vivo com a ajuda de seu suplemento tecnológico. Situando o sexo “como o último resquício da natureza”, no sentido de uma desnaturalização e desmitificação, “o autora” mostra que “o sexo é tecnológico”<sup>92</sup> e esclarece seus impasses. Na própria impossibilidade da dicotomia natural / tecnológico<sup>93</sup>, e não mais cultural, sanciona a urgência de deixar o moralismo de lado.

Se colocar na posição de analista, uma profissão impossível, é se colocar numa posição *estrangeira* por natureza, necessitando conhecer a lalingua do sujeito,. Para a psicanálise, “o que está ao alcance da mão é que a sexualidade faz furo na verdade [...] é o aspecto negativo que surge no que tange ao sexual (...) é disso que se trata em uma psicanálise” (LACAN, 1968/2006, p. 31). Furo que marca a sexualidade na sua relação com a castração, justamente ali, onde recai sobre certa falta/excesso na ordem do ser, nem os avanços da civilização e da ciência, que subjugam as forças da natureza, eliminam o caráter traumático da sexualidade. Mas no natural sempre existe um resto,

---

<sup>91</sup> - “Cada ‘órgão’ tecnológico reinventa uma ‘nova condição natural’ na qual todos nós somos incapazes” (PRECIADO, 2014, p. 165).

<sup>92</sup> - A noção de tecnologia encaixa-se como uma categoria-chave para pensar as espécies, os gêneros, a raça e a cultura (PRECIADO, 2014, p.147).

<sup>93</sup> - “o estatuto *borderline* da prótese” ultrapassa o limite do mecânico. A prótese é muito mais do que uma substituição do órgão ausente, é também a modificação e o desenvolvimento com suplemento da tecnologia. “Cada órgão tecnológico reinventa uma nova condição natural na qual todos nós somos incapazes” (PRECIADO, 2014, p. 165).

um errado que produz uma *bestialidade* antinatural (ou natural?), e exatamente para lidar com esse resto que simbolizamos.

Gesto inaugural, o olhar da psicanálise sobre a perversão atribuiu-lhe uma dignidade e retirou a perversão do limbo da condição humana ao afirmar que a sexualidade humana seria perversa em seu âmago. Ao longo do trabalho mostramos a diferenciação de perversidade, perversão polimorfa, estrutura perversa e ato perverso. Logo nos *Três ensaios*, Freud demarca os limites entre perversidade, perversão-polimorfa e estrutura perversa a partir do conceito de pulsão, e esclarece no resumo, “a disposição às perversões é a disposição originária e universal da pulsão sexual dos seres humanos” (FREUD, 1905/2006, p. 218). Com o conceito de fantasia, algumas mudanças etiológicas inseriram uma nova complexidade, pois a perversão infantil pode ser a base de uma perversão estrutural.

Vimos também que nem toda perversão implica perversidade e nem toda perversidade advém da estrutura perversa, já que encontramos os atos de perversão na neurose e na psicose. Os traços de perversão são condições às quais todo humano recorre para realizar sua vida erótica. “Desde os *Três ensaios* (...), em relação a instância da sexualidade, todos os sujeitos estão em pé de igualdade, desde a criança até o adulto (...) no que elas são pulsões parciais em relação à finalidade biológica da sexualidade” (LACAN, 1964/1998, p.167).

No coração dessa questão da relação do sujeito consigo mesmo, Freud mostrou com a psicanálise que um novo objeto para reflexão ética se impõe, colocando problemas inéditos à moral. Além de afirmar que a fonte primordial de todos os motivos morais é o desamparo inicial dos seres humanos (FREUD, 1895/2006), mostra que é justamente em decorrência da moral sexual civilizada que padecemos da “doença nervosa moderna”, ratificando o importante papel que a moralidade desempenha na estimulação da doença nervosa. Mas o desdobramento que mostrou em relação a moral é que esta consiste primordialmente na frustração de um gozo colocado como lei, como diz Lacan, “é o onto que está aqui” (LACAN, 2005, p. 27), na relação do sujeito com o ser em um vínculo de discurso, “é a tradição de uma condição que, de certa forma, funda o sujeito do discurso” (Idem).

Dogmatizar a teoria em nome de um ideal ou uma moral é utilizá-la como uma técnica para ditar a normatização da circulação do desejo. Considerar a sexualidade polimorfa é não se esquecer dos fundamentos básicos da obra freudiana, que não decorre de um princípio técnico, mas sim de uma disposição ética em suportar, na

relação não só com o perverso, a castração que este lhe impõe. A ética da psicanálise está para além de qualquer juízo moral e sustentar o discurso de um paciente que questiona seu saber colocando-o à prova é a tarefa do analista.

A política da psicanálise é a do *falta-a-ser*, correlata à ética do desejo que leva o sujeito a se confrontar com seu *mais-de-gozar* como indicação ética. Foi Lacan que pode retirar a perversão do campo do desvio e fazer dela um grande componente do funcionamento psíquico. Ao retirar a perversão do campo dos desvios sexuais e morais, o perverso deixou de ser classificado como intratável podendo ter acesso à prática psicanalítica que outrora o proibira, como a IPA fez com a homossexualidade. Fez dela uma verdadeira estrutura, podendo conferir uma espécie de desafio ou provocação permanente à lei. Para isso, utilizou a fórmula de *Kant com Sade*, fazendo do mal um equivalente do bem no sentido kantiano, mostrando a vontade do sujeito de se transformar num objeto de gozo oferecido ao grande outro. Mas o moralismo e a resistência persistiram inclusive dentro da própria IPA, excomungando Lacan pela sua subversão praticada no retorno aos textos de Freud. Foi Lacan, inclusive, que afirmou que “só os perversos sabem falar da perversão” (LACAN apud ALLOUCH, 1999), mas antes de falar dos perversos, necessita-se falar da sexualidade humana perversa, reconhecendo o ser-para-o-sexo.

Freud marca, tanto em 1905 como em 1915, que uma ligação estreita da pulsão com seu objeto se distingue pela “fixação”, e por isso os atos da perversão se destacam por repetitivos e intermináveis, com uma fixidez deixando o perverso escravo do gozo do Outro. No texto sadiano, o cumprimento do prazer como imperativo apaga a dimensão da alteridade, que traz a máxima universal de que toda ação teria o direito de gozar de outrem como instrumento do prazer. Lacan pensa a ética a partir da tese de Freud do objeto e da coisa, defendendo a obra de arte como o que possibilita o contorno ao vazio irrepresentável da Coisa. A sublimação é elevar o objeto à dignidade da Coisa, com isso, a arte tem a função de organizar e contornar o real. A arte seria uma forma de lidar com o vazio e a desordem, pois “... as manifestações da função sexual se caracterizam por uma desordem eminente. Não há nada que se adapte, quer se trate das neuroses ou das perversões, uma espécie de fragmentação, de explosão, de despedaçamento, de inadaptação, de inadequação” (LACAN, 1953-54, p.184).

Sabe-se que essa questão abarca um campo muito mais amplo do que pudemos trabalhar nessa dissertação. Desde a questão do campo do gozo e do desejo, da lógica da

sexuação, a pertinência da interpretação de Antígona<sup>94</sup>, a questão do Nome-do-Pai, o narcisismo, a pulsão de morte que trabalha diversas questões como seu caráter ambíguo de destruição e criação possível a partir do nada (*ex-nihilo*), entre outros. Mas esse enorme campo desconhecido que se abriu a partir de Freud com sua subversão, mostrou a dificuldade de transmissão de um saber insabido que, e por isso mesmo, deve-se voltar, aceitar e sustentar, sabendo sempre que a psicanálise pode muito, mas é impotente contra a estupidez.

---

<sup>94</sup> - “Eterna é esta lei: não haverá nunca, na vida dos humanos, glória ou poder que não traga em si amargura de alguma desgraça” Antígona. (SÓFOCLES, 2008, p. 102).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, S. A perversão, o desejo e a pulsão. *Mal-estar e subjetividade*. v. 5, n. 2, p. 341-360, set. 2005.
- ALBERTI, S; MARTINHO, M. *Sexuação, desejo e gozo: entre neurose e perversão*. v. 24, n. 1, p. 119-142, 2013.
- ALLOUCH, J. *A etificação da psicanálise: calamidade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Alo, Lacan? É claro que não*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.
- ANDRÉ, S. *A impostura perversa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- ARISTÓTELES. *Ética a nicômaco*. Os Pensadores. São Paulo: Abril cultural, 1979.
- BARTHES, R. *Sade, Fourier, Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BATAILLE, G. (1957) *O erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- BORGES, C. A revolução da palavra libertina. In: *A filosofia na alcova*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- BOURGUIGNON, A. *O conceito de renegação em Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- CANGUILHEM, G. (1966) *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- CARONE, M. *A negação: Sigmund Freud*. São Paulo, Cosac Naify, 2014.
- CECCARELLI, P. R. *As possíveis leituras da perversão*. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte, nº 36, 2011.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Classificação de transtornos mentais e de comportamento: Descrições clínicas e diretrizes diagnósticas*. Coord. OMS. Porto Alegre, 1993.
- CLAVREUL, J. *O desejo e a perversão*. Campinas: Papyrus, 1990.
- CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DELEUZE, G. *Sacher-Masoch: o frio e o cruel*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.
- DELEUZE, G; GUATTARI, F. Um só ou vários lobos? In: *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia*, Vol. I. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- DOR, J. *Estrutura e perversões*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- \_\_\_\_\_. *Estruturas e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991.
- ELIA, L. *Corpo e sexualidade em Freud e Lacan*. Rio de Janeiro: Uapê, 1995.

ESTÊVÃO, I. *Retorno à querela do trieb: por uma tradução freudiana*. Cadernos de Filosofia Alemã, nº 19, pp.79-106, 2012.

ERASMO, D. *Elogio da loucura*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

FERRAZ, F. C. (2000). *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FOUCAULT, M. *História da loucura: na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

\_\_\_\_\_. *Os anormais: curso no collège de France (1974-75)*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

\_\_\_\_\_. *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

FREUD, S. *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904)* Masson, Jeffrey Moussaieff (org.). Rio de Janeiro: Imago, 1986.

\_\_\_\_\_. (1950[1892-1899]) Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. I.

\_\_\_\_\_. (1950[1895]) Projeto para uma psicologia científica. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. I.

\_\_\_\_\_. (1898) O mecanismo psíquico do esquecimento. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. III.

\_\_\_\_\_. (1901) Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. VI.

\_\_\_\_\_. (1905[1901]) Fragmento da análise de um caso de histeria. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1905) Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1905a) Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. III.

\_\_\_\_\_. (1906[1905]) Minhas teses sobre o papel da sexualidade na etiologia das neuroses. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. VII.

\_\_\_\_\_. (1908) Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1908a) Fantasias históricas e suas relações com a bissexualidade. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1908b) Sobre as teorias sexuais das crianças. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. IX.

\_\_\_\_\_. (1910) Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1910a) Perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1910b) Psicanálise 'silvestre'. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XI.

\_\_\_\_\_. (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XII.

\_\_\_\_\_. (1912) Tipos de desencadeamento da neurose. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XII.

\_\_\_\_\_. (1913) Sobre o início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I) In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XII.

\_\_\_\_\_. (1914) A história do movimento psicanalítico. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1915) Os instintos e suas vicissitudes. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVI.

\_\_\_\_\_. (1916) Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1917 [1915]) Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1917 [1916-17]) Conferências introdutórias sobre psicanálise. Parte III. Teoria geral das neuroses. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIV.

\_\_\_\_\_. (1919[1918]) ‘Uma criança é espancada’: Uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1919) O ‘estranho’. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1919a) Prefácio a Ritual: Estudos psicanalíticos de Reik. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVII.

\_\_\_\_\_. (1920) A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1922) Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XVIII.

\_\_\_\_\_. (1923[1922]) Uma neurose demoníaca do século XVII. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1923) A organização genital infantil: Uma interpolação na teoria da sexualidade. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924) O problema econômico do masoquismo. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924a) A dissolução do complexo de Édipo. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1924b) A perda da realidade na neurose e na psicose. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX.

\_\_\_\_\_. (1925) *A negação*. Tradução: Marilene Carone. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

\_\_\_\_\_. (1925a) Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos. In: *Standard Brasileiras das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Vol. XIX.

FUNDACIÓN CAMPO FREUDIANO. *Rasgos de perversión em las estructuras clinicas*. Relatos presentados al sexto encuentro internacional Paris, 1990.

GAY, P. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GARCIA-ROZA, L. A. *Acaso e repetição em psicanálise: uma introdução à teoria das pulsões*. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

HELSINGER, L. A. *O tempo de gozo e a gozação: a temporalidade na perversão*. Rio de Janeiro: Revan, 1996.

HOMERO. *Iliada*. Tradução Haroldo de Campos. São Paulo: Arx, 2003.

JARRY, A. *Ubu rei*. Porto Alegre: L&PM editores, 1987.

JORGE, M. A. C. (2004) A travessia da fantasia na neurose e na perversão. In: *XIII Fórum internacional de psicanálise – As múltiplas faces da perversão*. Rio de Janeiro: Estudos de psicanálise, 2006.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: as bases conceituais*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. Vol.1.

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. Vol.2.

JULIEN, P. *Psicose, perversão e neurose: a leitura de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

\_\_\_\_\_. (1953-54). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. (1954-55) *O seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. (1955-56) *O seminário, livro 3: as psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1957-58) *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. (1958) A significação do falo. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 692-703.

\_\_\_\_\_. (1958-59) *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

\_\_\_\_\_. (1959-60) *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano [1960]. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 793-842.

\_\_\_\_\_. (1960-61) *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

\_\_\_\_\_. Kant com Sade [1966]. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p. 776-803.

\_\_\_\_\_. (1964) *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1968-69) *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1966) *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

\_\_\_\_\_. (1966) *O lugar da psicanálise na medicina*. Opção Lacaniana nº 32: 2001.

\_\_\_\_\_. (1967) Alocução sobre as psicoses da criança. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. (1967-68) *Meu ensino*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

\_\_\_\_\_. (1972) *Estou falando com as paredes: conversas na Capela de Sainte-Anne*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

\_\_\_\_\_. (1972-73) *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. (1979) *Abertura da sessão clínica*. In: Revista *Dizer* nº 13. Escola Lacaniana de Psicanálise.

LANTERI-LAURA, G. (1979) *Leitura das perversões: História de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.

LÉVI-STRAUSS, C. *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis: Vozes, 1982.

- MALEVAL, J. C. Suplencia perversa en un psicótico. In: *ANCLA #1 – Género o sexuación?* Revista de La Cátedra II de Psicopatología, n. 1, p.162-179. Universidad de Buenos Aires: 2007.
- MANNONI, O. *Chaves para o imaginário*. Petrópolis: Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. *Um espanto tão intenso: a vergonha, o riso, a morte*. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- MARTINHO, M. H. C. *Perversão: um fazer gozar*. Tese apresentada no programa de Pós-Graduação em Psicanálise. UERJ: Rio de Janeiro, 2011.
- \_\_\_\_\_. O perverso e a lei. In: CALDAS, H. e ALTOÉ, S. (orgs.) *Psicanálise, Universidade e sociedade*. Rio de Janeiro: Cia de Freud: PGPSA/IP/UERJ, 2011.
- \_\_\_\_\_. Bate-se numa criança: a cicatriz do Édipo. In: ALBERTI, S. *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Cia de Freud: CAPES, 2008.
- MENDONÇA, L. G. *Da perversão-polimorfa à estrutura perversa: um estudo sobre a possibilidade de haver 'mulheres' estruturalmente perversas*. Tese apresentada no programa de Pós-Graduação em Psicanálise. UERJ: Rio de Janeiro, 2015.
- MELMAN, C. *O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.
- MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MIELI, P. Uma nota sobre a diferenciação estrutural freudiana entre neurose e perversão. In: QUINET, A. e JORGE, M. A. C. (orgs.) *As homossexualidades na psicanálise: na história de sua despatologização*. São Paulo: Segmento Farma, 2013.
- PAOLI, C. *As faces do pai*. Tempo Psicanalítico. Rio de Janeiro, v.42.1, 2010.
- PRECIADO, B. *Manifesto contrassexual*. São Paulo: n-1 edições, 2014.
- OVÍDIO. *A arte de amar*. São Paulo: Círculo do livro.
- QUEIROZ, E. F. *A clínica da perversão*. São Paulo: Escuta, 2004.
- QUINET, A. *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia, e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- RINALDI, D. *A ética da diferença: um debate entre psicanálise e antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.
- ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Lacan, a despeito de tudo e de todos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SADE, M. *A arte de escrever ao gosto do público e Os crimes do amor*. Porto Alegre: L&PM, 2014.

\_\_\_\_\_. *Filosofia na alcova, ou, Os preceptores imorais*. São Paulo: Iluminuras, 1999.

\_\_\_\_\_. (1795) *Sade contra o ser supremo*; precedido de Sade no tempo. SOLLERS, P. São Paulo: Estação liberdade, 2001.

SÓFOCLES. *Édipo rei e Antígona*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

SUSINI, M-L. *O autor do crime perverso*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

VALAS, P. (1990). Freud e a perversão. In: *Ornicar?* , n° 39, 41 e 45. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

ZIZEK, S. *Arriscar o impossível – Conversas com Zizek*. São Paulo: Martins, 2006.